



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOLOGIA

SEBASTIÃO VICTOR OLIVEIRA ACIOLI DA SILVA

**PROFISSIONAIS DESVIANTES NO CONDADO: UM ESTUDO
SOBRE CARREIRAS**

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2015



SEBASTIÃO VICTOR OLIVEIRA ACIOLI DA SILVA

PROFISSIONAIS DESVIANTES NO CONDADO: UM ESTUDO SOBRE CARREIRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Rios Petrarca.

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2015



PROFISSIONAIS DESVIANTES NO CONDADO: UM ESTUDO SOBRE CARREIRAS

SEBASTIÃO VICTOR OLIVEIRA ACIOLI DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a. Fernanda Rios Petrarca (UFS / Orientadora)

Prof. Dr^a. Mariana Selister Gomes (UFS)

Prof. Dr^a. Laura Moutinho (USP)

Aprovada em ____/____/____

São Cristóvão (SE)

2015

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586p Silva, Sebastião Victor Oliveira Acioli da
Profissionais desviantes no condado : um estudo sobre
carreiras / Sebastião Victor Oliveira Acioli da Silva ; orientador
Fernanda Rios Petrarca. – São Cristóvão, 2015.
94 f.

Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade
Federal de Sergipe, 2015.

1. Socialização profissional. 2. Prostituição - Mulheres. 3.
Relações intergrupais. 4. Sociologia. 5. Estilo de vida. I. Petrarca,
Fernanda Rios, orient. II. Título.

CDU 316.625-055.2

*À Maria Conceição Oliveira e Antônio Macedônio,
cujas estrelas brilham no céu.*

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Papai do céu, que tornou possível mais essa realização em minha vida, mesmo quando eu já acreditava não haver mais meios para isso. Aos meus pais, Alberto Acioli e Eurídice Oliveira, que sempre zelaram, cada um a seu modo, por mim. Agradeço à minha amada Paula Araújo, anjinho que enfrentou (e ainda enfrenta) muitos desafios ao meu lado, dentro e fora do Mestrado. Agradeço à Fernanda Petrarca, por sua preciosa orientação e apoio. À Nelsinho e Dona Eide (e toda a família) que tanto contribuem e torcem para meu sucesso. Não posso esquecer do casais Maria e Junior (Gordo) e Vanessa e Maximus, que sempre estiveram ao nosso lado, inclusive nos momentos mais difíceis. Às famílias de Jonathas e Dona Marizete, Railsa e Willian, Mona e Ícaro, Seu Antônio e Dona Paixão por toda sua amizade, carinho e solicitude. Ao PPGS pela confiança, e à CAPES, cujo financiamento foi imprescindível. Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíam para isso, meu muitíssimo obrigado.

“Mas estamos menos interessados na pessoa que comete um ato desviante do que naquela que mantém um padrão de desvio por um longo período de tempo, faz do desvio uma maneira de viver, organiza sua identidade em torno de um padrão de comportamento desviante.”

Howard Becker, *Outsiders* (2008, p. 40)

PROFISSIONAIS DESVIANTES NO CONDADO: UM ESTUDO SOBRE CARREIRAS

RESUMO:

Essa dissertação tem como objetivo, mais amplo, analisar a carreira das mulheres que exercem o ofício de prostituta em estabelecimentos privados no Condado. O universo empírico consiste, portanto, na prostituição feminina adulta exercida em espaços fechados e não em ambientes abertos como é o caso da rua. De maneira mais específica, tomou-se como elemento central a compreensão de como alguém se torna prostituta, ou seja, quais são as etapas, os percursos e as contingências que contribuem para levar alguém a exercer esse ofício, e muitas vezes buscar o sucesso na carreira? Para dar conta dessa questão, esse trabalho se situa entre a sociologia dos grupos profissionais e a sociologia do desvio, uma vez que se trata da socialização e atuação em um grupo social que galga profissionalismo em uma atividade altamente estigmatizada e desviante e que envolve em seu processo a informalidade como pano de fundo.

Palavras-chave: Carreiras Desviantes, Socialização Profissional, Estigma, Interacionismo Simbólico, Prostituição Feminina.

ABSTRACT:

This thesis aims, broadest, analyze the career of women who exercise prostitute craft in private establishments in the Shire. The empirical universe therefore consists the adult female prostitution exercised in enclosed spaces and not in open environments such as the street. More specifically, it was taken as central to understanding how someone becomes a prostitute, that is, what are the steps, the routes and the contingencies that contribute to lead someone to exercise this office, and often seek success in career? To cope with this issue, this work is between the sociology of professional groups and the sociology of deviance, once it is the socialization in an occupation highly stigmatized and deviant and that involves in the process informality as a backdrop.

Keywords: Deviant Careers, Professional Socialization, Stigma, Symbolic Interaction, Female Prostitution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I:	17
DIMENSÕES TEÓRICAS E MODELOS DE ANÁLISE.....	17
1.1 - A BUSCA POR UMA DEFINIÇÃO DA PROSTITUIÇÃO	18
1.2 - A PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO	20
1.3 - O OBJETO E PROBLEMATIZAÇÃO	22
1.4 - CARREIRA E DESVIO.....	26
1.5 –UMA PROFISSÃO, UMA ATIVIDADE, UM NEGÓCIO	29
1.6 - AS RELAÇÕES DE SERVIÇO QUE ENVOLVEM A PROFISSÃO	31
CAPÍTULO II:.....	33
CONDIÇÕES SOCIAIS E HISTÓRICAS DO DESENVOLVIMENTO DA PROFISSÃO NO BRASIL	33
2.1 – DO PERÍODO COLONIAL	34
2.2 – DO BRASIL REPÚBLICA AOS DIAS ATUAIS	38
2.3 - O TRATO DO OFÍCIO NO BRASIL: AGENDAS DE ORGANIZAÇÕES E MOVIMENTOS	43
2.3.1. <i>Emergência das organizações e movimentos no Brasil</i>	43
2.4 - A PERSPECTIVA FEMINISTA	44
2.5 -UMA QUESTÃO DE SAÚDE E SEGURANÇA PÚBLICA	45
CAPÍTULO III:.....	48
UM OFÍCIO ENTRE CARGOS E POSTOS	48
3.1. UM OFÍCIO DE RUA.....	52
3.2. AS ESPELUNCAS: DE “INVERNINHOS” A “PINGA-PUS”.....	56
3.3. AS CASAS DOS MILAGRES	62
3.4. A PROFISSIONAL LIVRE	65
CAPÍTULO IV.....	68
CULTURA E CARREIRA NUM GRUPO PROFISSIONAL	68
4.1. A CULTURA DAS PROFISSIONAIS DESVIANTES	72
4.1.1. <i>A Profissional, a Comum e a Vadia</i>	74

<i>4.1.2. O Drama Social do Ofício: “estratégias de evitamento” e controle da violência</i>	82
<i>4.1.3. Um mundo a parte: isolamento e auto-exclusão</i>	91
4.2. A CARREIRA PROFISSIONAL	92
<i>4.2.1. As “Turmas” e o sucesso ocupacional</i>	94
<i>4.2.2. Um padrão de carreira: a profissional intérprete social</i>	100
<i>4.3.3. Etapas e Contingências</i>	101
CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107

INTRODUÇÃO

A prostituição feminina é considerada um dos ofícios mais antigos da história da humanidade. Das cortesãs do período medieval até as “mulheres da vida” nas cidades modernas do século XX, essa atividade desempenhou, ao longo da história, funções distintas e, com isso, diferentes percepções deste ofício foram construídas. Atualmente, percebemos um movimento em direção ao reconhecimento legal do ofício, promovido pelas organizações e associações de prostitutas fundadas, ao redor do mundo, para discutir a regulamentação, a valorização e o reconhecimento das “profissionais do sexo”. Nesse sentido, esta profissão suscita a indagação e a problematização sociológica em diversas direções.

Dadas essas breves considerações, essa dissertação tem como objetivo, mais amplo, analisar a carreira das prostitutas que exercem esse ofício no Condado. O universo empírico consiste, portanto, na prostituição feminina adulta exercida em espaços fechados e não em ambientes abertos como é o caso da rua. De maneira mais específica, tomou-se como elemento central a compreensão de como alguém se torna prostituta, ou seja, busca-se compreender quais são as etapas, os percursos e as contingências que contribuem para levar alguém a exercer esse ofício. Para dar conta dessa questão, esse trabalho se situa entre a sociologia dos grupos profissionais e a sociologia do desvio, uma vez que se trata de uma atividade profissional altamente estigmatizada e desviante e que -muitas vezes- envolve em seu processo, condições sociais também desviantes. Dentro deste quadro, por exemplo, um passado de experiências sexuais associadas à transgressão de normas constitui um dos

determinantes para entrada no ofício, como nos aponta boa parte da literatura sobre o tema (Pryen, 1999, Mathieu, 2007).

Assim, o ofício de prostituta envolve uma dupla estigmatização, pois, de um lado, não há reconhecimento e legitimação social da atividade o que conduz a situações de proibições total do exercício e um controle severo das práticas de prostituição. Isso pode ser observado no conjunto de medidas adotadas por alguns países para impedir, controlar e punir a realização desta atividade. Dentre os países que adota a proibição do ofício -considerando ilegal a prática de se prostituir, assim como a de possuir estabelecimentos onde se exerce a prostituição- está os Estados Unidos, com uma rigorosa lei. Outros países, como o Brasil, adotam a aceitação da prática individual, mas proíbem a prática de agenciar ou explorar a atividade sexual de terceiros. Na prática, o ofício recebeu uma definição como “profissionais do sexo” na classificação brasileira de ocupações (CBO), o que permitiu o exercício do ofício em bares, boates, na rua. Esta classificação também teve um efeito positivo na identificação profissional das prostitutas, que com frequência a mobilizam no seu repertório como uma estratégia para evitar a desclassificação e a desvalorização. Contudo, do ponto de vista da sociedade num sentido mais amplo, apesar do reconhecimento legal da atividade, ela preserva seu forte estigma social.

De outro lado, as próprias experiências sexuais iniciais das mulheres que ingressam no mundo da prostituição estão associadas à desaprovação social das suas condutas, por vezes definidas como “libertinas”, “liberadas”, até termos mais agressivos como “vadias”, “vagabundas”, “putas”. Esse é o caso do relato das experiências sexuais precoces ou consideradas moralmente inaceitáveis, como salienta Pryen (1999) em seu estudo, tais como: ter vários parceiros, ter uma postura sexual livre. É possível observar também através do relato das prostitutas, o caráter traumático das primeiras experiências sexuais, seja ele associado ao estupro, seja associado à exposição social ou a violência doméstica sofrida por pai ou padrasto. De qualquer forma, as primeiras experiências sexuais contribuem para uma primeira percepção do corpo e de seu uso. Essas questões

funcionam como condições anteriores à entrada no universo prostitucional e que nos permitem indagar sobre os determinantes que conduzem ao ofício.

Estas considerações vão em direção contrária a maioria dos estudos que continuam centrando o exame da prostituição nas condições de pobreza como elemento único e exclusivo para entrada no ofício. Desde o período colonial observa-se, na literatura historiográfica do Brasil, que as condições de desenvolvimento da prostituição sempre estiveram atreladas ao caminho traçado pelas mulheres em situação de pobreza. Sendo parte desse grupo mais amplo, pode-se perceber que o jogo de interações entre os grupos, do qual participam, propicia redes complexas que favorecem comunicação, troca de experiências e representações. Esse cenário evidencia a ineficiência de estudos que se prendem ao plano estrutural, na busca de causas para determinados fenômenos, desconsiderando os indivíduos como parte ativa na produção de significados.

Esta dissertação se propõe a dar uma dimensão maior ao fenômeno, haja vista que “desconsidera” o ponto de vista oficial das agências de controle do Estado e ao mesmo tempo se afasta dos arquétipos que limitam a nossa compreensão na medida em que a complexa interação social que ocorre entre diversos grupos e atores sociais envolvidos num mesmo fenômeno é ocultada pelas fronteiras e barreiras que se estabelecem como principal atributo das categorias de análise.

Diante do exposto, para melhor exposição dessa problemática e objeto de análise, essa dissertação está dividida em quatro capítulos essenciais. Cada capítulo é composto por uma problemática específica, a qual compreende a uma dimensão da grande questão dessa dissertação, e uma metodologia própria adequada ao objetivo. No primeiro capítulo, trata-se de apresentar o referencial de análise e como essa problemática proposta só pode ser entendida a partir da consideração tanto dos estudos que tomaram como objeto os grupos profissionais- suas formas de organização e modalidades de realização- quanto àqueles que focaram no desvio social e no estigma.

No segundo capítulo, analisam-se as condições sócio-históricas de desenvolvimento do ofício de prostituta, assim como suas formas de organização, dinâmica de funcionamento. Assim, será dada ênfase na maneira como a prostituição tem sido tratada com o passar do tempo, e mais especificamente em como esta atividade desenvolveu-se em meio a circunstâncias “desfavoráveis?”. Tomou-se, nessa linha, o exame das condições históricas que possibilitaram o desenvolvimento da prostituição no Brasil. Os procedimentos metodológicos adotados, para dar conta da questão proposta nesse capítulo, consistiram em: estudo e leituras de monografias, teses e dissertações que trataram a questão da prostituição historicamente; textos que enfocaram na história do ofício ao longo de diferentes períodos; romances que tomaram a prostituição como elemento de discussão.

Essa dissertação se ocupará também da análise da carreira a partir da compreensão da hierarquia informal que rege o ofício. Isso implica na análise mais detalhadas dos espaços/territórios em que é possível atuar como prostituta e a diferença entre estes espaços. Tais práticas permitem a compreensão das condições sociais de exercício da carreira de prostituta quando articuladas tanto aos espaços de socialização, quanto às percepções e concepções construídas no seu bojo. Como procedimento metodológico, partiu-se de dados históricos e trabalhos que forneceram elementos para compreensão da configuração do espaço prostitucional.

O objetivo central deste capítulo consiste em demonstrar a hierarquia existente entre os postos ocupados no mundo da prostituição feminina no Condado e como tal hierarquia corresponde a uma ocupação do espaço na cidade, ou seja, a territórios e a determinadas práticas. Trata-se de seguir a orientação de Becker (2008) e demonstrar o “ranqueamento *informalmente reconhecido dos empregos*” (p. 113), considerando para isso: o valor do serviço cobrado; o local em que é realizado; o reconhecimento. Dessa forma, a carreira não é apenas a forma como a pessoa interpreta seu passado e visualiza seu futuro, mas é também uma seqüência objetiva de posições, funções e postos.

Por fim, esta dissertação se preocupa em examinar tanto a cultura num grupo profissional desviante, com seus códigos e valores próprios, quanto dar conta da carreira das prostitutas levando em consideração os repertórios da prostituição. Oriundos da observação direta e de entrevistas informais realizadas com os atores que estão direta ou indiretamente envolvidos na prática, os dados obtidos permitem o exame da carreira das prostitutas, a partir da investigação das etapas e das contingências que promovem as condições e os espaços de socialização profissional. A metodologia adotada para dar conta da análise das carreiras consistiu em conversas informais com as prostitutas, além de uma extensa e intensa observação de campo em bares e clubes noturnos da cidade. Esses procedimentos adotados permitiram a realização de um diário de campo que se tornou central no processo de coleta de dados. Como o universo em questão é permeado pelo medo da abordagem e das instâncias de controle do ofício e pela necessidade de atendimento aos clientes, a realização de entrevistas formais, gravadas e por meio de um preenchimento de dados objetivos que demandasse mais tempo, se tornou tarefa pouco viável nessa pesquisa. Diante disso, optou-se pelo diário de campo como ferramenta essencial para narrar às observações e as inúmeras conversas feitas com as prostitutas tomadas como objeto empírico desta pesquisa.

Diante do exposto, esse último capítulo contará com relatos oriundos do diário de campo. Acredita-se, como sugere parte da literatura usada nessa dissertação, que o diário de campo se constitui não só como meio de narrar os fatos observados, mas como meio também de estabelecer as primeiras conexões do trabalho, os primeiros “*insights*”, e as primeiras percepções que permitem compreender a carreira das prostitutas levando a sério seus relatos e suas próprias observações a respeito do seu ofício. Assim, como sugere Mills (1982) e Weber (2009), o diário e as notas de campo constituem uma das ferramentas essenciais para estimular a “imaginação sociológica” e proporcionar a reflexão etnográfica.

É no diário de campo que se exerce plenamente a “disciplina” etnográfica: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para

colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição de observador. É, pois, o diário de pesquisa de campo que permitirá não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender os lugares que serão relacionados pelos observados ao observador e esclarecer a atitude deste nas interações com aqueles.³ As duas outras facetas do diário de investigação (diário de pesquisa⁴ e diário íntimo) que, aliás, não são específicas à etnografia, são frequentemente confundidas com essa forma canônica e seu uso não é codificado. Eu gostaria de me deter aqui nessa ambiguidade, responsável por certa nebulosidade nas discussões em torno de um diário etnográfico e de sua publicação (Weber, 2009, 158-159).

O trabalho de campo apresenta o pesquisador à fonte de tudo o que se relaciona com objeto, oferecendo as informações e dados “brutos” sobre ele. A etnografia, relacionada à forma mais apropriada para se registrar todas as informações e dados, dentro das Ciências Sociais, normalmente é aquela em que o etnógrafo observa diretamente e relaciona eventos, compartilhados ou não, e apresenta-se atento a todas as circunstâncias em que tais se chegam a ele, reunindo, dessa forma, recursos indispensáveis para a análise das práticas, dos discursos e das posições dos entrevistados. E é na confecção do diário de campo, um “instrumento que o pesquisador se dedica a produzir dia após dia ao longo de toda a experiência etnográfica”¹, onde se executa plenamente a observação direta.

Trata-se de um método que tem na convivência prolongada entre o pesquisador-observador e o grupo social estudado como característica básica, e tem em Bronislaw Malinowski sua principal referência². É partir do exercício da observação direta dos comportamentos culturais, produzindo registros de tudo o que se observa, que o

1 Ver Florence Weber, 2009, p. 157.

2 Ao lado de obras de autores já mencionados como Becker, Mathieu e Pryn, esta dissertação também alinha-se a estudos semelhantes ao *Garotas de Programa* (1985) de Maria Dulce Gaspar, *O Negócio do Michê* (1987) de Nestor O. Perlongher, ou o *Sociedade de Esquina* (2005) de Willian Foot Whyte, no que diz respeito às contribuições referentes à observação participante, e imersão no cotidiano do objeto estudado. Trazem luz para as tarefas de aproximação, convívio e afastamento com o grupo social observado, assim como para a análise dos dados e auto-análise do pesquisador, e sobretudo à confecção e manutenção de um diário de campo tendo como alguns dos benefícios mais relevantes a autodisciplina do pesquisador nas observações e anotações.

pesquisador reúne vasto material, porém em estado “bruto”, sem distinção entre o utilizável e o inutilizável, fragmentado, e por isso mesmo, aparentemente desordenado e sem sentido. A tarefa, na etapa de análise, se concentra justamente no tratamento desse material, no desmembramento de um complexo desarrumado para remodelá-lo em seguida a um todo coerente, capaz de fornecer uma ou mais lógicas interpretativas.

CAPITULO I:

DIMENSÕES TEÓRICAS E MODELOS DE ANÁLISE

O interesse das ciências humanas pela literatura que aborda a temática da prostituição passou, nas últimas décadas, por uma renovação, mas mantendo o foco naqueles estudos que se remetem à saúde pública. Com efeito, tratou-se da emergência repentina de um problema social em torno da AIDs, que, sem controle, alastrou-se rapidamente pelo mundo, mostrando-se uma verdadeira pandemia, e que por sua vez tornou possível, a partir do final da década de 1980, o financiamento de investigações empíricas, epidemiológicas e etnográficas, que até aquele momento era incipiente. No entanto, para as ciências humanas, a prostituição é tema importante para três distintas linhas de investigação. Em uma delas, as análises são centradas na pessoa que se prostitui, com atenção especial às mulheres prostituídas. Estas análises interrogam-se sobre os percursos delas, buscando muitas vezes por um olhar etiológico investigar as causas (sociais ou psicológicas) do desvio, ou seja, considerando os objetos de estudo como patógenos. Por esta perspectiva, um perfil específico, mas questionável, constitui o paradigma de base.

Numa segunda forma, as ciências humanas construíram seus discursos sobre a prostituição dando menos atenção ao indivíduo que se prostitui, passando dessa forma a tratar a prostituição como um “corpo social”. Seja para sociólogos pragmáticos, socialistas, ou apoiadores de políticas regulamentaristas, a questão já não centra-se mais em um elemento específico das pessoas que se prostituem, mas aquela que trata a prostituição como necessária à manutenção da ordem social. Para esta linha de pesquisa, as perguntas costumeiramente feitas sobre a prostituição buscam compreender a suposta inevitabilidade do fenômeno.

Assim, a prostituição passa a ser apreendida nos termos da sua função, onde é vista na sociedade como um órgão, tal como o de um organismo vivo, bastante definido, homogêneo em suas maneiras de ser, agir e pensar, apresentando determinada função num todo, proporcionando, como corolário, certa estabilidade, ou, dito de outra forma, a

prostituição é apreendida através de uma perspectiva holista, que lhe atribui um espaço e conseqüentemente uma função na sociedade, e que, como todas as outras engrenagens de uma grande sistema, age em conformidade com as outras peças fazendo força contra mudanças ou alterações de qualquer tipo para que funcione bem. A terceira e pouco explorada forma cujas ciências humanas apreendem a prostituição é aquela em que se busca tomar como seu objeto a interação simbólica entre os indivíduos desviantes e a sociedade, tendo a concepção de desvio inspirada na noção utilizada por Howard S. Becker.

Os estudos da terceira linha analisam aquelas ocupações e as carreiras menos distintivas socialmente, adotando como ponto de partida para a análise a percepção interna dessas ocupações, para estudar as circunstâncias e as particularidades gerais das prostitutas, delinquentes, alcoólatras, usuários de drogas, músicos de jazz, e outros transgressores dos padrões sociais, em vez de admitir o ponto de vista oficial apresentado pelas agências de controle. Esses estudos deram ênfase em como esses transgressores passam a seguir um tipo distinto de trajetória e como a interpretação que fazem de si próprios os conduzem a uma via inversa a ao do mundo social cujas normas e definições exigem hegemonia sobre todas as condutas, impondo sua forma de ver a realidade³.

1.1 - A busca por uma definição da prostituição

As atuais pesquisas que tratam da prostituição não são poucas, ao contrário, são numerosas. Antes, essas pesquisas estavam distribuídas com mais frequência entre os campos da História, Geografia, Psicologia Social, e outras relacionadas a área da saúde. Em linhas gerais, inscrevem-se nas perspectivas de pesquisa que inserem a prostituição nos termos de sua “função social”, enfatizando as abordagens que buscam

criar rotineiramente “relatórios sociais sobre o sexo”. Exibem o mundo da prostituição ora como o “antro da promiscuidade”, ora como “propagadora de doenças”, ora como uma “profissão normal como qualquer outra”, perspectivas estas vinculadas a discursos eugênicos, discursos sobre criminalidade, saúde pública, políticas regulamentaristas ou à dominação da mulher pelo homem, e quase sempre mantendo-a como um corpo da sociedade que possui sua razão de existir, seja para a satisfação do instinto masculino, ou para sua inserção na economia. Enfatizam quase sempre a “parte manchada” ou estigmatizada da atividade. A respeito dessa forma de pensar a prostituição, Teixeira Rodrigues destaca algumas representações eugênicas feitas sobre as mulheres que se constituem:

“As prostitutas eram consideradas como fonte de contaminação, atuando decisivamente na degradação física e moral dos homens e na destruição das famílias e das crianças. Neste contexto, eram consideradas criminosas que podiam além do mais, corromperem a moral feminina com seu mau exemplo de vida totalmente desregrada, apego ao ócio e falta de responsabilidade para com os filhos” (Teixeira Rodrigues, 2003, p. 59).

Uma questão que muito se mostra interessante, e que no entanto se apresenta pouco explorada, é que muitos estudos sociológicos, assim como os que ocorrem na França⁴, deixaram de tratar a prostituição enquanto um modo de vida específico, construído socialmente, que ultrapassaria, assim, as definições simplistas, estas que apesar da simplicidade, aprisionam as produções em uma visão deveras fantasiosa da prostituição (Pryen, 1999).

Tentativas de romper com o senso comum proporcionaram a muitas análises, sobretudo na França, experiências na busca da definição da prostituição enquanto categoria de análise, e portanto, seus autores fazem uso da perspectiva clássica de

4 Stéphanie Pryen (1999) destaca características muito semelhantes nas produções francesas sobre prostituição.

ruptura epistemológica, para o auxílio na “construção do objeto sociológico” sob a preocupação de estabelecer uma definição precisa, objetiva, tal como normalmente acontece em resoluções nomeadas como “científicas” (Pryen, 1999). Assim o é na relação da prostituição com as pesquisas científicas encarregadas de buscar enquadrá-la enquanto um objeto sociológico definido.

Essas análises buscam responder à questão da definição da prostituição explicando-a através de elementos que supostamente são intrínsecos ao ato de prostituir-se. Uma das construções feitas do perfil das mulheres que se prostituem é típica de uma política regulamentarista, constituindo-se de quatro aspectos principais ligados ao ato de prostituir-se, sendo o primeiro ligado ao costume e a notoriedade; o segundo ligado à qualidade daquele que se prostitui, que se vende para tirar seu sustento; o terceiro é marcado pela ausência de escolha, no qual a prostituta se deixa levar pela demanda, e o quarto aspecto trata-se da ausência de prazer ou de toda a satisfação sensual, devido à multiplicidade da freguesia (1999, p. 12). Contudo, seja exibindo esses critérios, ou buscando reter outros, essas posturas permitem exibir não mais do que formas de categorizar. Os pontos de vista daqueles que classificam são assim apenas formas de criar sentidos e significados, revelando-se, afinal, serem as tais características “objetivas” que nos apresentam como sendo a dos comportamentos ou dos sujeitos assim classificados.

1.2 - A perspectiva do interacionismo simbólico

Inscrevendo-se na perspectiva do interacionismo simbólico, é possível formular objeções a essas categorizações que tornam turvas as relações inerentes à prostituição, tanto em termos de relatórios de dominação, de confinamento em estatuto, como também em termos de busca de sentido, de reconhecimento e de identidade (Pryen, 1999).

Tem Everett C. Hughes (1937) como um de seus principais interlocutores, e diferentemente das correntes sociológicas que tentam compreender a dinâmica social

através de um olhar macrosociológico, holístico, pela perspectiva das estruturas, o interacionismo simbólico sustenta que a dinâmica social somente será melhor observada quando se aceita que a compreensão da ação coletiva está intimamente ligada às representações que os indivíduos fazem acerca das ações dos outros⁵. Pela perspectiva interacionista os indivíduos interagem uns com os outros por meio de uma mútua interpretação das ações e definição um do outro, em vez de somente reagir às ações um do outro. Suas respostas não são dadas diretamente às ações um do outro, mas baseadas no significado que eles atribuem a tais ações. Dessa forma, interação humana é mediada pelo uso de símbolos e significados, através de interpretação, ou determinação do significado das ações um do outro.

Através dessa perspectiva aquela “ruptura” com o senso comum não se exhibe mais como real, concreta, como enfatizam aqueles que acreditam definir a prostituição por critérios objetivos. Talvez agora fique mais claro os motivos de se evitar dizer o que é a prostituição, enquanto atividade, enquanto ofício, independentemente de se compreender com antecedência o que os atores que a vivem e a sentem têm a dizer a respeito sobre a forma como ela é construída socialmente, de como eles próprios erigem suas fronteiras ou limites, de como se organizam as “facções” dentro do grupo, ou de como vivenciam um fenômeno muito mais amplo do que poderiam pressupor aqueles pesquisadores. Analisando com mais atenção, pode-se constatar que aquelas formas categorizadas, aqueles arquétipos das relações entre homem e mulheres, observadas nos relatórios sobre a prostituição, não passam de limites fixos, rígidos que não dizem mais que uma fração do que o fenômeno possa realmente ser, e conseguem ainda reduzir a nossa compreensão sobre os indivíduos que se prostituem e a estes a nada mais do que sua formulação do que é ser isso na teoria, menosprezando suas capacidades e inteligência social⁶. O problema disso ocorrer, como diz H. Becker, é teórico:

5 Ver Hans Joas, 1999, *passim*; e Randall Collins, 2009, *passim*.

6 Ver Pryen, 1999, p. 13-14.

“Podemos construir definições viáveis, seja de ações particulares que as pessoas poderiam cometer, seja de categorias particulares... tal como o mundo (em especial, mas não apenas, as autoridades) as define. Mas não podemos fazer as duas coincidirem completamente, porque elas não coincidem empiricamente” (2008, p. 186).

Esse aumento no nível de compreensão nos revela, a princípio, que as pessoas que se prostituem são sujeitos sociais livres para ingressar, participar e interagir, de um lado, de um mundo social específico tal como é o da prostituição, bem como, de outra parte, ingressar, participar e interagir em outros mundos sociais e com outros atores. A abordagem que faço da prostituição negociada em bares e clubes noturnos a exhibe como um modo de vida, heterogêneo e sem forma fixa, referente a um mundo social específico, com acordos e impasses internos que conduzem às suas próprias definições do que é certo ou errado. É o que fazem, geralmente, as teorias interacionistas:

“prestam atenção à forma como os atores sociais se definem uns aos outros e a seus ambientes. Prestam particular atenção a diferenciais no poder de definir; no modo como um grupo conquista e usa seu poder de definir a maneira como outros grupos serão considerados, compreendidos e tratados” (Becker, 2008, p. 204).

1.3 - O objeto e problematização

A atividade de prostituição, que ocorre em bares e clubes noturnos⁷, cuja dinâmica varia de uma para outra, revela-se imersa em um discurso do segredo, esbarra nas fronteiras da lei definida pela sociedade, e possui inúmeras linhas de ação, mais ou menos visíveis. O objeto, aqui escolhido, trata-se da prostituição imersa no cotidiano de estabelecimentos privados. Essa escolha é ditada por restrições de pesquisa tais como tempo e recursos financeiros e humanos limitados, ocultação devido ao culto do segredo da atividade, à baixa visibilidade e por muitas vezes se cercar de práticas ilegais. Ocorre dentro de estabelecimentos privados, onde tanto as prostitutas quanto os indivíduos que buscam os serviços prestados por elas são seus clientes, constitui-se como um espaço

⁷ São estabelecimentos privados, proibidos para menores de 18 anos, que oferecem serviços de bar e conteúdo adulto, como shows de *strip-tease* por exemplo.

extremamente rico para observarmos as etapas da carreira, as condições do exercício profissional. Portanto, não estamos interessados nos estabelecimentos e nos clubes, mas nas carreiras das prostitutas. Os clubes se tornam meros pretextos para compreensão das contingências das carreiras.

A multiplicidade de eventos que ocorrem dentro dos espaços como esses é grande, e só revela o quanto as categorizações não conseguem abarcar toda a realidade do mundo social específico da qual faz parte a prostituição. Portanto, pode-se questionar várias categorias da prática quotidiana da prostituição, conforme se adentra na análise feita com os atores que vivenciam a prostituição, tais como “profissionais do sexo”, “vadias”, “escravas do sexo”, bem como as representações que cada parte interessada faz delas, no tocante à imposição de suas próprias formas de ver e definir a prostituição.

Assim, o centro da questão aqui está na compreensão da construção social da profissão, no que tange as etapas necessárias a que alguém deve passar para assegurar estabilidade e sucesso ocupacional, sobretudo da transferência de informação que ocorre informalmente na interação simbólica dinamizada entre os grupos sociais realizadores. O estigma da ocupação e todas as conseqüências que disso decorrem para a mulher que se prostitui são aqui tratados como elementos indissociáveis da análise, onde de um lado existe o risco de afetar negativamente a carreira de um indivíduo, como de outro pode representar um atalho. Para tanto, esta pesquisa se inscreve num conjunto de análises que utiliza o interacionismo simbólico como base, e se apoia em dois campos distintos da sociologia: a sociologia dos grupos profissionais e a sociologia do desvio.

A necessidade de se investigar a carreira das prostitutas, atuantes em bares e clubes noturnos, utilizando a sociologia interacionista do desvio, se fundamenta no fato de tais mulheres adotarem condutas distintas as vezes tanto em um mesmo local de trabalho quanto com relação a outros estabelecimentos, de terem origens e experiências igualmente distintas, apresentado-se como uma categoria heterogênea, e de possuir uma relação igualmente heterogênea com outros grupos da sociedade, o que resulta em um processo cambial de valores, engendrando um mútuo reforço e manutenção de

interesses em cada um, o que foge ao escopo apresentado pelas categorizações simplistas feitas em análises sobre a prostituição, tais como as assentadas em concepções estatísticas e analogias médicas. No processo de construção da carreira de prostituta, os variados perfis, característicos daquela ocupação profissional, ganham sua forma a partir das condições de vida particularmente difíceis para aquelas mulheres, além de serem marcadas pela mentira, o segredo, culpa e vergonha. Dessa forma, a prostituição é então definida, na maioria dos espaços sociais como uma profissão estigmatizada. Essa maneira de definir a prostituição parece ser premente na sociedade do Condado, à medida que as mulheres que se prostituem são abordadas como tendo algo que as desqualificam e que as levam à prostituição, e isso as impede de serem completamente aceitas pela sociedade. Todos os atributos ligados à prostituição demonstram fazer referência específica a uma condição anormal, vergonhosa na identidade sobre a qual recai. A noção de carreira, utilizada aqui como referência, é a do modelo interacionista, a mesma utilizada por Hughes (1937) bem como por Howard Becker (2008), para analisar a carreira de grupos ocupacionais:

“Objetivamente... uma série de status e funções claramente definidos... sequência típica de posição, realização, responsabilidade e até de aventura... Subjetivamente, uma carreira é uma perspectiva móvel em que uma pessoa vê sua vida como um todo e interpreta o significado de seus vários atributos, ações e as coisas que lhe acontecem”. (Hughes, 1937, p. 409-410).

Erving Goffman (2004) afirma que o indivíduo estigmatizado é dotado de duas identidades: uma real e outra virtual. A real se daria pelo conjunto de categorias e atributos que uma pessoa confirma ter; e a virtual se daria pelo conjunto de categorias e atributos que os indivíduos têm para com o estranho que aparece a sua volta, portanto, são exigências e imputações de caráter, realizadas por empreendedores da moral, quanto ao que o estranho deveria ser. Deste modo, certa característica pode vir a ser um estigma, especificamente quando há uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. Torna-se possível afirmar que o processo de estigmatização, pelo qual indivíduos vivenciam, não se dá devido à existência do atributo em si, mas pela relação em que os atributos e os estereótipos não se

compactuam. Os empreendedores da moral criam estereótipos diferentes dos atributos de um determinado indivíduo, caracterizando, assim, o processo de estigmatização. “*O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo*”⁸, em termos de relações e não de atributos em si, e no caso aqui tal atributo seria o da prática da prostituição.

Na mesma esteira, a sociologia do desvio abre a oportunidade de se questionar como a produção do estigma ocorre, haja vista que leva em consideração a real profundidade dos fenômenos, dos modos de vida. Torna-se possível a partir dela indagar-se sobre como a prostituição, enquanto atividade rotulada como desviante, “*desafia a ordem, a moralidade – e mesmo a saúde – pública, uma vez que trata-se de uma transgressão construída socialmente*”⁹. A noção de desvio é, assim como outras categorias, fechada em si mesma, e não abrange a totalidade da realidade, portanto não se considera que este conceito descreva com exatidão a prostituição, principalmente quando se desconsidera fronteiras fixas nessa ocupação, haja vista o jogo de interações que ocorrem em seu âmbito, das construções e ligações sociais serem produzidas de forma flexível por atores de dentro desse espaço social específico, bem como de outros. Logo, essa noção nos remete imediatamente e de forma muito clara a tensões e oposições, conflitos e contradições.

É, portanto entre a sociologia do desvio e a sociologia das profissões que essa dissertação se situa. O problema de pesquisa consiste no exame da relação entre concepções e percepções deste ofício e as condições e os espaços de socialização que contribuem para constituir uma carreira de prostituta. Nessa linha a principal hipótese é a de que a experiência de um papel estigmatizante se torna uma das principais condições para entrada na carreira. Isso leva a duas questões principais: primeiro como a classificação dada pelos outros significantes como desviante cria as possibilidades, e

8 Goffman, op. cit., p. 13.

9 Pryen, 1999, p. 17, tradução livre do francês.

segundo como essa experiência permite constituir contatos essenciais que levam ao “mundo da prostituição”.

1.4 - Carreira e desvio

O tema da prostituição foi tratado como objeto de muita teorização e análise científica. Muitas pessoas, alheias ao assunto, desejavam saber sobre a prostituição as causas de sua existência, e com a frequência da busca empreendida cada vez maior, o tipo de pesquisa científica (que privilegia explicações para a transgressão das regras) passou a ganhar prestígio, e ainda mais aqueles que respondem com indagações sobre se há algo de inerente na mulher que as conduza a fazer coisas proibidas.

O que se pode dizer é que quando se acena para tais estudos sujeita-se à suposição do senso comum de que há um elemento qualitativamente distintivo inerente a atos praticados por mulheres que se prostituem quando “infringem” normas sociais. Além disso, alinha-se com a outra suposição do senso comum de que há alguma propriedade da pessoa que se prostitui que a conduz necessariamente ou inevitavelmente a prostituir-se. O rótulo de “desviante” dado a atos ou pessoas particulares não costuma ser questionada pela comunidade científica, induzindo muitos a considerá-lo como certo. E quando o fazem são igualmente induzidos a concordar com os valores do grupo responsável pela formulação do julgamento. A respeito disso, o antropólogo Gilberto Velho (2002, 2003) amplia sua compreensão, ao tecer considerações sobre as contribuições das obras de autores como Goffman e Becker, (alinhadas à corrente interacionista) no desenvolvimento da Antropologia Urbana.¹⁰ Observa que a perspectiva desses autores considera que a inadaptação cultural não determina o comportamento desviante, superando com isso uma perspectiva onde a sociedade é tratada como uma estrutura social uniforme e monolítica. Ao observar isso, Velho destaca que tal corrente dá ênfase aos estudos que privilegiam o aspecto político do fenômeno, conferindo maior amplitude da compreensão.

Como observa Velho, Howard Becker já havia chamado a atenção para o fato nada incomum de existir diferentes grupos tratando como diferentes coisas desviantes, e isso deveria pelo menos sinalizar para a possibilidade de se incluir no fenômeno tanto a pessoa que realiza o julgamento de desvio quanto o processo político pelo qual se chega ao julgamento. Está claro que quando se considera que atos que violam regras são inerentemente desviantes, pensamento este que traz consigo a tendência à desconsideração de situações e processos de julgamento, a perspectiva do senso comum sobre desvio e o conjunto de teorias que leva em consideração suas premissas se tornam suscetíveis de ignorar um detalhe relevante sobre a natureza do desvio, que é justamente a existência de negociações veladas e corriqueiras que revelam um imbrincado jogo político de interesses¹¹.

A partir do momento em que a ciência ignora a natureza versátil do processo de julgamento, pode estar contribuindo para a limitação do desenvolvimento de teorias e da compreensão que podem alcançar, na medida em que o desvio, tal como é concebido nesta dissertação, é criado pela sociedade. Essa concepção de desvio não é aquela em que suas causas estão ligadas à situação social do desviante ou em elementos sociais que estimulam sua ação. A compreensão que se chega com essa noção quando se leva em consideração tal natureza versátil é a do desvio percebido como uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um transgressor, e não mais entendido como uma qualidade do ato cometido pelas pessoas. O trajeto aqui percorrido conduz à compreensão de que os grupos sociais são criadores de desvio quando criam normas cuja transgressão configura-se como desvio, quando as aplicam a pessoas particulares e quando rotulam estas como desviantes.

Faz-se necessário uma breve análise das definições de desvio utilizadas na pesquisa científica para o estudo que se pretende realizar sobre a prostituição, mantendo o foco para as coisas que são desconsideradas por cada uma delas quando as tomamos como parâmetro. A primeira delas é uma concepção de desvio um tanto simplista.

11 Idem (2003).

Trata-se daquela de natureza estatística. Nela, o pesquisador define como desviante tudo o que se diferencia da média. Neste caso, gêmeos idênticos seriam desviantes, haja vista que a maioria das pessoas não possuem irmãos gêmeos.

Outra concepção repousa numa analogia médica, considerando o desvio como essencialmente patológico, uma doença. Se há um desconforto, ou perda de eficiência, o organismo humano passa a ser considerado doente. A patologia estaria residindo em algum órgão em desajuste. Se, por um lado, há muita concordância do que é considerado saudável no organismo humano, por outro há muita discordância quando, de forma equivalente, a noção de patologia é usada para descrever comportamentos tidos como desviantes. No segundo caso, não há concordância quanto ao que constitui um comportamento saudável. Mas é possível observar que muitas pessoas concebem a analogia como exata, pois consideram o desvio como resultado de um estado mental doentio. Por vezes a história, e particularmente no caso do Brasil, apresentou a prostituição, pensada em determinados períodos, como resultado de um estado mental enfermo e típico das mulheres. Assim, essa concepção impossibilita a visualização do julgamento como parte inerente ao processo de rotulação, haja vista que insere dentro do indivíduo a causa do desvio.

Numa concepção um tanto relativística do desvio, apontada por Becker, o desvio apresenta-se como a falha em obedecer às regras do grupo. Assim quando se descreve as regras impostas por um grupo a seus membros, pode-se afirmar com certa nitidez se uma pessoa as infringiu ou não, sendo, portanto, desviante na concepção descrita. Contudo, ela não se aprofunda nas ambiguidades produzidas no âmbito das decisões que julgam quais regras devem ser consideradas como tipo ideal para comparação, na ocasião de se medir o comportamento e qualificá-lo como desviante. Considera-se que uma sociedade é constituída de inúmeros grupos, cada qual com seu conjunto de regras próprio, e ao mesmo tempo muitas pessoas participam de muitos grupos. Dessa forma é muito comum observar que aos olhos de determinado grupo uma pessoa pode estar infringindo regras por estar seguindo as regras de outro. Aqueles que acreditam que a pessoa seria desviante podem apresentar algumas ressalvas quanto ao aparecimento de

possíveis ambiguidades referentes às regras inerentes a um ou outro grupo social afirmando que existem regras que são de aceitação geral, situação essa que se mostra conveniente até o surgimento de algum obstáculo. Saber se de fato alguém se encaixa na definição de desviante é trabalho para a pesquisa empírica.

Quando a ciência passa a definir o desvio como uma construção social, situações com ou sem ambiguidades deixam de ser um problema de pesquisa. Como se trata de uma consequência das reações de pessoas aos atos de outras, não se pode pensar as rotuladas de desviantes como pertencentes a uma categoria homogênea, haja vista que o processo de rotulação é passível de falhas. Ora, pessoas podem ser rotuladas de desviantes sem terem realmente infringido alguma regra, muitos infratores podem burlar os mecanismos de detecção passando a serem desconsiderados na população de desviantes estudados. Está claro que a conformidade percebida nessa categoria é mais aparente do que real. Logo, não seria prudente pensar o desvio como determinado por situações de vida, ou pela existência de um tipo de personalidade comum considerada como a única sadia.

1.5 – Uma profissão, uma atividade, um negócio

A perspectiva funcionalista sobre as profissões produziu um grande conjunto de esquemas classificatórios com o intuito de distinguir as profissões das ocupações restantes. Para as profissões foram designados determinados atributos, tais como altruísmo e a orientação vocacional, posse de conhecimentos técnicos e científicos obtidos após longa especialização universitária, que são mobilizados de forma racional e não mercantil, bem como orientados segundo um código de ética e de forma deontológica. Emerge, desta forma, segundo Jean-Michel Chapoulie (1973), o conceito de profissão, de natureza enumerativa, tendo como tipos ideais as profissões de médico e advogado. Em consonância à perspectiva funcionalista, tal concepção de profissão passa a ser utilizada como ferramenta de resposta às demandas sociais, haja vista que estas concorrem para a integração e coesão sociais nas sociedades capitalistas, bem como que a posse de conhecimentos técnicos e científicos, e o ideal de serviço à

coletividade são tratados, por essa perspectiva, como fatores de legitimidade social das profissões e, também, uma garantia da sua qualidade funcional para as sociedades.

Foi com os trabalhos de alguns interacionistas simbólicos, mais precisamente com Hughes (1937, 1958), que, segundo Carlos Manoel Gonçalves (2007), houve o primeiro grande rompimento com o quadro funcionalista. Tal rompimento se fez em vários sentidos, pois deriva da posição epistemológica e teórica do interacionismo quanto à sociedade e à própria sociologia. Para o interacionismo, a problemática sociológica foca-se na análise das práticas dos membros de determinado grupo ocupacional para serem reconhecidos e legitimados socialmente como detentores monopolistas de uma área de atividade profissional, o que lhes reserva prestígio e status social.

“A principal interrogação enformadora das teses interacionistas é ilustrativa da sua concepção sobre as profissões – ‘quais as circunstâncias pelas quais as pessoas que têm uma ocupação tentam torná-la numa profissão, e a si próprias em profissionais?’ ”. (Hughes, 1958, p. 45, tradução livre do inglês).

Assim, torna-se imprescindível a compreensão dos jogos de interação social, que se configuram pelo conflito e pelo controle e monopólio das atividades profissionais. Assim, tanto para Chapoulie (1973) como para Eliot Freidson (2001), as ocupações profissionais devem ser percebidas como objetos da prática quotidiana, e não mais como postula o conceito tradicional (*folk concept*) de profissão, haja vista que, virtualmente, muitas ocupações não se enquadram ao modelo tradicional, o que reduz uma grande variedade daquelas à qualidade de não-profissionais, definidas negativamente e de forma vazia. Defende-se, então, a partir da perspectiva interacionista, a inexistência de uma definição apriorística de profissão, pois estes objetos da prática quotidiana devem ser entendidos como uma pluralidade de situações, como processos resultantes de distintos contextos sociais em que são exercidas as respectivas atividades laborais.

A escolha metodológica pelas monografias, segundo Gonçalves (2007), sobre as ocupações e carreiras, conferindo ênfase àquelas consideradas menos distintivas socialmente, através da observação participante e das histórias de vida, seguindo a tradição etnográfica da Escola de Chicago, é a principal exigência das análises interacionistas sobre ocupações, ao contrário do que ocorreu com os funcionalistas que focaram suas análises a partir de esquemas classificatórios. Nesse ínterim, pode-se afirmar que a prostituição é considerada por quem a vivencia como um negócio, uma atividade que rende lucros, contudo trata-se de uma atividade estigmatizada.

Esses esquemas classificatórios, essas categorizações nos impedem de perceber que os problemas fundamentais enfrentados pelos indivíduos em seus ambientes de trabalho são os mesmos enfrentados em outros, independentemente se ocorrem numa clínica médica, numa universidade, num caminhão de lixo, ou mesmo num clube noturno. É possível observar nas ocupações menos prestigiadas características comuns a todas as ocupações, inclusive aquelas observadas nas mais nobres.

1.6 - As relações de serviço que envolvem a profissão

Para Pryen (1999) a prostituição se encaixa como um caso especial de uma categoria mais ampla, uma vez que seus serviços exigem contato com o público. As profissões que se dedicam a serviços personalizados, em princípio, são aquelas em que um grupo de indivíduos se apresenta para outro grupo de indivíduos, mas com o diferencial de que estes são especializados em um serviço pessoal de algum tipo. As exigências de um serviço referem-se à necessidade de estabelecer entre as duas partes uma comunicação direta e pessoal sobre o tema ou assunto do qual se refere o serviço, para que, assim, não haja tempo suficiente para que se criem vínculos de qualquer tipo. É possível, segundo Goffman (*apud* Pryen, 1999, p. 19-20), ao descrever e analisar os serviços personalizados dirigidos a clientes, no que tange especificamente especialistas que detêm a competência racionalizada e reconhecida para intervir sobre um objeto

qualquer¹², pensar em como as relações de serviço encontradas na prostituição, suas tensões, seus conflitos, podem ocorrer com semelhante frequência e aspecto em espaços sociais distintos, tais como o da medicina por exemplo, onde se observa as mesmas definições de ideais de serviço, as mesmas formas de negociação, considerando que os corpos são os objetos em questão, tanto para um quanto para o outro. Observa-se que as relações de serviço, de qualquer tipo, possuem um aspecto relacional como componente, e não apenas técnico. Na relação prostituta e cliente, o corpo da primeira é com mais frequência levado em consideração, muito embora, o corpo do cliente também esteja envolvido. Nesta relação, transparece o poder que o cliente exerce sobre a prostituta, e seguramente não deve ter a mesma relevância quando na relação com o médico, dado por um lado, como nota Pryen (1999, p. 20), o status social atribuído à pessoa que presta o serviço, e por outro o status “concreto”, pois trata-se do corpo da prostituta sob o “domínio” do cliente.

Se por um lado a dimensão do poder tem relevante papel na relação da prostituta e cliente, por outro a dimensão moral se sobressai, pois se estabelece como essencial na relação de serviço. Apesar de toda a resistência que possa existir na associação entre moralidade e prostituição, a noção de respeito é central para a retórica profissional, no que tange o estabelecimento de uma confiança entre profissional e cliente, de forma semelhante ao que ocorre na relação do médico com o paciente.

12 Pode ser desde um martelo, uma máquina específica, ou mesmo um corpo de um paciente, ou cliente.

CAPÍTULO II:

CONDIÇÕES SOCIAIS E HISTÓRICAS DO DESENVOLVIMENTO DA PROFISSÃO NO BRASIL

O interesse aqui é o de destacar como a prostituição tem sido tratada na literatura historiográfica que a aborda no contexto do Brasil. Essa jornada se dará desde a época da colonização do país pelo Estado português até os contornos que se observa nos dias atuais. Não é do interesse dessa dissertação alinhar-se a premissas do senso comum cujas compreensões das causas para a origem da prostituição centram-se em um suposto elemento qualitativamente distinto “presente” em atos que, aos olhos de outrem, infringem ou pareçam infringir regras sociais. Tão pouco este exame irá se debruçar em termos de “violação” das regras sociais pois não são concebidas aqui análises que visam atribuir à pessoas, ou à situações em que se encontram, alguma característica que determine a consecução do ato desviante. Aqui, procura-se tratar o rótulo “desviante”, aplicado a atos ou pessoas particulares, sem contudo concebê-lo como certo ou errado, à medida que se compreende que ao fazê-lo, o pesquisador passa a aceitar os valores de quem formulou esse julgamento. Dessa forma, o fato central sobre o desvio é a de que ele é construído pela sociedade, logo, ele não se enquadra como a qualidade do ato que a pessoa comete, mas como uma consequência da aplicação por empreendedores da moral.

Os aspectos que se deve atentar são aqueles que residem na construção social da prostituição, focando nas condições que possibilitam esta atividade a manter-se mais ou menos sólida através do tempo, mesmo sendo direcionados a ela atributos depreciativos que, do ponto de vista da sociologia das profissões, a desqualifica, a retira do rol das profissões socialmente aceitas e honrosas, que, sobretudo atribui a seus praticantes o descrédito social. A resposta a essa situação é construída no âmbito dessa interação, conduzindo essas pessoas por um caminho contrário ao do mundo considerado correto.

Tendo esta nota em conta, pode-se enfim examinar a história da prostituição

atentando-se para essa questão que exhibe as relações de poder envolvidas, os interesses organizados e reproduzidos com a finalidade de estabelecer fronteiras mais ou menos fixas entre as ocupações e outras atividades “indignas” dessa qualificação, e que fica aparente quando se dá atenção às condições sociais de exercício a que uma pessoa se submete em uma atividade estigmatizada, tal como é o caso da prostituição feminina. Um caminho que lança a luz para o auxílio desse exame é a da investigação dos caminhos traçados pelas mulheres no Brasil, meio ao controle social imputado pela moral dominante, mas conservando uma noção de desvio percebido como o produto de uma operação situada entre algum grupo social e alguém cujos atos são definidos como violadores de alguma regra por esse grupo. Assim, espera-se manter pouco interesse nas características pessoais e sociais das mulheres que se prostituem por um lado, e por outro enfatizar o processo pelo qual elas passam a ser consideradas desviantes, bem como sua reação a esse julgamento.

2.1 – Do período colonial

É notável que a prostituição sempre seja relatada na literatura como uma atividade estigmatizada, tendo sido tratada como imoral, uma doença a ser “curada”, e outras vezes como um “mal necessário”, em todos os casos sendo necessária intervenção do poder público, como afirma Albuquerque:

“Desde o período colonial, o Estado procurou controlar a atividade. Ora com o argumento religioso, ora com a justificativa médica ou policial. Em alguns momentos, esses argumentos fundiam-se no intuito de controlar a prostituição.” (Op. cit., p.45).

As primeiras prostitutas de que se tem notícia na historiografia do país foram atraindo os portugueses para atender aos pedidos dos colonizadores e padres que desejavam povoar as terras pertencentes à Coroa portuguesa, solicitando que todo o tipo de pessoa fosse enviada com esse propósito, conforme aponta Teles:

“O padre Manuel da Nóbrega, que veio com o primeiro governador-geral, em 1549, escreveu à Coroa para que mandassem para cá ‘mulheres órfãs e de toda qualidade, até meretrizes’, para que se cumprisse a determinação de El Rei de povoar esta terra.” (2003, p. 18).

Apesar disso, a Igreja Católica sempre tratando a prostituição como pecado, defendia a criação de leis que regrassem o comportamento das mulheres punindo severamente aquelas flagradas atuando. O historiador Emanuel Araújo afirma que no período colonial aquelas mulheres que apresentavam “*comportamento desviante deviam saber que corriam o perigo de severa punição*” (2008, p. 67). Nessa época a sexualidade feminina era vista como algo que deveria ser negado em proveito do espírito, mas as condições para a superação desses obstáculos sempre estiveram presentes. Os valores ocidentais cristãos constantemente exerciam força sobre o controle da sexualidade feminina e visavam a preservação da família. Eram então difundidos tanto pela própria Igreja quanto pelos colonizadores que os reproduziam, na medida em que tais valores sintonizavam com o projeto de colonização imperial.

Deste modo, se por um lado os objetivos buscados pelos colonizadores dependiam de que inclusive prostitutas fossem trazidas para povoar a terra então recém-descoberta, por outro, a Igreja se esforçava em atacar a imagem da prostituta, apresentando-se no Brasil Colônia, portanto, como um dos agentes históricos que participaram ativamente na construção social da estigmatização da prostituição, com o interesse de preservar a noção européia de família e a ordem social lá vigente¹³.

Mas foi no século XVIII, no contexto do Ciclo do Ouro, que se produziu muitas riquezas e a Colônia portuguesa na América alcançou seu ápice, “*perdendo o Brasil sua face amesquinhada diante do desfile de riquezas e prosperidade, homens, mulheres e cidades, ouro, diamantes e iniquidades*” (Figueiredo, 2008, p. 141). Neste período da história do Brasil a presença feminina mantinha-se em destaque nas atribuições do limitado comércio em pequenos vilarejos e cidades. A divisão do

trabalho no Brasil Colônia, segundo o historiador Luciano Figueiredo (2008), assentava-se em critérios sexuais, existindo uma predominância feminina naquelas ocupações do comércio ambulante, realidade esta retratada na literatura como comum em cidades e vizinhanças que apresentavam desenvolvimento acentuado, tal como ocorria em Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Insere-se nesse contexto o deslocamento para o mundo colonial do tipo de organização de papéis sexuais estabelecidas em Portugal, onde a aguda participação feminina era amplamente resguardada pela legislação¹⁴.

A abrangência do trabalho feminino ampliou-se em toda a Colônia consideravelmente, a exemplo do que acontecia em Minas Gerais, entre os séculos XVII e XVIII, no qual o número de negócios (em sua maioria vendas e barracas) controlados por mulheres aumentou consideravelmente. A administração de tais negócios confirmava cada vez mais a importância dessas ocupações para as mulheres em condição de pobreza na sociedade mineira, o que inclui, evidentemente, mulheres escravas¹⁵. Aliás, tais negócios representavam, para mulheres que conseguiam contornar a condição de escrava, uma forma valiosa de sustentar a família. Esses negócios se estabeleceram na paisagem urbana da época de tal maneira que passaram a integrar, no caso da capitania mineira, a agenda de reformas sociais e econômicas do Estado, haja vista que esses empreendimentos eram constantemente associados à imoralidade e desrespeito, e para a sociedade eles proporcionavam perigo social, devido ao fato de trazer para seu cotidiano indivíduos de toda natureza:

“As mulheres congregavam em torno de si segmentos variados da população pobre mineira, muitas vezes prestando solidariedade a práticas de desvio de ouro, contrabando, **prostituição** e articulação com os quilombos” (Figueiredo, op. cit., p. 146, grifo meu).

14 Cf. Figueiredo, op. cit., p.144.

15 Ibidem, p.149-151.

Nesse contexto, a prostituição atinge um elevado grau de expansão, haja vista as circunstâncias de pobreza e miséria, no século XVIII, atingirem grande parte da população, sendo o caso específico das mulheres escravas que eram direcionadas a essa prática com o objetivo de saldarem dívidas com seus proprietários. Essa atividade passou a ser adotada de forma bem mais consistente junto ao comércio ambulante. O Estado observou a oportunidade de recolher mais tributos a partir da criação de leis para regulamentar a atividade. Como explica Albuquerque (2008), tais leis visavam o controle da atividade, alcançando inclusive o controle dos nascimentos de crianças filhas de prostitutas que muitas vezes eram abandonadas, representando para o Estado, portanto, gastos desnecessários uma vez que lhe era incumbido o recolhimento e cuidados daquelas crianças. Segundo a autora, o Estado cobrava pesados tributos à sua população, levando algumas mulheres a desafiar a moralidade da sociedade e encontrar na prostituição uma forma de buscar o sustento da família.

Para Figueiredo¹⁶, a prostituição não estava restrita ao grupo de mulheres escravas, sendo uma atividade amplamente reconhecida e aceita pela cultura popular mineira. O fenômeno foi muitas vezes apontado, segundo aquele historiador, como popular em todo o território da Colônia, e admitido como uma expressão tipicamente feminina da pobreza e miséria social, tendo como contraponto masculino a vadiagem e a criminalidade. O aspecto mais relevante para essa época, no que concerne à prostituição colonial, centra-se na exploração cruel das escravas, uma vez que elas eram constantemente afligidas pela severidade dos trabalhos forçados, devendo ainda conseguir conciliar o tempo com o trabalho sexual. Figueiredo aponta que muitos autores, a exemplo de Gilberto Freire, enxergavam a generalização da prostituição na Colônia como um “efeito desagregador sobre a estrutura social, econômica e familiar”¹⁷, haja vista a prática ser apontada como ensejadora de desordens e conflitos pessoais entre aqueles que circundavam os ambientes típicos da prostituição, bem como

16 Ibid., p.155.

17 Ibid., p.155-156.

favorecer a reprodução da população mestiça, percebida como risco para a elite política da época.

Enfim, trata-se de um período da história do Brasil no qual não somente a prostituta é mal vista na sociedade, mas o grupo social mais amplo do qual ela faz parte também é, bem como todos os outros praticantes e grupos que interagem direta ou indiretamente com elas. Contudo, percebe-se que a ocupação, embora sendo estigmatizada, passou por uma acelerada expansão, “desafiando” o demérito que a sociedade lhe imputou. Essa situação pouco mudou durante o período em que o Brasil experimentou sua independência de Portugal. A prostituição apresentou-se e ainda apresenta-se, muitas vezes, tanto como atividade complementar quanto como atividade principal na vida daquelas mulheres, interagindo com atores pertencentes a outros grupos sociais, o que evidencia a composição heterogênea de seus praticantes.

2.2 – Do Brasil República aos dias atuais

No início deste período particular da história brasileira, referenciada como *Belle Époque* (1890-1920)¹⁸, o país vivia a plena instauração da ordem burguesa, que, a partir de grupos ascendentes, “mergulhou” em direção à modernização e à políticas higienistas, com o objetivo de trazer às metrópoles da República a atmosfera parisiense, dos hábitos “civilizados”. Dessa maneira, aqueles hábitos mais populares eram alvo de perseguição e controle em meio ao contexto de transição do trabalho compulsório para o trabalho livre. Nesse ínterim tanto homens quanto mulheres, oriundos dos segmentos populares da sociedade, passaram por medidas de adaptação baseadas em valores e formas comportamentais marcadas por uma forte disciplinarização do espaço e tempo do trabalho, estendendo-se às demais esferas da vida social.

Nesse sentido, observou-se a incorporação de novos elementos pela família organizando-se de modo a ser respeitosa das leis e dos costumes, e, transversalmente,

das regras e convenções¹⁹. Observado isto, era natural esperar coesão harmônica e instrução da força de trabalho proveniente das camadas populares da sociedade, mas, sobretudo das mulheres era esperado um comportamento pessoal e familiar regrado, colaborando para sua inserção na recente ordem social instaurada, cuja realização dos novos desígnios por elas era esperada em grande escala.

A partir das dificuldades de ordem econômica, bem como da diversidade de normas e valores, é possível notar que a organização da família popular exibia-se de formas tão variadas que não era incomum algumas delas serem comandadas exclusivamente por mulheres. A intervenção do estilo burguês de família entre os trabalhadores era necessariamente esperada, haja vista que era não só incentivada, mas cobrada socialmente. Ora, o regime capitalista que era fomentado, tendo “vencido” o escravismo, colaborou para que o cálculo das despesas com reprodução do trabalho sempre tivesse em conta o trabalho doméstico feminino, muito embora a sua colaboração fosse tornada invisível socialmente, e raramente remunerada. Ressalta-se ainda que os entendimentos sobre honra e casamento das mulheres pobres eram tratados como um perigo moral para a nova conjuntura advinda da ordem burguesa.

Essa conjuntura fundamentava-se na ciência, vista como o novo paradigma do momento, e é aqui que o papel feminino é tratado com mais desqualificação perante a sociedade, haja vista ter sido mobilizado, e de forma progressiva, um grande número de repertórios científicos que buscavam inabilitar quem quer que fosse tratado como “alvo”. A medicina social tratava das mulheres enquadrando-as em uma concepção biológica, no qual eram direcionados a elas atributos como fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a submissão da sexualidade à vocação maternal. A visão que se construía a respeito das mulheres visava justificar, enfim, a exigência da submissão como atributo de sua honra.

Esse paradigma no qual canalizava às mulheres a desqualificação social encontrava-se “camuflado” por repertórios científicos de grande respaldo como a de Cesare Lombroso, um médico italiano e dono de grande reputação na criminologia desenvolvida no final do século XIX. Suas conjecturas recaiam sobre as leis contra o adultério afirmando que deveriam atingir somente as mulheres consideradas não predispostas pela natureza a tal tipo de comportamento. Aquelas “dotadas” de erotismo intenso e sólida inteligência seriam, então, despojadas do sentimento de maternidade, apontado como uma particularidade da mulher normal, e rotuladas como socialmente perniciosas. Dessa forma, esses atributos “*constituíam-se nas criminosas natas, nas prostitutas e nas loucas que deveriam ser afastadas do convívio social*”²⁰.

E nesse contexto médico-higienista, insere-se a repressão e violência policial, já predominante no período colonial, e que agora ganhava mais um argumento para asseverar o combate à prostituição. Trata-se antes de um importante aspecto das políticas regulamentaristas mobilizado para o controle dos “males” da sociedade, o qual está inserida atividades como a da prostituição, e, sendo dotado de alto poder dissimulatório, visa não ser descoberto pela mesma sociedade que defende.

Nesse período da história do Brasil, últimos anos do Império de Dom Pedro II ao final da Primeira República (1880-1930), pela perspectiva do progresso da cidadania, o único grande evento ocorrido foi a abolição da escravidão (1888)²¹. A transição de um regime para outro, em 1889, não representou muitas mudanças, e o ideal burguês mantinha-se forte, todavia não era incomum ver a insatisfação na população. Aliás, pode-se afirmar que metade das pessoas declarava não segui-la. O rigor do modelo burguês contribuía para seu uso restrito, à medida que qualquer desvio flagrado jogava o indivíduo no campo dos “sem moral”, um espaço alternativo onde se desenvolvia uma moralidade alternativa. Embora existisse alguma semelhança, entre a moralidade oficial

20 Ibid., p.363.

21 Ver Carvalho, 2002, p.17.

e a vivida pelas pessoas da época estabelecia-se um grande descompasso. E a responsabilidade era, em grande parte dos casos, atribuída à mulher, rotulada de responsável por conflitos na ordem burguesa.

Tendo maior participação das mulheres na força de trabalho na indústria, as primeiras décadas do século XX representaram uma época de violência sexual, tendo sido denunciadas inúmeras investidas de patrões sobre as mulheres trabalhadoras. Também uma época em que muito pouca coisa sofreu transformação, mantendo-se os discursos que desqualificavam as mulheres. Eram consideradas frágeis e infelizes pelos jornalistas, nocivas e “indesejáveis” pelos patrões, bem como dizia-se por parte de militantes políticos que eram passivas de mais e despojadas de inconsciência, eram também perdidas e pervertidas para médicos e juristas. Ocorre que a definição estabelecida da ausência de moral feminina é tão ampla que se tornava uma arma cruel contra praticamente qualquer mulher adulta. A prostituição, por sua vez, era tratada como o estado principal para toda mulher considerada indesejada, adúltera, de vida “irregular”, “duvidosa” e “fácil”, ou que se encontrava como mãe solteira. Segundo a historiadora Cláudia Fonseca (2008), tecendo considerações sobre a virtude sexual das mulheres pobres no início do século XX, no mercado de emprego de então, as “janelas” abertas às mulheres de origem humildes e baixo nível de escolaridade não se configuravam como as mais atraentes, situação abordada com frequência por historiadores e antropólogos, e para muitas mulheres em tal condição social, a prostituição emerge como uma possibilidade que não se despreza. A mulher que se prostituía se encontrava em uma situação onde de um lado havia as “chagas” da estigmatização e por outro a realidade experienciada por concubinas, mães solteiras, crianças bastardas, enfim, era a coerção burguesa buscando controle, mas coexistindo com ela a tolerância tácita a um modo de vida desviante daquela definida como oficial.

Após a Segunda Guerra Mundial, por volta dos anos 50, observava-se no Brasil a experiência da ascensão da classe média, atrelada a um otimismo devido ao crescimento urbano e à industrialização histórica que o país vivia, fortalecendo as

políticas educacionais e profissionais tanto para homens como para mulheres.

Eram tempos onde idéias sobre democracia e participação faziam parte dos repertórios políticos. De forma geral, nesse período a ampliação do acesso à informação, do consumo e do lazer para a população estava deixando sua fase embrionária. A aproximação entre homens e mulheres pode ser fortalecida pelas condições de vida da cidade, e tornou-se aparente nas transformações das práticas sociais dos relacionamentos conjugais, do namoro e na intimidade familiar.

Contudo, podiam-se notar nitidamente as distinções entre os papéis femininos e masculinos, tornando a questão da diferenciação da moral sexual visível, especialmente no que tange o trabalho da mulher, que embora tenha sido ampliado, ainda contava com as atribuições desqualificantes feitas pela sociedade, no qual as mulheres permaneciam na condição de submissas ao homem. Se por um lado o Brasil pode experimentar a modernização, impulsionada pelas tendências internacionais, e viver uma maior emancipação feminina, fortalecida pela tanto pela participação ativa da mulher nos esforços de guerra quanto com o desenvolvimento econômico, por outro sofria a influência dos esforços estrangeiros para pregar o retorno das mulheres à função de dona do lar e aos outros valores tradicionais da sociedade.

Esperava-se da família que se enquadrasse num modelo que qualificava os homens como donos da autoridade e do poder, superiores às mulheres, responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. Enquanto que da mulher ideal esperava-se que ocupasse as tarefas domésticas, especialmente as do cuidado com os filhos e com o marido, e era qualificada também pelo prisma da feminilidade, sendo apontados como ideais atributos como pureza, delicadeza, instinto materno e resignação. Em outras palavras, a sociedade favorecia as experiências sexuais masculinas, restringindo as femininas às do casamento tradicional.

Nesse contexto, as mulheres jovens que optavam pela submissão ao homem tinham o respeito social garantido pela moral dominante, enquanto que nada era garantido àquelas rotuladas de levianas, que aos olhos da sociedade mantinham relações

físicas íntimas inaceitáveis, sendo situadas em algum lugar entre as “boas moças” e prostitutas. As primeiras eram as que se portavam de forma condizente com a moral dominante, de modo a não serem rotuladas. Seu comportamento deveria ser aquele que focava a obediência “cega” aos pais, o preparo para o casamento, a conservação da “pureza” sexual, centrada no aspecto da guarda da virgindade, e a manutenção da distância de homens, terem contatos físicos então era impensável. A vigilância era constante para que todos desempenhassem corretamente a moral dominante.

2.3 - O trato do ofício no Brasil: agendas de organizações e movimentos

Para se conhecer as maneiras como a prostituição tem sido tratada, basta atentar-se para a agenda criada em torno dos debates promovidos pelo embate político, observando as pautas geradas no interior das organizações e movimentos das prostitutas. Os “enredos” são muito similares, e focam ora a luta das prostitutas pela regulamentação de sua atividade, definindo-se os atributos e regras gerais da atividade, no intuito de prestar apoio e defesa da prostituição ao enquadrá-las como “um trabalho qualquer” (Teixeira Rodrigues, 2003; 2011), e ora como uma crítica a uma política regulamentarista oriunda do papel do Estado na defesa dos interesses de viés economicista (Albuquerque, 2008).

2.3.1. Emergência das organizações e movimentos no Brasil

É a partir do final da década de 1980 que se observa no Brasil a emergência das primeiras organizações integradas por prostitutas que pleiteiam não só os direitos sociais de cidadania, como também o reconhecimento da prostituição como uma profissão que enseja direitos e deveres iguais às outras já legalizadas e regulamentadas.

“A organização vem como uma necessidade: era preciso reunir as prostitutas, elevar a prostituição à condição de profissão e conseguir o reconhecimento enquanto cidadãs e trabalhadoras” (Albuquerque, 2008, p. 54).

Tais reivindicações ganham maior visibilidade quando, a partir da década de 1990, emergem políticas públicas direcionadas a aquele grupo, inaugurando uma fase de incorporação de novos elementos, perspectivas e atores no debate sobre a prostituição e dos direitos reivindicados pelas pessoas que exercem tal atividade (Albuquerque, 2008; Alvarez 2001; Teixeira Rodrigues, 2011). É no interior dos movimentos sociais em prol da defesa dos direitos das prostitutas e da deliberação de ressignificação do trabalho sexual como profissão, a partir da década de 1970, que é cunhado o termo “profissionais do sexo”, com o intuito de referir-se àquelas pessoas que exercem a atividade e que dedicam-se a um “comércio do sexo” (Roberts, 1998). Constata-se que foi a partir daí que emergiram muitos desdobramentos sobre a temática. Através da difusão de grupos de reflexão e debates nesses eventos, observa-se que tal difusão exibiu um deslocamento dos espaços de saber onde normalmente tal temática era tratada, como determinados campos das ciências jurídicas e da saúde pública, bem como um deslocamento de enfoque, cuja preocupação centrava-se em elementos morais e sanitários, dando início à disputa dos espaços onde normalmente residem as perspectivas de cidadania e de direitos sociais e humanos.

2.4 - A perspectiva feminista

Outro fator que também colaborou de forma incisiva para os deslocamentos dos enfoques sobre a temática da prostituição foi a emergência do movimento feminista e sua agenda elaborada em torno da opressão feminina e do questionamento dos debates sobre a naturalização da desigualdade entre mulheres e homens²². Tal movimento buscava uma reformulação das perspectivas, com enfoque para os estudos de gênero, e isso promoveu, por outro lado, a incorporação, por parte dos movimentos das

22 Ver Tânia Navarro Swain (2004) para saber mais sobre a perspectiva do movimento feminista (que defende a abolição da prostituição, esta sendo tratada como uma evidência clara da subjugação da mulher pelo homem, sintoma de uma sociedade declaradamente desigual e naturalizadora do machismo), e Gabriela S. Leite (1995) para saber mais sobre o movimento regulacionista (que defende a criação e manutenção de uma legislação específica que regule a atividade, estabelecendo normas e fronteiras profissionais, e que, além disso, garanta aos trabalhadores que executam tal atividade os mesmos direitos civis e trabalhistas relegados a qualquer outra ocupação reconhecida e legitimada socialmente).

prostitutas, de novos e importantes elementos, que acabaram sendo colocados em pauta de oposição (Marshall, 1993; Roberts, 1998; Teixeira Rodrigues, 2011; Pryen, 1999).

O processo de redefinição e ressignificação das práticas e condutas expostas pela modificação da sexualidade como atributo do eu, colaborou para a crescente diversificação da sexualidade e para a emergência de um maior pluralismo, em meados do século 20. Assim, práticas consideradas anteriormente como perversão foram ressignificadas e realocadas de forma preferencial entre as outras, enquanto expressões da sexualidade. No entanto, a violência masculina pareceu não ceder frente aos esforços dos movimentos feministas, reagindo firmemente à equalização no âmbito da vida pessoal. Já na esfera da liberalização dos valores sexuais, percebeu-se a reemergência e a continuidade de movimentos considerados, no âmbito desses debates, reacionários (Teixeira Rodrigues, 2011).

No campo das pesquisas, os enfoques centrados no modelo de dominação masculina não conseguem expor o que os atores envolvidos em suas análises sentem, devido à perspectiva utilizada ser teleológica, devido a suas demarcações serem orientadas por sua percepção de como deve ser uma sociedade harmônica. Para Stéphanie Pryen, “*se esta concepção é respeitável, é também cega e surda*” (1999, p. 12).

2.5 -Uma questão de saúde e segurança pública

Constatou-se um agravamento da discriminação, ensejado principalmente pela emergência da epidemia de HIV/Aids e de um maior reforço da repressão policial. O surgimento da epidemia de HIV/Aids, entre as décadas de 1980 e 1990, promoveu uma transferência das preocupações com as prostitutas de volta para a área da saúde. A incipiente compreensão da epidemia, transformada posteriormente, ecoou sobre a prostituição, motivando o agravamento da discriminação e do preconceito, e, simultaneamente, oportunizou a organização política do segmento (Roberts, 1998; Rodrigues, 2011; Pryen, 1999).

A partir da década de 1970, questões focadas na luta contra a discriminação e a violência, incluindo a policial, permearam as reivindicações de diferentes tipos de organizações, que de forma conjunta pleiteavam o reconhecimento da cidadania das mulheres prostitutas, tanto na esfera nacional quanto internacional. Mais precisamente no Brasil, os movimentos, originalmente, admitiram a expressão “profissionais do sexo”. Contudo, recentemente, algumas lideranças passaram a defender o resgate do termo “prostituta”, por compreenderem que aquela expressão mascarava, mais do que desafiava, os estigmas que por longos anos acomete a atividade de prostituta. Rodrigues ressalta que o preconceito, a discriminação e a violência policial, sempre presentes no cotidiano das prostitutas, foram os fatores determinantes para a emergência das primeiras organizações de movimentos de prostitutas, mas logo foram sendo adotados novos elementos que remodelaram os percursos adotados pelas organizações, que tiveram sua consolidação no bojo das ações públicas de prevenção e combate ao HIV/Aids, que reorientou a atenção dada à questão da violência, tendo sido deixada em segundo plano, mesmo quando tal ainda não estivesse sido solucionada. Entretanto, essas questões de saúde e segurança pública puderam ser, de certa forma, superadas, e a própria maturidade das organizações criadas foi crucial para o restabelecimento da questão sobre a violência vivenciada pelas prostitutas como prioridade, acentuando a discussão mais abrangente acerca da dignidade e dos direitos das mulheres que exercem a prostituição.

Entretanto, atualmente a perspectiva das organizações seria levar a discussão da prostituição para o campo da cidadania, com enfoque para a questão da atividade referir-se a direitos sexuais e trabalhistas, e não mais a uma questão criminal/penal. Tal processo tem buscado clarificar o foco da discussão e dos posicionamentos a serem adotados pelos movimentos em relação a outros problemas como tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, bem como da exploração de crianças e adolescentes para os mesmos fins. Teixeira Rodrigues (2011) destaca as disputas internas das lideranças dos movimentos, pela ocasião de divergências quanto a inclusão dos referidos temas nas

pautas da rede nacional, especificamente o que tange a discussão sobre a exploração sexual infantil.

CAPÍTULO III:

UM OFÍCIO ENTRE CARGOS E POSTOS

Como dito na introdução desta dissertação, este capítulo tem como objetivo central analisar a hierarquia dos postos no mundo da prostituição. Dito de outro modo é preciso compreender os diferentes níveis existentes nesse ofício, pois mesmo em uma atividade ilegítima, sem poder formal pra definir seus critérios de pertencimento e os cargos acessíveis, é possível identificar uma diferença na função desempenhada e no espaço em que esta função está inserida.

Para isso, este estudo se apoiou na noção de carreira- que como expõe Becker (2009) envolve um conjunto de etapas objetivas que estão associadas a cargos e postos- e, de outro lado, na noção de território. A noção de território, aqui compreendida, é aquela que, dentro do contexto da prostituição- seja exercida na rua ou em um lugar específico- pode ser identificado um território, cuja duração é indeterminada. A formalização de um território ocorre quando um local é apoderado por um indivíduo ou determinado grupo social, que mantém um constante esforço para sua instalação e controle sobre sua manutenção, para que sua existência seja garantida (RIBEIRO & MATTOS, 1996, p. 62). Portanto, a construção dos territórios é “uma necessidade de um ambiente propício para exercício de sua atividade” (RIBEIRO & MATTOS, 1996, p.61).

Assim, no caso da prostituição, uma rua, um conjunto de ruas ou um lugar pode ser um território durante um determinado período de tempo. Isso acontece porque o indivíduo, ou um determinado grupo de pessoas, ao desempenhar sua atividade se apodera de um local, “formalizando” um território. Mas para que este território possa existir como tal, é necessário um esforço constante para sua instalação e manutenção, para que a atividade que se deseja realizar seja executada sem complicações e demais preocupações, haja vista que fora do território não há garantia de controle.

Para que esse mundo do jogo, do risco permanente e da supressão incessante possa existir, há uma necessidade de um ambiente propício para o exercício de sua atividade. Essa ambiência é demarcada por limites de uma territorialidade definida como uma tentativa individual ou de grupo, "de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, delimitando e assegurando o controle sobre uma área geográfica" (SACK, 1986: 19). Além disso, o território também tem a função de segregar e separar a atividade desenvolvida pelos grupos.

A observação direta, compreendida aqui enquanto técnica de obtenção de dados, e empreendida durante o trabalho de campo, teve em consideração a relação de interação entre observador e observado, e situou-se dentro de um sistema onde outras técnicas a complementou, tal como a construção e gestão de um diário de campo, desenvolvido durante todo o tempo da pesquisa, reunindo além de informações concretas sobre a atuação dos observados em seu campo, as impressões, notas e reflexões do pesquisador (BEAUD & WEBER, 2007; CICOUREL, 1980; GOOD & HATT, 1970). Ressalta-se que, devido à condição desviante do ofício da prostituta, de se estar associado à violência e práticas ilegais do ponto de vista da lei (como o tráfico e uso de drogas, furtos e prostituição infantil, por exemplo), pouco explícitas, portanto, pouco observáveis (e que em conjunto reduzem o reconhecimento social da profissão), a condução da pesquisa teve que ser realizada questionando a todo tempo os efeitos de nossa aproximação. Na busca de maior exatidão na compreensão do comportamento estudado, levou-se em consideração o complexo sistema simbólico desenvolvido pelos atores envolvidos na atividade. Dentre este sistema, destacou-se aqueles pertencentes a outros grupos sociais distintos (clientes, funcionários dos estabelecimentos, policiais, taxistas, flanelinhas, traficantes, comerciantes, ambulantes, moradores de rua, etc.), mas que estão ligados à atividade através das interações empreendidas dentro do universo prostitucional, e que muitas vezes incidem diretamente na maneira como a sociedade vê a atividade e age sobre ela.

Trata-se, enfim, de uma característica metodológica ligada à tradição da Escola de Chicago (cujos representantes principais são Everett C. Hughes, Anselm Strauss, Herbert Blumer, Howard S. Becker), que postula a incorporação na pesquisa de todos os envolvidos numa situação dada. Assim a observação é tratada a partir das suas interações com o grupo social estudado, o que permite ampliar a compreensão dos problemas fundamentais que orbitam as diferentes etapas na socialização profissional a que um indivíduo deve cumprir para ter estabilidade na carreira dentro do ofício. A metodologia desse tipo, abrangente por reunir na pesquisa os envolvidos diretos e indiretos em dado fenômeno social, produz resultados originais e por isso mesmo mais interessantes (BECKER, 2008, p. 12). Liga-se também a um tipo de observação cuja abordagem empírica de situações e comportamentos culturais dos envolvidos se dá de forma pessoal e duradoura, tendo como base os estudos antropológicos da linha iniciada por Bronislaw Malinowski (WEBER, 2009, p. 157-158; PRYEN, 2009, p. 75-76).

Para o estudo das dinâmicas internas ao ofício de prostituta é imprescindível considerar que a transmissão e formalização de saberes e habilidades inerentes à atividade não são executadas de forma explícita, mas dentro da informalidade (PRYEN, 2009, p.75). Dessa forma, esse tipo de observação, pessoal e extensa e que articula os discursos produzidos e transmitidos entre seus membros e inclusive por outros grupos sociais “coadjuvantes”, situados no campo de pesquisa (nos territórios), apresenta-se como ferramenta indispensável, pois a natureza própria de tal ofício, estigmatizado, sob a “cortina” do segredo, impede o pesquisador de obter acesso aos processos internos de formalização dos saberes, conhecimentos e habilidades, e sua transmissão. A superação de situações como essas depende muito do grau de objetividade a que o pesquisador interpõe com o grupo social observado, sobretudo ao que se refere ao uso constante de um diário de campo (BERREMAN, 1980). Se de um lado o pesquisador quando se socializa para conquistar o acesso ao grupo social controla-se contra o risco de se integrar a ponto de ter sua percepção espelhada com a percepção dos observados; de outro se deve estar atento às impressões que os observados constroem do pesquisador, sabendo que influenciam o acesso deste aos dados mais ocultos. Assim, a observação

direta e a construção e manutenção de um diário de campo visam identificar as diferentes etapas que a prostituição exige e os saberes informalmente transmitidos.

Nessa linha, por meio da intensa observação já explicitada, foi possível identificar os seguintes níveis de exercício do ofício de prostituta. No nível mais baixo da escala está a prostituta que trabalha na rua, a mercê do *cafetão* e exposta a todos os perigos da calçada. No nível seguinte estão aquelas que trabalham nas chamadas, e também muito conhecidas, “espeluncas” da cidade, ou seja, nas casas populares que atendem a todo tipo de clientela e cujos valores dos programas são considerados muito baixos e acessíveis. Esses estabelecimentos funcionam, em geral, tanto pelo dia quanto pela noite e sua rotatividade é grande. O nível seguinte é aquela que trabalha em clubes e casas noturnas mais organizadas, cujos valores dos serviços são mais altos e cuja clientela também se diferencia pelo seu nível social e de escolaridade. Estes estabelecimentos funcionam apenas a noite. O nível seguinte compreende aquelas que fazem programas e que administram seu próprio ofício, são as chamadas “garotas de programa”, e que atendem executivos, empresários, num serviço especializado e altamente secreto.

Cada um destes níveis compreende a certa divisão territorial dentro da estrutura urbana das cidades. A prostituição feminina adulta é assentada em territórios espacialmente demarcados, essencialmente, segundo o tipo de prostituição praticado, podendo coexistir mais de um em uma mesma localidade. Por exemplo, quando se trata da prostituição de rua, dois territórios distintos tendem a ter um destaque maior: os centros da cidade e os bairros próximos, adjacentes. Quando se trata da prostituição em bares e clubes noturnos, os bairros situados no centro aparecem novamente, junto com uma porção dos bairros que envolvem um poder aquisitivo maior. Estes últimos bairros são formados principalmente por conjuntos residenciais e condomínios fechados, pequenas áreas de comércio que funcionam de dia, e alguns bares situados em avenidas de grande circulação. Contudo, existem outros territórios localizados em regiões dos subúrbios das cidades, ou dito de outro modo, das suas periferias.

Os bairros situados nas adjacências do centro envolvem em seu núcleo, um comércio diversificado e agitado, do qual identifica essa região do bairro como o “comércio central” da cidade, chamariz principal para a circulação de pessoas. É local onde se concentra os poderes políticos (sedes e palácios dos governos municipal e estadual, câmaras de deputados do estado e de vereadores do município), repartições públicas (secretarias estaduais e municipais, delegacias de polícia estadual e federal, museus), financeiros (reunindo vários bancos públicos e privados). Sua paisagem é formada por lojas varejistas, supermercados, clínicas, hotéis e pousadas, igrejas, parques e praças, calçadas, terminais rodoviários e de ônibus coletivos, pontos de moto-táxi, terminal dos balões, e uma grande faixa de linhas ferroviárias ao longo das Avenidas principais, espaços culturais, universidades e escolas particulares, e a feira. O movimento maior é essencialmente diurno, com grande fluxo em todos os dias da semana (exceto feriados, domingos e tardes de sábado, quando o comércio normalmente é fechado) e atrai pessoas de várias localidades, tanto em função do trabalho que se exerce ou se busca ali, quanto como parte da clientela em busca de produtos e serviços variados. É nesse cenário, muitas vezes percebida como degradada socialmente, que a prostituição feminina de rua e de prostíbulos se desenvolve, dividindo espaço com traficantes e usuários de drogas. A prostituição feita por mulheres, homens e travestis, nessa região da cidade já toma contornos de tradição, seja na rua ou em prostíbulos.

3.1. Um Ofício de Rua

A prostituição negociada na rua tem como referência dois espaços distintos das cidades: um é o comércio central dos bairros adjacentes ao centro e o outro são bairros próximos a zonas turísticas. Faremos então uma breve descrição da paisagem e da dinâmica social em cada um desses lugares, para em seguida apresentarmos os principais pontos de prostituição que ocorrem na rua, assim como as características principais, o perfil das mulheres e o valor do programa. A partir de relatos registrados no diário de campo, apresenta-se a posição a que esse tipo de prostituição ocupa no

ranqueamento compartilhado informalmente por prostitutas que desenvolvem seu trabalho na cidade.

O Papel dos Bairros Centrais

Aqui, o público frequentador é misto. Por aglomerar em seu núcleo a principal zona comercial, financeira e política do Estado, é frequentado por pessoas de todos os lugares da cidade e do interior, e com situações financeiras variadas. É local onde todo o tipo de atividade (com alto ou baixo reconhecimento social) coexiste, concorrendo juntos no cenário público pelo andamento de seus negócios. O comércio é aquecido em todas as épocas do ano, e o fluxo de pessoas em todas as ruas da região é intenso. É no Central que a rua toma contornos de palco principal para a ação de diversos agentes sociais, como os membros do comércio varejista, ambulante e de feirantes de um lado, e de outro, sem tetos e mendigos que juntos, travam competição diária por um espaço nas calçadas. Nesse processo, como nos aponta Ribeiro & Mattos (1996) a respeito da questão do território, eles estabelecem a construção e a manutenção destes espaços, com o objetivo de estabelecer reconhecimento de suas posições e identidades, garantidas pelo reforço ininterrupto no controle das relações que se desenvolve ali.

A ação de pessoas ou grupos sociais cuja atividade praticada tem baixo reconhecimento social tende a encontrar na área de abrangência da territorialidade informalmente criada para si maior liberdade, uma vez que territórios são desenvolvidos com o intuito de estabelecer as devidas apropriações dos espaços que garantam o controle das pessoas que frequentam seus espaços e das relações efetuadas ali, podendo ocorrer aliança ou conflitos entre pessoas e grupos de outros territórios. Propicia para a pessoa ou grupo, enfim, a sensação de “zona de conforto”, onde pode atuar com mais segurança e liberdade (RIBEIRO & MATTOS, 1996, p. 62)

É nesse ínterim que a prostituição negociada na rua ocupa regiões como essas em diferentes cidades, estabelecendo territórios reconhecidos para a prática. Por ser uma atividade de pouquíssimo reconhecimento social, seu exercício é então conduzido

principalmente à noite, quando o fluxo de pessoas diminui e com ela a chance de exposição. Mas é importante também que se diga que há quem negocie programas nas ruas pelo dia. Um exemplo é a prostituição de rua que ocorre de dia em uma das ruas do bairro, no qual é reservado à mulher que ali atua associações ao vício em drogas, delitos, aspectos considerados negativos para ofício, como nos aponta um comentário feito por uma mulher atuante em um prostíbulo situado na mesma rua, servindo inclusive como evidência de uma classificação em ranqueamento informais:

Essas garotas ali vendem seu corpo só pra manter o vício no craque. Muitas vezes fazem programa, cobrando cinco, dez reais, só pra pagar dívidas que fizeram com os traficantes. Eles ficam ali na calçada vigiando os passos delas, e quem não paga é expulsa da região. Eles mandam em tudo, e elas nem comem direito, coitadas, pois tudo que recebem é pra bancar o vício que eles alimentam. Quase todas não têm família, nem têm onde morar e moram na rua mesmo. Dá muita pena ver a situação delas. Esse movimento delas com os traficantes pra lá e pra cá, com briga, gritaria e com a fumação de craque todo dia, tá prejudicando a gente aqui na casa. As lojas todas da rua tão tendo prejuízo pois isso afastou os clientes. É uma cracolândia, onde tem cracolândia tem roubo, tem essas noiadas dando por cinco reais pra torrar no craque. (Fonte: diário de campo).

No caso dos territórios da prostituição feminina de rua que ocorre à noite, os pontos de encontro estão distribuídos segundo as localidades onde o fluxo de pessoas tende a convergir, como o caso dos entornos das feiras, onde figuram três principais ruas. Sendo uma região, em geral, bem servida por bares abertos à noite, pensionatos baratos para moradia temporária, pousadas e hotéis de alta rotatividade, oferecendo a opção de pagamento de horas fracionadas e cobrando em média dez reais a hora, abertos vinte e quatro horas por dia- e onde estão estabelecidos alguns dos bares e clubes mais conhecidos da região- este território específico recebe maior consagração, pois toda essa estrutura é bem recebida entre as mulheres ativas na prostituição de rua para aquela localidade, haja vista proporcionar facilidades para o exercício da atividade. Gera também constantes conflitos devido à alta concentração de prostitutas e da consequente disputa entre elas por um ponto em um território já demarcado e ocupado. As estratégias mais mobilizadas oscilam entre a “compra” de permissão de uso dos espaços, até ao uso

de violência para expulsar as “invasoras”. Os programas costumam oscilar entre quinze a cinquenta reais, variando segundo a negociação.

Outros territórios das cidades que estão associados a prática prostitucional estão fixados entre as regiões dos poderes políticos do Estado. Entre os territórios consolidados da prostituição de rua, este não constitui a primeira opção para quem está em busca de um lugar para trabalhar, haja vista não concentrar ao seu redor uma estrutura que facilite seu exercício, como a presença de hotéis e pousadas, presentes no território descrito anteriormente. Assim, esse território consagra uma prostituição de rua onde a prostituta necessita aventurar-se mais na busca por clientes, situação esta que pressiona a oferta de programas mais baratos (entre quinze a cinquenta reais), em relação aos territórios mais próximos à área dos mercados. Nos dois territórios é comum as prostitutas dividirem espaço com travestis que se prostituem também.

Os Espaços mais Valorizados

A prostituição de rua também está presente em bairros com alta valorização social e está diretamente associada ao fluxo de pessoas que circula em hotéis, pousadas e pontos turístico das cidades. Sendo reconhecida pelo turismo de lazer, a prostituição de rua encontra ali, a possibilidade de programas mais rentáveis, haja vista ser local de grande circulação de pessoas da comunidade local e de turistas em busca de momentos de lazer e entretenimento, principalmente à noite, nos bares, lanchonetes e restaurantes da região. Isso não exclui a prostituição exercida pelo dia. Ali, as prostitutas dividem território com flanelinhas e traficantes, e o alto consumo de drogas costuma estar associado aos recorrentes delitos na região, motivos para insatisfação da população que reside na localidade. A prostituição infantil é também muito presente na região, o que ocasiona frequentes diligências da polícia e agentes do conselho tutelar.

A posição ocupada pela prostituição que se desenvolve nas ruas ao redor dos bairros mais valorizados não é tão diferente do que se encontra nos bairros centrais. Elementos como a violência, vulnerabilidade, exposição, tráfico e uso de drogas, furtos

e outros delitos costumam fazer parte dos discursos proferidos contra a disposição de se trabalhar nessa modalidade, sendo constatado no seguinte comentário de uma prostituta de clube noturno que já trabalhou na rua:

Tem que ter muita coragem pra se trabalhar na rua. Nem sei como aguentei trabalhar quase dois anos. Eu tinha que dá uns trocados pro traficante lá pra cobrir a gente, senão os malacas vinham e tocavam o terror. São esses sacis que moram ali, na maioria de menor. Quando tão precisando pagar as dívidas que fazem com traficantes eles vem assaltar aqui. Pra eles é fácil, vem de moto e até de bike mesmo. Alguns até fazem vida como garotos de programa, mas a maioria toca o terror mesmo. Até que ali dá um dinheiro bom, me ajudou bastante e eu consegui fazer até oitocentos reais por semana, mas é muito risco, frio, chuva, gente que mora na área que não gosta da nossa presença, bandidos, caloteiros, tudo isso afasta a gente dali. (Fonte: diário de campo)

O perfil das mulheres que se prostituem nas ruas reserva semelhanças nas chamadas histórias tristes (*sad histories*) que as teriam conduzido até essa atividade. Assim, condições de pobreza e dificuldades financeiras estão no topo dos motivos mais relatados para se entrar na prostituição. As prostitutas que trabalham na rua, portanto, costumam apontar sua origem humilde e posse de muitas dificuldades, sobretudo financeiras, sendo que muitas seriam mães e com cônjuges desempregados, e que sempre estão passando por problemas, especialmente dentro da profissão. É comum em alguns territórios os programas serem negociados por dez reais.

O que estamos querendo dizer com isso é que, independente do local em que se realiza a prostituição, a rua tende a ser um dos espaços mais vulneráveis de exercício do ofício, mesmo quando esta rua está situada num bairro periférico ou num bairro mais valorizado do ponto de vista econômico e social.

3.2. As Espeluncas: de “inferninhos” a “pinga-pus”

Para o tipo de prostituta que não enxerga na rua vantagem nenhuma, seja porque ouviu falar mal ou por ter tido experiências ruins, o refúgio mais procurado são os

estabelecimentos fechados, que se diferenciam da rua por oferecerem oportunidade de trabalho discreto e com relativa segurança.

Proprietários estão sempre defendendo a inserção de seus estabelecimentos na classificação oficial de órgãos municipais como bares, casas de show, boates, e casas noturnas, e recusam sempre a associação com a prostituição. Para eles, seus estabelecimentos são freqüentados por todo o tipo de gente e não há como impedir a entrada de mulheres, ou quem quer que seja, que ali queiram negociar a prostituição com outros clientes frequentadores. Aliás, com a frequência cada vez maior de prostitutas no estabelecimento, e dos clientes que acabam indo atrás exclusivamente de seus serviços, o proprietário pode experimentar ter a imagem de seu estabelecimento sendo associada a uma casa de prostituição sem que haja controle sobre isso, e resolver criar regras de conduta para uma melhor organização.

Em outros estabelecimentos a preferência é de não escandalizar a presença de prostitutas, recebendo todo tipo de pessoa, inclusive menores de idade acompanhados por adultos. Ou seja, as prostitutas criam um território “anônimo”, marcando sucessivos encontros num mesmo lugar, onde com o tempo, sua identidade inevitavelmente passa a ser revelada a alguns funcionários (normalmente garçons) a quem elas contam com a ajuda na descrição e indicação de clientes que manifestem interesse, como explicou uma informante que afirma ter negociado programas ali várias vezes:

Funciona assim: As pessoas ali não se conhecem, são pessoas que vão ali tomar umas com os amigos e familiares, muito turista, e não fazem idéia de que ali rola prostituição. Todo mundo se parece, não tem ninguém vestindo ou falando coisas vulgares, então não tem suspeitas. A garota geralmente vai acompanhada de outra e pedem alguma coisa. Estão ali como clientes, tudo normal, entende? Mas marcamos nossos encontros com clientes lá o tempo todo, e são os garçons quem primeiro percebem o que fazemos. Um dia estamos com um [*cliente*], no outro dia com outro, e assim vai. Fica impossível esconder deles, e acabam nos ajudando a conseguir trabalho, principalmente com turistas que não conhecem as boates da cidade e buscam informação com eles, que nos apontam. Então o cliente quando se interessa dá um sinal, geralmente pagando alguma bebida e envia para nossa mesa

com o pedido de juntar-se a nós. E pronto, é assim. Não tem vínculo com o lugar. (Fonte: diário de campo).

Nos estabelecimentos onde há a cobrança de entrada, as mulheres que se prostituem se beneficiam com uma espécie de cobrança tardia: a mulher só pagará sua entrada se conseguir companhia lá dentro, ou em caso de não conseguir só terá o abono da entrada se permanecer até encerramento das atividades para aquele dia.

Existem aqueles luxuosos com estrutura de boates e clubes noturnos, equipados com uma estrutura moderna (som, iluminação, equipamentos de segurança, decoração externa e interna) e que atrai prostitutas bem reputadas, e existem aqueles de classe imediatamente inferior aos primeiros. São estabelecimentos conhecidos popularmente como “bregas”, “cabarés” e “bordéis”, que figuram no cenário da prostituição como verdadeiras “espeluncas”, sendo dirigida a eles denominações depreciativas, tais como “inferninhos” e “pinga pus”, e é sobre esse segundo tipo de estabelecimento que iremos nos concentrar primeiro, para depois avançarmos para os clubes noturnos.

No ranqueamento informal dos espaços desses estabelecimentos posicionam-se imediatamente acima da rua, porém conservando características que os desqualificam, como prostitutas mal produzidas, em relação a vestuário e maquiagem, e vulgaridade em suas condutas. Com relação a isso, uma boa indicação vem de uma prostituta que nos contou sua experiência de quando precisou ficar um tempo distante da vida noturna de clubes e passou a freqüentar um desses estabelecimentos dos bairros centrais que funcionam de dia, e como seu hábito de se produzir, adquirida em estabelecimentos mais conceituados, causou estranheza e incômodo para as que já trabalhavam ali, e vantagem para ela:

Eu tava passando por uma dificuldade, sabe, pessoal, e tive que deixar de trabalhar a noite. Mas eu não podia ficar sem trabalhar, entende? Muitas contas, aluguel atrasado, enfim, não podia ficar parada. Então fui ver se me aceitavam em um desses inferninhos do Central, fui num que uma amiga me indicou. Só de entrar na rua já sentia frio na espinha, muito maloqueiro, drogado ... lá dentro tinha mesas como

essas de bar comum, e era escurinho.. sempre é escurinho mesmo. Fui falar com o dono que me recebeu muito bem, disso não tenho do que reclamar, mas as garotas de lá ficaram me olhando de cima a baixo. Eu só trabalho produzida, e elas ali trabalham de qualquer jeito.. era roupa velha, suja e até rasgada, e ainda por cima vão fazer programa de sandálias ... Ah, como eu me produzo bem, ando de salto alto, foi normal eu chamar mais atenção do que elas, sempre que ia lá. Fiquei por lá mais ou menos uns dois meses. Fugi de problemas pra cair em outro [risos]. As meninas não paravam de implicar comigo, insistiam que eu tava roubando cliente delas, tudo no recalque. Elas cobravam cinquenta reais pra cair nos trinta ou vinte, e eu cobrava cem pra cair nos oitenta, setenta reais, trabalhei bem ali. (Fonte: diário de campo).

Pode-se notar também, pelo relato anterior, que a presença constante em seus arredores de pessoas associadas a atividades nem sempre bem vistas socialmente (como prostitutas de rua, usuários e traficantes de drogas, pessoas envolvidas com furtos e outros delitos, moradores de rua, por exemplo), bem como em seu interior, são vistos como negativos. Pequenos delitos praticados pelas próprias mulheres é uma prática muito comum dentro de espeluncas, como revela um trecho de um bate-papo entre duas prostitutas de um clube noturno, onde é relatada uma experiência como vítima de roubos praticados pelas próprias prostitutas, ressaltando ser uma característica comum a esse tipo de estabelecimento independentemente da cidade onde se situa.

Penélope Charmosa: Era um lugar gostoso de mais. Era gostoso.

Dora: Só não tinha muita menina certa, tinha uns lobos de vez em quando.

Penélope Charmosa: Era ...ali era cabaré mesmo! Sumia celular, dinheiro ...sumiu um celular meu outra vez. Quando eu chegava lá ... davam armários pra gente guardar as coisas, e eu picava tudo dentro e colocava meu cadeado. Mas era cabaré mesmo. (Fonte: diário de campo)

Em espeluncas, a entrada de vendedores ambulantes (vendedores de amendoins, CDs, bijuterias, por exemplo) costuma ser permitida. Normalmente não é cobrada entrada e nem consumação, o que predispõe o estabelecimento a um grande fluxo de pessoas por dia, e quando esses aspectos são considerados em conjunto acabam afastando o público mais “elitizado” e preocupado com segurança, DSTs e discrição.

Todavia, não cobrar entrada pode ser uma via interessante para atrair a clientela em número. Quando há muitas garotas reunidas, os preços de programas costumam decair, haja vista a concorrência aumentar também, e algumas prostitutas preocupadas em manter um valor padrão acabam se afastando para não ter que cobrar barato. Aliás, algumas efetuam visitas de “reconhecimento” aos estabelecimentos mais conhecidos e, por isso mesmo, mais referenciados, sobretudo por clientes, e essa prática serve muitas vezes para estabelecer um amplo leque de opções para si, caso ocorra alguma eventualidade que a force mudar de estabelecimento. Como consequência disso, é feita uma classificação informal onde as prostitutas elegem qualidades e defeitos dos estabelecimentos, e compartilham essas informações e opiniões entre si, como podemos perceber a partir de um trecho de uma conversa que tive com duas prostitutas de clube noturno:

Petra – você conhece o “1”. [*prostíbulo do Central*]?

Pietra - Eu fui pra conhecer quando eu trabalhava na “2”, com um cliente. Nunca fui pra trabalhar não. Fui naquela época.

Penélope Charmosa - Gostou de lá?

Pietra – Eu só entrei ...passei uns ... meia hora e saí. Menina lá é um galpão desse tamanho [*estendendo os braços*]... lá é muito grande, é uma loucura lá...

Penélope Charmosa – É um galpão mesmo, você falou tudo.

Pietra – Rapaz ...e [*tem sempre*] um monte de gente, cê é louca da cabeça!(Fonte: diário de campo).

O perfil das que ali trabalham constitui-se de ex-prostitutas de rua e mulheres com idade média acima dos trinta anos (aquelas em “fim de carreira”), muitas vindas de boates e clubes noturnos no qual não conseguem mais competir com as outras prostitutas mais novas e mais requisitadas, como indica um comentário feito por uma prostituta que passou a trabalhar em uma espelunca após sentir desaceleração no rendimento de seu trabalho em um clube noturno da cidade, o qual atribui a isso o “peso” de sua idade:

As meninas lá do “2” são tops. Eu já fui top, mas hoje to meio derrubadinha [*gargalhada*]. Eu já tava passando vergonha ali, pois não tenho mais idade para trabalhar lá. Chega uma hora que a gente fica com vergonha de trabalhar em um lugar cheio de menina novinha, e só você de velha, e ganhando menos também. Aqui no “3” pelo menos não me sinto tão diferente, e ainda consigo ganhar o mesmo que a mais top daqui ganha. Claro né, sou derrubada lá no “2”, mas aqui no “3” ainda estou entre as tops. (Fonte: diário de campo).

O público que frequenta esses estabelecimentos costuma ser constituído, predominantemente, de homens com pouco poder aquisitivo. Embora seja comum haver na cidade espeluncas em regiões da periferia. As espeluncas presentes no Central são os que se situam em territórios consagrados para a prostituição e que possuem maiores expectativas quanto a se estabelecerem temporalmente, isso porque os estabelecimentos freqüentados por prostitutas, que tentam se estabelecer nas regiões onde predominam residências, tendem a enfrentar resistência da população local. Assim, aqueles situados em centros comerciais tendem a adquirir maior longevidade, e como consequência os territórios prostitucionais também.

Quanto à estrutura oferecida, a maioria dos estabelecimentos possui discretos palcos para as dançarinas da classe *stripper* (dançarinas que realizam shows eróticos), onde elas são convidadas a dançar pelos proprietários ou clientes, mas sem receber cachês fixos por isso (somente o que receberem dos clientes). As que se dispõem a dançar no palco ficam sujeitas a receber convites de clientes para dançarem em suas mesas, e são livres para cobrar o cachê sem descontos para a casa. Esses estabelecimentos não possuem estacionamento privativo, então muitos dos clientes com transporte próprio, que freqüentam aqueles prostíbulos que funcionam de dia, aproveitam a movimentada rotina do comércio, e estacionam seus automóveis em ruas próximas para despistar seu destino real.

Nenhum dos estabelecimentos visitados responsabiliza-se pela conduta das prostitutas, principalmente em relação à quebra de acordos negociados com seus clientes, ou por delitos cometidos por elas (furtos), muito embora exista quem já foi

obrigada a devolver ao cliente dinheiro de programa recebido por não cumprir os acordos, como pode ser visto no seguinte relato de uma prostituta:

... o cara [*cliente*] não queria fuder com camisinha. Eu me zanguei logo, porque ele é cliente antigo da casa, já saiu comigo outras vezes, e sabe que nunca transo sem camisinha. Botei a camisinha nele e transamos. Ele não gozou, mas o tempo combinado [*uma hora*] já tinha passado. Então lembrei ele que o tempo já tinha passado havia mais de quinze minutos, pedi licença e fui tomar minha ducha. Ele ficou lá na cama reclamando que não tinha gozado, e que eu era a culpada por isso, pois ele não gosta de foder com camisinha, disse que eu teria que devolver o dinheiro do programa. Mandeí ele tomar no chicote, pois tinha feito o meu serviço já, e voltei pro salão. Depois de dez minutos ele reapareceu e foi falar com o dono. O dono me chamou e pediu que eu devolvesse o dinheiro pois eu não tinha cumprido com o combinado. Expliquei a real pra ele, mas preferiu acreditar naquele velho, só porque é cliente antigo. Eu não devolvi e disse que ele fosse na polícia reclamar. O dono disse então que eu não precisava mais vir no outro dia. Ele me expulsou, mas eu dei graças a Deus porque ele revelou ser desonesto. Hoje em dia ele me manda recados direto pelas outras meninas, que têm meu contato, pedindo pra eu voltar. O velho vagabundo acabou fazendo a mesma coisa depois disso com outras meninas, pois como conseguiu a primeira vez viciou. Isso pra ele aprender a dar valor às meninas da casa. Por causa de coisas como essas é que muitas meninas são violentadas, até morrem. (fonte: diário de campo).

3.3. As Casas dos Milagres

Nas diferentes cidades pode-se observar a ocorrência de estabelecimentos considerados mais luxuosos. Em geral, são clubes que funcionam apenas no período noturno, abrindo normalmente a partir das oito horas da noite e fechando cerca de seis horas da manhã do dia seguinte. Com alguma frequência estes estabelecimentos cobram entrada, podendo variar entre dez e vinte reais. As peculiaridades observadas são de investimento em decoração, climatização, segurança, pagamento dos programas no cartão (maquinetas para isso são de propriedade das prostitutas), estacionamento privativo (somente para o caso do clube mais antigo), e mulheres muito bem produzidas.

Esses estabelecimentos mantêm uma projeção social forte, e são considerados, no ranqueamento informal compartilhado por prostitutas, estabelecimentos de qualidade, seguros, com a higiene adequada, bem organizados, próximos dos bairros mais elitizados da cidade e da rota do turismo, enfim, destino mais procurado por prostitutas que desejam trabalhar para receber entre cem a seiscentos reais por dia somente com programa.

As prostitutas que frequentam estabelecimentos como os clubes conseguem manter investimentos em outras atividades, como cursos em faculdades, cursos de línguas estrangeiras, academias de exercícios físicos, turismo, e empreendedorismo. Como recebem bem, em relação ao que ganha uma prostituta de uma espelunca, algumas investem no próprio corpo, seja malhando, seja colocando próteses de silicone, ou seja usando produtos para aumentar massa corporal, nem sempre de forma legal, cujo intuito é manter um padrão de beleza das mulheres no estabelecimento. A “campanha” realizada dentro de algumas academias para que se use anabolizantes, por exemplo, é motivo de discussão, e já causou danos físicos a algumas prostitutas, que visando estabilidade financeira, aceitaram comprar tais produtos:

Um cara lá da academia Verde vende essas paradas. É tudo ilegal, pois ele não tem autorização pra vender essas coisas. Nem o povo de academia, formado, pode, quanto mais ele. Mas ele insiste que as meninas têm que cuidar do corpo, que tem que malhar, botar silicone, usar essas bombas. Ele acha que meninas bombadas são as mais procuradas, mas existe gosto pra tudo. Eu já disse a ele que eu gosto do meu corpo natural, mas ele fica insistindo o tempo todo, chega enjoa. A Margarida usou nas pernas. Comprou na mão dele e se arrombou. Foi parar no hospital com as pernas inchadas, cheias de pus. (fonte: diário de campo).

Como dito anteriormente, os clubes noturnos são bem equipados com equipamentos de som e iluminação modernos. São usados com frequência, ligados durante todo o expediente. Seus usos normalmente são direcionados a shows de *strippers* nos palcos, é o caso de dois dos três clubes noturnos mencionados, que promovem shows eróticos normalmente a cada vinte minutos em média. Possibilidade de se realizar shows é mais um atrativo que faz subir o conceito do estabelecimento

naquele ranqueamento informal entre as prostitutas, como podemos constatar na fala de uma *stripper* de clube noturno:

Martina - Sabia que têm meninas que só escolhem casas pra trabalhar se puder dançar, e outras que só escolhem casas que não pode?

Pietra- Não sabia. Qual a diferença entre elas?

Martina - Tá muito difícil ganhar dinheiro à noite, e temos que atirar pra todo lado. As que sabem dançar olham pra essa situação e dizem: pelo menos garanti um trocado bom com o show que fiz no palco. É como costume dizer: quem tem dois putos no bolso, garante pelo menos um, e quem tem só um garante o que? Essas meninas que vão pra essas casas sem palco, como o “6”, são as que não dançam porque têm vergonha do próprio corpo, são gordas cheias de celulite e estrias, e descuidam da saúde do corpo, e como nas casas com palco a pressão para que se dance é muito grande, então elas preferem trabalhar num lugar que nem ofereça isso, só porque têm medo de passar vergonha (fonte: diário de campo).

Em geral, essas casas realizam shows e grandes eventos, permitindo a prostituta que ali trabalha um leque maior de possibilidades profissionais e aumentar sua renda.

O palco é uma vitrine. Quem não sabe dançar ou não tem coragem, perde uma oportunidade de ouro. Duas musiquinhas não mata ninguém, pelo contrário, pode render bem mais do que o cachê do show, pode render vários programas. Quando eu danço no palco, consigo fazer uma, duas saídas no mesmo dia. Agora fica umas otárias reclamando que não fazem saída ... botando a culpa na casa, nas meninas, tudo devendo a traficantes e taxistas, e deixando de fazer uma grana boa com show. Essas meninas estão acostumadas a reclamar de barriga cheia, porque se tivesse vazia com certeza deixaria a frescura de lado. O que é pior? Ir pra cama com um estranho ou dançar pelada pra vários? (fonte: diário de campo)

Um aspecto que incide positivamente na imagem dos clubes é a sua capacidade de organizar eventos grandes, com festas temáticas, apresentações de danças, com condução de dj's especializados, e normalmente a presença alguma celebridade (geralmente modelos) para fazer shows de strip-tease.

Cara, a menina aqui roubou meu cliente enquanto eu dançava. Todo mundo viu que aquele cliente tava comigo. Ela esperou eu sair pro camarim pra queixá-lo. No palco dançando fiquei só de olho. Eu vi quando ele passou o cartão. Reclamei depois com um dos responsáveis lá e ele me disse que não podia fazer nada. É um absurdo. Lá no “3” não tinha dessas coisas. Aqui é tudo muito desorganizado. É porque sou do bem. Se eu fosse uma dessas barraqueiras, e olha que nessa vida só se encontra puta assim, puta ruim como diz, ia ter um bafafá daqueles. (Fonte: diário de campo).

3.4. *A Profissional Livre*

O tipo de prostituição praticado por uma profissional livre (*freelancer*) se caracteriza pela condução de seus programas da forma mais conveniente para elas. Isso significa que a prostituta não vê necessidade em frequentar um estabelecimento, seja qual for. É um tipo de prostituta que desenvolveu sua carreira e alcançou certa experiência que lhe permite desenvolver seus negócios por conta própria, e costuma cobrar um pouco mais do que o programa negociado dentro de um clube noturno.

O perfil da profissional livre é a da prostituta que já trabalhou em prostíbulos e clubes, por alguns anos de sua vida profissional, e em determinado momento da carreira (marcado por conflitos com regras, multas, taxas, interferências, típicos de estabelecimentos), passou a se dedicar aos programas atendidos sem mediação de um estabelecimento ou cafetão. Assim, seus contatos são atualizados constantemente, e é feita uma “limpeza” que garanta em sua rede somente os mais confiáveis (aqueles que não interferem na condução do ofício, e que, sobretudo, não dão calote).

É comum para uma profissional livre cobrar entre duzentos a quinhentos reais. A novidade, nesse caso é que o valor recebido não sofre partilha com mediadores, como os cafetões, tornando tudo mais agradável. A questão da segurança para a profissional livre é latente, pois se trata de um aspecto inerente à profissão, mas que é sensivelmente diminuída para seu caso. Assim, com “poucas” dificuldades, a prostituta desenvolve seu trabalho atendendo em motéis, pousadas, hotéis e residências.

Mas grande parte delas paga sites na internet para divulgar seu perfil, onde fornecem fotos suas e números para contato. É uma estratégia muito comum para se evitar o retorno aos estabelecimentos²³, de onde normalmente há lembranças de experiências ruins. Acontece que sua rede de contatos pode “esfriar”, e com isso encolher, forçando prostituta a buscar novos clientes. Então a “seleção” têm início com a publicação de seu perfil em algum site (normalmente os mais populares), daí ela passa a receber propostas e marca em algum lugar de sua confiança:

M - Eu parei de ir pro “3” faz tempo. Não estava aguentando mais aquela prisão. Aliás, tem uma cara que não vou pra uma boate.

S – E o que você tá fazendo para se manter?

C – Ainda faço programa, mas por site só. É muito mais rentável, sem contar que não preciso pagar saída mais [*risos*]. Cobro a mesma coisa [R\$250,00], e fica tudo pra mim. A Ta e a Vi tão no site também. É a liberdade que eu queria, não me arrependo.

S– E como você faz para negociar o programa? Por telefone mesmo?

C– Agora tem o zapzap né? Fica mais fácil. Só combino sem olhar na cara aqueles clientes confiáveis, como o piloto, o ladrão de cadeados, lembra deles?

S – Lembro sim.

C – Com conhecido vou direto pra pousada. Já com desconhecido, marco no bar, pego o dinheiro primeiro, pois não sou Alice, muito menos Berenice [*risos*], e depois vamos pra uma pousada. Mas no normal eu só atendo cliente conhecido. Deixo o perfil aberto no site só quando esse povo some, tá ligado? (Fonte: diário de campo).

23 Muitas prostitutas de estabelecimentos mantém um perfil ativo em site, mas fazem isso para aumentar as chances de se negociar algum programa. Quando recebem propostas de clientes dos sites em horário em que estejam trabalhando em um estabelecimento, é normal marcarem o encontro lá primeiro, para que se garanta o recebimento do dinheiro. Por terem que pagar, além do valor negociado para o programa, também as despesas com entrada e motel, muitas propostas não segue adiante, gerando um custo que nem sempre é encarado com bons olhos. Muitas prostitutas encerram seu perfil por conta de prejuízos como esse.

Enfim, a vida de uma profissional livre parece ser bem menos problemática, haja vista que a discrição é alta, em oposição à exposição que é baixa. Apareta ser mais vantajoso, pois o tempo é livre, e os programas podem ser realizado a qualquer hora do dia, e tanto para elas quanto para clientes de uma forma geral, essa flexibilização serve como indicador de garantia de retorno e satisfação.

CAPÍTULO IV

CULTURA E CARREIRA NUM GRUPO PROFISSIONAL

Neste capítulo tomo como problemática analítica o exame dos critérios de entrada e permanência no mundo prostitucional praticado no interior de clubes noturnos do Condado. A ênfase centra-se nos dilemas desenvolvidos no âmbito do exercício, da produção e transferência de repertórios profissionais referentes ao equilíbrio de poder entre prostitutas e clientes. Como sugere o título, este capítulo foi fortemente inspirado por três obras centrais: Howard Becker (2008) sobre a carreira e a cultura dos músicos de jazz como uma ocupação desviante; o trabalho de Stéphanie Pryen (1999) sobre a prostituta de rua e os seus desafios e dilemas, assim como o trabalho de Mathieu (2002) sobre a mobilização das prostitutas na França. De todos, especialmente Becker teve um papel central na organização deste capítulo, fornecendo as conexões centrais para expor, de um lado, a cultura de um grupo desviante, de outro, a carreira num grupo ocupacional desviante.

Portanto, de um lado entendo o mundo prostitucional como um conjunto de elementos, atributos ou qualidades intrínsecos ao exercício da prostituição, incluindo dessa forma todo o conhecimento tácito produzido pela experiência de prostitutas, e sua mobilização para a aprendizagem entre os membros (novatos ou mais experientes) desse grupo profissional. O parágrafo abaixo, extraído do texto de Becker (2008, p. 90), explicita com mais clareza o que estamos chamando de cultura ou mundo prostitucional.

Muitos sugeriram que cultura surge essencialmente em resposta a um problema enfrentado em comum por um grupo de pessoas, à medida que elas são capazes de interagir e se comunicar entre si de maneira eficaz. Pessoas que se envolvem em atividades consideradas desviantes enfrentam tipicamente o problema de que sua concepção a respeito do que fazem não é partilhada por outros membros da sociedade. O homossexual acha que sua vida sexual é adequada, mas os outros não pensam isso. O ladrão julga que é apropriado para ele roubar, mas ninguém acha isso. Quando pessoas que se envolvem em atividades desviantes tem oportunidade de interagir, é provável que

desenvolvam uma cultura constituída em torno dos problemas decorrentes das diferenças entre sua definição do que fazem e a definição adotada por outros membros da sociedade (Becker, 2008, p. 90-91)

Nessa direção apontada por Becker, apesar da atividade da prostituta ser legalmente permitida, a sua cultura e o seu modo de vida são rotulados e percebidos pelos membros da sociedade, de modo geral, como inapropriados e imorais. Desse modo, para compreendermos a cultura deste grupo precisamos levar em consideração como eles vivem, no dia a dia, este ofício. Isso inclui um exame de como as prostitutas concebem suas atividades, como se organizam para atrair clientes, como se diferenciam e se classificam internamente.

De outro lado, parto do exame do ponto de vista de quem pratica o ofício, centrando nos repertórios de segurança constantemente produzidos, mobilizados e transmitidos entre mulheres que se prostituem, haja vista que o medo de violência praticado por clientes e outros homens é considerada muitas vezes um fator inerente a prostituição (MATHIEU, 2002; PRYEN, 1999). Conseqüentemente, a socialização profissional na prostituição requer, como salienta Stéphanie Pryen (1999), o domínio e transmissão desses repertórios de segurança. Para esta autora, que dedicou um capítulo à socialização profissional em uma obra onde analisa a prostituição de rua, nesse processo é a internalização desses repertórios de segurança que minimiza a sensação de vulnerabilidade da mulher no mundo prostitucional, configurando-se como parte indispensável para a boa gerência do ofício.

Dito de outro modo, isto implica dizer que a mulher que não conseguir dominar esse arcabouço técnico transmitido por esses repertórios de segurança, estará exposta às intempéries produzidas ante a relação de clientes mais experientes e a todo tipo de “ossos do ofício”. Por outro lado, segundo Mathieu (2002), aquelas que demonstram maior experiência, resistência ou sabedoria, fatores que podem abrandar as corriqueiras agressões do trabalho, estariam mais próximas do topo de uma hierarquia criada entre elas, e onde as mais próximas da base se encontrariam em uma condição

estigmatizante (MATHIEU, 2002, p.55).

De maneira mais geral a prostituta é aquela que, grosso modo, é definida como alguém que faz sexo por dinheiro. Contudo, a prostituta de clube noturno apresenta um diferencial: ela está em um espaço fechado aparentemente mais protegido pelas regras do estabelecimento do que aquela que está exposta aos perigos da rua. Isso tem um efeito na carreira destas prostitutas, uma vez que elas se diferenciam também pelos espaços e território ocupados. Assim, ela está em vantagem quando comparada a sua colega que precisa fazer programas nas calçadas da cidade. Esta situação permite um poder maior e uma margem de manobra e negociação com os clientes. E é nesse espaço que ela precisa apreender e adquirir, em condições difíceis, os saberes técnicos típicos do seu ofício. Embora esta atividade não apresente as formas de aquisição tradicionais dos saberes necessários- como aquelas, por exemplo, adquiridas por meio do treinamento especial para o trabalho profissional- ela precisa fundamentar-se em um conjunto de conhecimentos práticos adquiridos no exercício do ofício e reproduzidos por meio de uma inserção no mundo prostitucional.

O que é preciso explicitar é que pensada nestes termos, uma profissão passa a ser aquela que se baseia, sobretudo na prática, por um grupo definido de pessoas e fundada em um conhecimento adquirido pela imersão no mundo do ofício e reproduzido por meio de uma cultura própria. Acerca disso vale dizer que para a análise dos grupos profissionais um dos problemas mais frequentes é a própria definição de profissão como um conceito, e resulta disso que muitas atividades podem não se encaixar no que indica o conceito a despeito das características e traços que devem constar para que uma atividade seja ou não considerada profissão. Esta noção de profissão recebe pesadas críticas daqueles que tomam como ponto de partida as definições que os próprios atores dão às categorias da vida cotidiana. Inserida neste questionamento, a profissão se enquadraria como uma “categoria prática” e, dessa forma, não denotaria um “conceito abstrato”. Quando dentro desta discussão, prostitutas, garis, empregadas domésticas, estariam desempenhando um ofício profissional ou estariam realizando apenas uma

atividade?

Para avançar nessa discussão, é fundamental considerar uma sugestão exposta por Petrarca (2015) a partir da aplicação de um “truque” de pesquisa de Howard Becker, o qual se resume na busca dos casos não abrangidos pelo conceito:

Para recolocarmos essa questão podemos lançar mão de um “truque”, o qual consiste em procurar os casos excluídos do conceito²⁴. Ao invés de deixarmos o conceito de profissão definir o caso, o que excluiria um grande número de atividades, partiríamos do contrário e deixaríamos *o caso definir o conceito*. Isso permite perceber, por exemplo, como a prostituição exige habilidade e conhecimento que nem todos possuem, tais como: habilidade para identificar possíveis clientes; capacidade para negociar serviços e definir as regras do jogo; saber lidar com os riscos próprios da atividade, como abordagem policial, clientes violentos, consumo de drogas. Como se trata de uma atividade que não lida com regras fixas, prescritas e regulamentadas que determinam as condutas, a interação com o cliente se torna essencial no exercício e condução do ofício. E esta interação exige habilidade e aprendizagem. Este “truque” permite identificar as dimensões, as práticas, as concepções que variam de caso para caso, contribuindo para lançar novas perguntas que surgiriam do próprio investimento no trabalho de campo, sobretudo, o processo de aprendizagem das habilidades. Como se aprende a se prostituir? E a partir de que regras? Onde se adquire essas habilidades? Que habilidades são essas e como elas são transmitidas?

Um aspecto que não se pode esquecer é a forte heterogeneidade presente nos espaços em que se exerce a atividade prostitucional feminina. Ora se por um lado não é difícil se encontrar diferentes repertórios sendo articulados dentro de um mesmo espaço, como em boates, por exemplo, é de se esperar que em um contexto mais amplo a coisa seja também mais ampla. Em cada espaço, tal como a rua, bordéis, zonas, casas noturnas e boates, é de se esperar que sejam mobilizados repertórios distintos de acordo com as exigências e experiências em cada espaço. Pretendo evidenciar, neste capítulo, como a utilização de diferentes repertórios mobilizados pelas prostitutas compõe as carreiras profissionais e conformam diversas formas de socialização no mundo prostitucional.

Diante disso, pode-se perceber alguns repertórios que se destacaram na análise das conversas informais mantidas com prostitutas e em registros do meu diário de campo. Dentre eles destaca-se a mobilização de repertórios de segurança que se manifestam no uso de álcool e outras drogas, além da relação com a violência. É preciso considerar ainda que mesmo quando o espaço analisado é uma boate- haja vista que em cada caso, dependendo da localização do estabelecimento, de suas regras, das profissionais que ali exercem a atividade prostitucional, e de seus frequentadores- o comportamento adotado pode ser reforçado em um lugar, como pode ser inibido em outro.

Mais um ponto a acrescentar é a distinção entre esses espaços, pois se numa boate, por exemplo, que é um lugar fechado com sistemas de vigilância mais acentuados- em contraposição ao espaço público da rua- fica latente que o conjunto de conhecimentos e competências produzidos e transmitidos acerca de segurança em cada contexto seja diverso. Os agentes potencialmente protetores (gerentes, cafetões, seguranças etc.) numa boate são consideravelmente mais presentes do que na rua, por outro lado, há desequilíbrio de poder, e agressores em potencial circulam e agem com muito mais facilidade.

Enfim, tratarei de mostrar aqui os resultados de uma etnografia dos saberes e competências entre prostitutas que atuam em prostíbulos e clubes noturnos no Condado, dando ênfase às repostas dadas a cada situação onde o comportamento de risco se faz presente. Estes são alguns dos elementos que compõem a primeira parte deste capítulo, tratada como “cultura de um grupo ocupacional”, e numa segunda parte tratarei com mais detalhes a carreira neste grupo, como ela ocorre, quais são as etapas.

4.1. A cultura das Profissionais Desviantes

De forma geral, o comportamento desviante vem sendo definido como ilegal pela legislação com relativa frequência, sendo apresentado tanto como crime, quando se observa em adultos, quanto como delinquência, quando se observa em jovens. Nesse

capítulo dedico atenção especial à compreensão de como a cultura da prostituta de clubes noturnos se desenvolve em torno de “problemas comuns” para o ofício. Nessa linha, observa-se um grupo cuja atividade, embora formalmente legal do ponto de vista da lei, que se insere em uma cultura e modo de vida considerados essencialmente excêntricos e não-convencionais. Esses elementos “não convencionais” e moralmente inaceitáveis repercutem na profissão, reforçando o baixo reconhecimento social pelos membros comunitários mais convencionais.

Howard Becker percebeu, tal como observou na relação de desvio entre músicos *jazzman* e os “quadrados” de seu estudo²⁵, como muitos grupos adquirem com o tempo certa estabilidade. Para ele esse aspecto provê durabilidade e juntos representam uma condição importante para todo grupo social (desviantes ou não, dentre eles os grupos profissionais) desenvolver uma cultura particular, e para o pesquisador interessado em compreender o comportamento de alguém membro de um grupo desses, é indispensável uma forte aproximação para se obter entendimento sobre seu sustentáculo, ou seja, sobre seu modo de vida.

A noção de cultura, como a compreendo, é usada aqui para se referir à cultura dos mais diversos grupos sociais, como a do estudante de medicina, do policial, e inclusive os que possuem um baixo reconhecimento social como a cultura do gari, da empregada doméstica, da prostituta, ou a do ladrão, por exemplo, e sugere que o seu surgimento se relaciona com algum problema ou questão combatida preferencialmente de forma coletiva pelos membros de um grupo. Claro, ao passo que nesses grupos a interação e comunicação entre seus membros aumenta, sua cultura se torna cada vez mais perceptível e inteligível.

Na tentativa de explicitar essa cultura da prostituição, tomando a prostituta de casa noturna como exemplo pertinente, apresentarei três pontos cruciais que conduzem ao entendimento do mundo prostitucional: 1) como elas percebem o ofício que

desempenham e se distinguem de outras categorias. Chamei isso de “a prostituta e a vadia”; 2) como elas lidam com a questão da violência e o medo de clientes perigosos, uma vez que isso se apresentou no trabalho de campo como um “drama social do ofício” e uma reação ao risco e 3) como elas constituem um grupo a parte e acabam vivendo em um espaço segregado e de isolamento.

4.1.1. A Profissional, a Comum e a Vadia

Para explicitar como se configura a percepção do ofício e o sistema de crenças do que são as prostitutas quando comparadas a outras categorias sociais, tomei a seguinte frase de uma entrevistada como inspiração: “*vadia é quem sai de graça, fica beirando shows pra sair com os machos de graça*”. Essa frase, além de muitas outras observadas no trabalho de campo que remetem a auto-identificação como “profissional do sexo”, demonstra a distinção estabelecidas entre elas no espaço do ofício. Além disso, essas distinções e a associação freqüente a categoria “profissional” corresponde a uma maneira de *estabelecer a ordem na desordem*, como afirma Pryen (1999).

Assim, no mundo da prostituição encontra-se um grupo social em que parte de seus membros compartilha a idéia de ter seu *métier* (ofício) como uma profissão. Uma reivindicação como esta força a distinção de condutas, atitudes, modos de ser, direitos e deveres, tudo consagrado em certa *ética profissional*. A identificação de membros incompatíveis passa a ser um objetivo central para o processo de profissionalização. Ou seja, o membro desse grupo reivindicador não reconhece quem conduza esse ofício fora do padrão estabelecido como apropriado, e o trata quase como um clandestino, um amador, uma pessoa que não possui credenciais (competências e responsabilidades) para exercer a atividade. À parte dessa reivindicação, as narrativas justificadoras de mulheres para a entrada no *métier* continuam atreladas a repertórios argumentativos compostos de histórias tristes (*sadstories*). Essas narrativas justificadoras e histórias tristes são estruturadas no sentido de se deslocar a responsabilidade de se ter efetuado uma *entrada*— compreendida como o momento de posse de um atributo estigmatizado - por escolha própria, para a *entrada* sem escolha. Um exemplo pode ser observado

através do relato de duas entrevistadas que contavam os motivos de terem entrado na profissão:

Eu entrei velha já na vida. Tinha trinta e cinco anos quando entrei. Normalmente as garotas entram novinha né? Mas eu entrei velha já [risos]. Naquela época eu tava com muita dívida, não sabia mais a quem recorrer. Eu tenho três filhos, e dois já são maiores de idade. Uma menina de vinte anos e o mais velho tem vinte e oito anos. Mas o caçula é adolescente ainda, então tomei coragem e fui atrás de uma amiga que eu conhecia, que já trabalhava como garota [de programa]. Ela que me indicou alguns lugares. Isso foi lá no Água, uma cidade do interior.

Eu tinha uma relação muito cheia de brigas com minha mãe desde muito cedo. Com minhas irmãs não era assim, só comigo. Pra você vê como são as coisas, minhas duas irmãs fizeram vida antes de mim. Eu suspeitava porque elas diziam que trabalhavam fazendo faxina. Então um dia fui lá sem elas saberem e peguei elas na mentira, mas não julgo elas não, e não caguei pra minha mãe não se não acho que ela matava. Pois, minha mãe tava sempre achando que eu, eu que não fazia nada de errado, queria fazer da casa dela um cabaré. Eu virgem ainda, nem tinha namorado ainda. Eu contei quando dei meu primeiro beijo, e ela me encheu de porrada, fiquei toda marcada, em seguida fiquei noiva. Um noivado que depois deu errado. Ela me dava surra por nada, sem motivos nenhum. Ela saía de casa cedo pra trabalhar e quando voltava queria encontrar a casa um brinco, e se eu não tivesse arrumado do jeito que ela gostava ela me lascava o pau, era com sandália, cabo de vassoura, fivela do sinto. Na maioria das vezes não dava tempo porque eu tinha que ir pra escola, e quando eu chegava era surra. Eu dizia pra ela: não deu tempo mãe, tive que ir pra escola, teve prova hoje. Ela dizia que escola era pra quem tava com a vida ganha, que eu deveria ir pra escola se tivesse tempo. Perdi as contas de quantas aulas perdi, de quantas vezes era chamada atenção na escola pela direção por causa de atraso e de faltas. Mas ninguém reclamava quando eu chegava com as marcas de surra nas costas, nas pernas, ficavam todos olhando mas ninguém falava ou fazia nada. Então, um dia eu sai de casa, e fui viver como queria, sem ter que aguentar isso. Trabalhei como diarista por muito tempo, mas a situação apertou, e tive uns momentos bem ruins, fiquei desorientada com a morte de amigos meus que se desviaram para um meio negativo, e como eu tinha muita proximidade com eles acabei largando meu trabalho e fui pro interior. Falei com minha irmã que me apresentou a uma dona lá em Promessas, que tinha um apartamento onde as garotas faziam programas e moravam lá mesmo. Comecei assim. Entrei na vida por conta desses problemas todos.

Como diz Goffman, as pessoas, munidas de repertórios tristes, as usam para melhor organizar sua vida e sua apresentação de si quando em situação de embaraço. Isso é inerente a membros de uma atividade estigmatizada, como a prostituição. Ainda para o autor, tal postura conduz a pessoa a ter que se conformar em atuar em um mundo inseguro, por estar sempre correndo o risco de ser a qualquer momento desacreditado, em correspondência aos elementos do estereótipo que personifica²⁶. Para a prostituta que faz uso de narrativas repletas de histórias tristes, a consequência será sempre a distância de elementos e atributos associados a virtudes necessárias para a construção de um auto-reconhecimento positivo de si mesma, fundamentais para se experimentar, além de uma vivência como pessoa normal, uma carreira profissional de sucesso²⁷. Assim, a mulher que visa o sucesso na carreira de prostituta vê-se compelida a renunciar o papel de vítima a que é ligada com frequência para que se torne possível o domínio de competências e responsabilidades próprias do profissionalismo almejado²⁸.

Ainda no âmbito das similitudes entre os casos - do mundo prostitucional e o do músico, observa-se, podemos perceber que existe um conflito gerado pelo desequilíbrio de poder entre as prostitutas e o público. Este último formado majoritariamente por clientes, e que conduz a padrões de comportamentos desviantes entre as prostitutas. Exemplo disso são as exigências de clientes que normalmente são negadas por profissionais, como o consumo de bebidas alcoólicas, o uso de drogas, ou sexo sem preservativos, aceitar fazer programa por valores abaixo do que costuma fazer normalmente. Um relato de uma profissional mostra uma experiência negativa com um cliente que tentou burlar, durante a execução do programa, um dos elementos acordados na negociação considerado sagrado para o ofício:

Em um programa que fiz há um tempo, o cliente que saí viu na escuridão do quarto uma oportunidade de retirar a camisinha. Ele

26 Ver Goffman, 2004.

27 Ver Soraya S. Simões, 2010.

28 Idem.

achou que eu não ia perceber, mas sou atendida pra isso. Todo cliente tá sempre querendo transar sem camisinha, então sou treinada pra perceber essas coisas, é uma coisa que nenhuma garota se esquece durante o programa. Mas não deu tempo de impedir a coisa. Interrompi imediatamente o programa, pois ele quebrou uma regra básica. Eu acendi a luz e além de comprovar a suspeita, vi que em seu pênis havia sangue e que não era meu, era um tipo de corrimento, sei lá, que saía do seu pênis. Fiquei com muito nojo dele, e o deixei lá sozinho reclamando que queria o dinheiro de volta. Mandeí ele se arrombar, porque eu podia ter pegado uma doença braba e disse que não devolveria dinheiro nenhum. Ainda bem que o resultado dos exames que fiz deu negativo pra tudo. (Fonte: diário de campo)

Algo semelhante é observado por Becker no mundo dos músicos desviantes, em que a interferência externa do público é vista com repúdio por parte do grupo, os quais se denominam músicos, e aos que cedem de não-músicos. À medida que a prostituta cede às exigências do público ela pode estar, aos olhos de outras, contribuindo para que a interferência externa na execução da atividade prostitucional aumente, minando o pretendido monopólio do controle exercido por membros, e é sobre como são vistas as prostitutas comuns, que apresentam um comportamento anti profissional, motivador de “divisão interna” entre os membros, que o relato a seguir é constituído:

Saí uma vez com a Sarita pra nunca mais. Cara, aquela menina é sem noção. Fizemos uma saída com dois caras. Eu fiz o meu programa como sempre faço, tudo certinho, faço oral com camisinha e sei que muito cliente não suporta isso, mas eu não posso fazer nada, é assim e acabou. Se quiser eu até devolvo o dinheiro do programa, mas não tem quem me faça transar ou fazer oral sem camisinha. Não faço com meu namorado, imagina. Aí, quando terminei fui tomar meu banho. Ela veio de lá com a boca cheia de esperma do cliente. Eu quase gritei com ela: minha filha você é louca, só pode. Ela respondeu, por que? Rapaz, você não tem medo de pegar uma doença não? O cliente que tava comigo ouviu a conversa e veio de lá reclamando comigo já: Ah, se eu soubesse que ela fazia sem camisinha tinha saído com ela. Eu disse pra ela na hora: tá vendo aí, além do risco de pegar uma doença de um fulero desse, você ainda mancha a categoria (diário de campo).

Outro relato demonstra como o comportamento anti profissional de colegas pode afetar de forma mais geral os demais membros da profissão (profissionais do sexo

e prostitutas comuns), construindo assim um perfil a parte, que frequenta estabelecimentos apresentando-se como prostituta, mas que faz “saídas” sem contudo negociar programas:

Têm garotas aqui [da casa “7”], como Su e Andy, que sai de graça. Gostam de sair de graça, pra namorar com os clientes. Não aguentam ver esses boyzinhos que correm pra abrir as pernas pra eles. Porra, quer sair de graça não venha pra cá não! É por causa de gente como elas que os clientes vêm aqui atrás de romance, de marcar encontros, mas tudo só pra fuder de graça. Elas fazem isso pra se divertir, só que isso faz muitos clientes virem atrás disso. E a moda pega viu? A moda pega. É por isso que as vezes a casa fica cheia de macho e ninguém faz saída, e essas vagabundas são as primeiras a virem reclamar que a casa não presta, que tá cheia de cafuçu. São umas vagabundas mesmo. Já bastam as garotas que cobram pouco.

Na carreira profissional de uma prostituta, espera-se a realização do trabalho sem a necessidade de submeter-se ao público – sempre desejoso por ter seus interesses atendidos plenamente, mesmo que para isso signifique interferir, ou conduzir a prostituta na execução de suas tarefas. A questão orbita o fato de haver, entre as prostitutas, quem ceda às exigências do público, sobretudo o consumidor. E assim, observa-se uma divisão interna entre quem repudia tais interferências, e aquelas que julgam necessário sacrificar padrões de sua profissão em algum grau.

O sentimento de liberdade para uma prostituta está relacionado ao grau a que ela é livre de exigências externas, liberdade esta que só se adquire com o equilíbrio de poder na relação prostituta/público, ou com mais frequência na relação prostituta/cliente. A realidade do mundo prostitucional mostra que buscar o equilíbrio de forças é uma tarefa muito árdua, demandando, muitas vezes, sacrifícios dos padrões profissionais em algum grau por algumas mulheres, de maneira que não se deixa de atender as exigências do público externo, dentre eles os que possuem o controle das oportunidades de trabalho. O relato de uma entrevistada confirma a necessidade de se abrir mão de certo profissionalismo em determinadas situações, como em baixa temporada, cujo fluxo de clientes costuma ser menor:

Se não abrir guarda do profissionalismo a garota não sai. Principalmente quando a temporada é baixa. Ou ela entra na onda do romantismo, de ser a psicóloga, de beber, de usar drogas, de ceder aos gostos dos clientes, ou não faz saída. Nessa onda de ceder pra não perder, muitas fazem sem camisinha para não perder o programa. (Fonte: diário de campo).

Como corolário, surge uma repartição entre os membros da atividade, onde de um lado há quem não aceite ter seu desempenho regulado por externos e vê em quem aceita um risco não só para si, mas para os demais colegas de profissão, e de outro, aquelas que julgam necessário satisfazer os interesses e as exigências externas. Ou seja, há de um lado a “profissional” e de outro a “faz tudo”. A primeira é a *profissional do sexo*, aquela que tenta manter um padrão comportamental anti-risco e “profissional”, baseado em comportamento e práticas ajustadas coletivamente para a máxima cautela de não obliterar regras fundamentais criadas contra a banalização profissional. Podemos observar pelo relato de uma prostituta, que se define como profissional, sua opinião sobre o comportamento anti profissional demonstrado por colegas do Condado em comparação com outros lugares, onde já trabalhou:

Os clientes do Condado gostam mesmo é de romance, gostam de conversar muito, pegar número pra tentar queixar a garota ... são difíceis de pagar. Gastam cem reais com cachaça, mas na hora de pagar um programa é sempre na mesquinha. O pior é que as garotas daqui dão trela pra eles, se acostumaram a fazer muito a vontade deles, aí lasca tudo, pois eles cobram isso de todas. As de Maravilha é que são profissionais de verdade. Lá é perfeito pra trabalhar e ganhar dinheiro rápido. Lá não tem muito papo não. Não tem essa de pegar número, de misturar as coisas não. O cliente quando entra na casa, escolhe a garota e pergunta logo quanto é o programa. Se ele puder pagar, pronto, se não ele corre atrás de outra que faça mais barato, mas é tudo muito rápido. Lá se o cliente começar com papo a gente corta logo.. digo logo: e aí meu amor, como é que vai ser? Vai me levar pra fazer amor ou vai ficar aí bebendo? Isso facilita, pelo menos pra mim né? Não preciso mendigar lá. Mas aqui não. Têm que sentar com o cliente, beber, ficar de flerte, aí bate logo o sono, o cansaço, pra no fim das contas o cliente ainda desistir, é mole? (Fonte: diário de campo).

Assim, a prostituta comum é movida pela experiência imediatista de suas necessidades, considerando o bom andamento da carreira profissional sem contudo

preocupar-se com regras de conduta. Pode-se condensar o padrão comportamental desse tipo de prostituta através de uma afirmação em meu diário de campo feita por uma prostituta comum, conhecida em algumas espeluncas: “Farinha pouca, meu pirão primeiro”. Ou coisa semelhante dita por uma entrevistada com relação aos programas negociados a partir de valores abaixo do que costuma cobrar: “antes o dinheiro pouco no meu bolso, do que muito voando por aí”.

A profissional do sexo acredita, então, na existência de uma incompatibilidade de valores inerentes a tal conjuntura. Assim ela entende que não se pode atender às expectativas do público sem perder por outro lado controle de sua atividade. No meu diário de campo há um relato de uma prostituta de clube noturno em que se notam as imposições do tipo que produzem divergências trabalhos de nível elevado:

Quando fui apresentada lá na boate, um cliente me disse que o padrão da casa 2 é de elite, e que os clientes pagam muito bem, que eu não me preocupasse com nada porque a grana compensa os problemas da noite, e que devemos aproveitar e investir no corpo, em roupas e sapatos caros. Ele é um cafuçu que nem os outros. Esse tipo de gente não quer ouvir reclamações a nosso respeito, muito menos ouvir nossos problemas. Eu não sei disso? Aí fica as pobres coitadas lá fazendo gosto pra cafuçus como esses, lascando com a saúde com bombas, que além de não ser necessárias pra nada ainda sequer funcionam, e só pra fazer gosto a gente como ele, que só se importa consigo próprio. Tenha dó.

Observa-se, que no mundo prostitucional o tipo de trabalho mais rentável é justamente aquele em que a prostituta se confronta com a necessidade de se abdicar, em algum grau, sua autonomia profissional, e como consequência sua reputação passa a ser identificada com esse padrão. Uma prostituta de clubes noturnos contou sua experiência em uma situação que ilustra a defesa da necessidade de se fazer concessões em algum momento, em detrimento de padrões profissionais. Para ela estes padrões impõem certas circunstâncias que podem desfavorecer, eventualmente, o desenvolvimento de uma carreira bem sucedida.

... Sei que tem coisas que não devemos fazer, que queima a gente, mas quem segue as regras o tempo todo se arromba. Todo mundo diz pra não se fazer muito a vontade dos clientes porque é problema na certa. Esse povo acha que nessa vida é só garantir o dinheiro do programa, uma horinha, beijinho e tchau. É o ideal mesmo. Mas até a Tha abre mão de algumas coisas. Um dia é da caça e o outro do caçador. Como você acha que ela conseguiu esse sucesso todo? Se passar de namoradinha, de amante, de acompanhante, ficar um fim de semana com uma pessoa que você mal conhece, e muitas vezes ainda ter que acompanhar um cafuçu, mas a questão é que isso dá dinheiro e fama. Muitas vezes acabo dormindo com o cliente, três a quatro horas por míseros cem reais. As meninas piram comigo, mas quem é que não faz isso? Ainda mais num dia de aperto? Eu duvido.

A qualidade baixa dos trabalhos disponíveis é fruto de muito ressentimento para as profissionais do sexo. Elas costumam qualificar um trabalho em termos de rentabilidade, segurança e respeito aos dons profissionais. Contudo, observa-se que as turmas – aqueles grupos necessários para assegurar e impulsionar o sucesso na carreira de uma prostituta, por meio do acesso a redes de contatos mais abrangentes e da solidariedade que seus membros demonstram ter entre si - são compostas em sua maioria por prostitutas comuns, que abrem mão dos padrões profissionais, mesmo que minimamente, para se manter e inclusive galgar as posições mais altas numa turma, e assim estabelecer-se e gozar dos benefícios da posição conquistada.

Quem entra pra uma turminha dessa não fica sem trabalho. Ninguém fica. E se fizer o gosto dos clientes então, as outras garotas agradecem, pois ninguém gosta de fazer, mas empurram quem consegue sem fazer cara feia para esses clientes cafuçu. Se não consegue cai fora. Não tem serventia. Mas se consegue, fica lá em cima. Esse tipo de menina acha que tem que levar uma vida de bacana, então aceitam tudo. As turminhas da “3” são assim. Todo mundo lá tem que fazer gosto pra esses cafuçus, se não fizer vai ter que se virar nos pinga-pus do Central.

Por outro lado, existem algumas turmas compostas majoritariamente por profissionais do sexo. Nessas turmas busca-se apenas o reconhecimento pela manutenção dos padrões profissionais, em detrimento de sacrifícios exigidos pelo público. Mobilidade, rentabilidade e estabilidade não são seus objetivos principais,

embora possam surgir para seus membros, e assim o futuro de uma prostituta comum - como a da citação a seguir -, que se insere numa turma como essa não se estende por muito tempo, devido à incompatibilidade de seus objetivos.

Eu gosto daquelas meninas, mas elas não pensam em crescer não. Elas vão acabar se aposentando nessa vida sem ficar por cima da carne seca. Ficam monitorando tudo que se faz. Sair juntas então, meu Deus, sei não. Era sempre uma agonia, porque tudo o que eu fazia era errado pra elas. Pô, a pessoa não pode ser tão rígida assim, os clientes fogem desse tipo de menina. Eles querem quem realize suas fantasias. Se eu ficasse mais tempo com elas eu não ia conseguir realizar meus desejos. Sei que elas ficam preocupadas com a gente, mas é perda de tempo.

Em um programa que fiz há um tempo, o cliente que saí viu na escuridão do quarto uma oportunidade de retirar a camisinha. Ele achou que eu não ia perceber, mas sou atendida pra isso. Todo cliente tá sempre querendo transar sem camisinha, então sou treinada pra perceber essas coisas. Mas não deu tempo de impedir a coisa. Interrompi imediatamente o programa, pois ele quebrou uma regra básica. Eu acendi a luz e além de comprovar a suspeita, vi que em seu pênis havia sangue e que não era meu, era um tipo de corrimento, sei lá, que saía do seu pênis. Fiquei com muito nojo dele, e o deixei lá sozinho reclamando que queria o dinheiro de volta. Mandeí ele se arrombar, porque eu podia ter pegado uma doença braba e disse que não devolveria dinheiro nenhum. Ainda bem que o resultado dos exames que fiz deu negativo pra tudo.

4.1.2. O Drama Social do Ofício: “estratégias de evitamento” e controle da violência

Um dos principais dramas sociais do ofício de prostituta constitui no medo da violência, seja ela exercida pela polícia, seja ela exercida pelos clientes. Assim, certas tarefas realizadas por alguns ofícios são tidas como não nobres, ou como define Hughes (apud DUBAR, 2012) “sujas”. A realização destas tarefas envolve um drama por parte dos trabalhadores que precisam lidar com os inconvenientes do ofício. Para fazer isso, as prostitutas lançam mão de um conjunto de técnicas para evitar e controlar o principal

drama deste ofício que é a violência. Pryen (1999) definiu esse conjunto de técnicas como “estratégias de evitamento”.

Para Everett Hughes (apud DUBAR, 2012), os problemas fundamentais com que as pessoas se deparam no trabalho são- quando tratados como uma questão de método e de uma perspectiva de pesquisa- os mesmos em toda atividade de trabalho, desde as mais prestigiadas até as mais desprezadas. A socialização profissional no ofício de prostituta assume, no entanto, as vertentes de uma atividade com baixo reconhecimento social e estigmatizada. Assim, ao dar início ao trabalho real, a mulher se confronta com os estigmas e estereótipos ligados à atividade, marcando também o início de um drama social (*social drama of work*).

Tal drama se apresenta de forma intensa na vida de uma prostituta. Ele acompanhará a prostituta por toda a carreira e muitas vezes fora dela, e ela deverá enfrentar para se estabelecer profissionalmente e galgar uma posição de prestígio que atenuem suas consequências. Isso porque a prostituição é vista socialmente como uma atividade ligada à violência e outras práticas e tarefas consideradas “sujas” (uso de drogas e álcool, sexo inseguro, práticas criminosas, por exemplo) que denigrem e marcam o ofício.

O drama social para uma prostituta, portanto, tem relação com a escolha de se ingressar em uma atividade estigmatizada, cuja cultura profissional é construída em torno das consequências de seu baixo reconhecimento social, afetando assim todo o modo de vida da pessoa dali em diante. Dessa forma, a prostituta, que estará passando por uma “conversão do seu eu”, deverá reorganizar seu modo de ver o mundo, tendo como base os problemas decorrentes do ofício (preconceitos, violência e trabalhos “sujos”), e desempenhar seu ofício galgando, por uma sequência de etapas, uma posição na carreira, através de uma projeção profissional que lhe garanta satisfação. É possível para a prostituta desvincilhar-se de tarefas “sujas”, na medida em que conquista posições mais altas e de prestígio na carreira, através, fundamentalmente das redes de

contatos que constrói com esse processo, relegando-as, assim, às prostitutas vistas como inferiores, estas cujo drama social enfrentado será sempre mais intenso.

Para o caso deste estudo, das prostitutas de clubes noturnos, tem-se um grupo profissional relativamente estável e durável, e que desenvolve sua cultura e seu modo de vida particular em torno do enfrentamento ao desequilíbrio de poder inerente ao exercício da profissão. O indivíduo membro desse grupo pode ser definido simplesmente como alguém que faz sexo por dinheiro, a partir de negociações feitas dentro de estabelecimentos privados que frequenta, exercendo uma atividade do setor de serviços, e a cultura de que toma parte tem suas características assentadas nos problemas comuns a esse tipo de ocupação de serviço. Aqui, trata-se da interferência externa na execução das atividades da prostituta, sobretudo interferências do tipo que lhe causa algum tipo de violência física ou simbólica. Disso resulta, evidentemente, que o “clima” de medo, sendo generalizado, repercute na conduta dos membros do grupo, sobretudo ao que se refere à produção de repertórios e sua mobilização para o combate e controle do chamado “comportamento de risco”:

C- Sempre há medo de ser violentada. Nunca me aconteceu nada, graças a Deus, mas conheço muita garota que já foi violentada. As mais antigas são as que se preocupam em contar esses casos e como nos proteger disso. Então sempre ouço o que dizem

Pesquisador – Que tipo de coisas você ouve sobre isso?

C – Elas sempre falam de não se prometer mais do que pode fazer ao cliente, porque lá na pousada eles sempre vão cobrar, e se não tiverem o que foi prometido o barraco tá armado. Se sair com cliente desconhecido e com pinta de malandro sempre insistir pra receber antes de sair da casa e ficar numa pousada por perto. Esse tipo de coisa.

Becker (2008) observou que ocupações de serviço- no caso do seu estudo os músicos de jazz e aqui tomo a prostituta como exemplo- se caracterizam pelo ato de reunirem-se de um lado uma pessoa que se concentra em tempo integral nos afazeres de seu ofício a ponto de seu *eu* se confundir com essa atividade, e de outro lado outra cuja

concentração nesse serviço se dá apenas eventualmente. Como se observa a seguir, as consequências disso para a execução das tarefas e da atividade em si, para os primeiros, pode representar aprendizados importantes para a minimização de problemas corriqueiros.

“Talvez seja inevitável que as duas tenham visões amplamente diferentes a respeito de como o serviço deve ser realizado. De modo típico, membros de ocupações no setor de serviços consideram o cliente incapaz de julgar o valor próprio do serviço e se ressentem amargamente das tentativas que ele faz para exercer controle sobre o trabalho. Em consequência, surgem conflitos e hostilidades, os métodos de defesa contra a interferência externa tornam-se uma preocupação dos membros do grupo, e uma subcultura se desenvolve em torno desse conjunto de problemas.” (BECKER, 2008, p. 91-92).

Para a prostituta, sua atividade tem valor inestimável, pois o caráter do serviço que presta envolve coisas além do simples ato sexual, envolve, sobretudo a consciência de sua realidade social que a leva ao mundo prostitucional e às consequências físicas e simbólicas inerentes ao estigma da profissão, como o medo da violência por exemplo. É um dos motivos para muitas procurarem trabalho sob a proteção de *cafetões*, ou em estabelecimentos como espeluncas, casas noturnas e boates. Especificamente falando das que recorrem a estabelecimentos como esses, elas experimentam a oportunidade de se avaliar o comportamento do cliente com mais profundidade, e decidir se deve prosseguir no negócio ou não, haja vista que na rua a condução da atividade se desenvolve em torno de um espaço aberto e público, cuja negociação com o cliente ocorre geralmente às pressas, aspectos estes considerados os elementos menos atrativos tanto para quem oferta o serviço quanto para o consumidor, tal como se observa no seguinte comentário:

Pra trabalhar na rua a garota precisa de muita coragem, pois a mulher fica praticamente refém do cliente. Também pra eles e pra gente sempre existe a chance de ser visto por alguém conhecido, até mesmo dentro de uma casa, mas a diferença é que na casa o ambiente não tem claridade, não é exposto, e tem sempre os lugares que podemos nos esconder. Outro dia entrou um conhecido meu na casa, mas ele não

teve tempo nem de me ver. Corri pra cozinha. Foi sorte, porque se ele tivesse me visto ali dentro trabalhando com isso teria acabado não só com minha reputação como a de minha família também (diário de campo).

Como é possível perceber, algumas práticas são construídas em torno da necessidade de se evitar clientes mal pagadores ou violentos a partir da avaliação comportamental dos clientes. Isso só pode ocorrer nas atividades conduzidas dentro de um estabelecimento, como o interior de uma casa noturna por exemplo. Assim, convidar, ou aceitar o convite de clientes desconhecidos ou suspeitos para tomar alguma bebida pode servir de estratégia para se ganhar tempo até que se tome a decisão de fechar negócio.

A prostituta de casa noturna costuma se classificar segundo o grau a que cede a comportamentos de risco, e classifica os estabelecimentos que conhece segundo o grau a que intercedem a seu favor. Devido ao problema mais dificultoso para a carreira de prostituta ser o sentimento constante de vulnerabilidade, a prostituta busca meios de proteger-se, e vê nesses estabelecimentos certa organização na gerência de contingências, e os buscam como se fossem espécies de mediadores no equilíbrio de poder entre prostitutas e clientes, e não conseguir trabalho em um estabelecimento significa um grande “golpe” para muitas, como indica o relato abaixo de uma mulher que tentava ser aceita em um clube noturno, considerado de alto luxo, referência na cidade:

Uma vez, uma garota, até comunicativa, irmã de outra da casa, que foi levada lá para ser apresentada ao dono, não conseguiu ser aceita. Ele não aceitou porque ela não passou confiança pra ele. Quem trabalha ali pode cobrar o que quiser que é fácil receber. Já cobreí quinhentos, até seiscentos reais só pra dormir com cliente. Então, ali é um lugar muito bom pra receber uma bolada com facilidade. (Fonte: diário de campo)

Quando conseguem, elas confrontam-se com a necessidade de se firmar “compromissos” em colaboração com os proprietários para terem acesso irrestrito em seus estabelecimentos, e isso inclui gozar de “benefícios” que eles interpõem, como

crédito para consumo e comissões de doses. Alguns dos compromissos firmados entre proprietários e prostitutas podem ser observados pelo seguinte relato:

Se a gente fizer o cliente consumir as bebidas da casa, ganhamos uma comissão por dose vendida, e isso é bom, pelo menos pra mim, porque têm dias que os clientes vêm aqui só pra namorar, pra bater papo, então aproveito pra ganhar em cima das bebidas. As vezes nem bebo, vou no banheiro e jogo tudo na pia. O barman já sabe e sempre enche o nosso copo com água e gelo, ou suco de limão com gelo. Só não funciona quando os clientes pedem pra encher na presença deles, pois muitos são desconfiados, não com a gente, mas com produtos falsificados. (Fonte: diário de campo).

Outros benefícios incluem a vigilância contra clientes cuja conduta é classificada como inapropriada. Tal conduta costuma ser mal vista tanto pelas garotas quanto pelos funcionários, e a depender do caso a punição pode variar desde a pressão formal até a convocação das autoridades policiais. Em muitos casos, os proprietários podem decidir que determinado cliente merece ter sua “pena” relaxada, passando a admiti-lo de volta. Esse cenário ocorre com relativa frequência, especialmente para os casos de escassez de clientes em seus estabelecimentos.

Teve um cliente gringo que acusou uma garota de roubar sua carteira, mas era mentira dele. Quando ele viu a conta alta, não quis pagar, aí ele acusou uma garota. Foi a única forma que ele encontrou pra não ter que pagar. Foi um rebucetê muito grande naquele dia. Ele ficou gritando falando na língua dele. Aí o gerente puxou o vídeo e viu que ninguém tinha roubado ele, que ele tava era enrolando pra não pagar a conta, então disse que chamaria a polícia. Num instante achou dinheiro. Ele ficou quase seis meses tentando entrar na casa, mas não tinha permissão de entrar. Até que um dia o dono mesmo tava na porta e conversou com ele, e disse que se ele viesse dar uma de João sem braço, chamava a polícia pra ele de verdade, e permitiu que ele entrasse. Nunca mais esse cliente fez dessas de novo. (Fonte: diário de campo).

Tanto para a prostituta de casas noturnas quanto as de rua, o momento a sós com o cliente é tratado com muita cautela, pois é quando as ocorrências de violência costumam ser mais frequentes. Assim, tudo se faz para se evitar a violência, em ambas as situações, cujo foco é a mudança de comportamento de risco, e certos repertórios

passam a ser formulados e atualizados corriqueiramente a partir das experiências trocadas entre as prostitutas.

O modo de vida da prostituta de casas noturnas se desenvolve dentro de um contexto onde recursos são pensados e disponibilizados para atender suas necessidades, sem deixar de atender as necessidades dos proprietários, a exemplo das casas que acomodam desde recursos de segurança a camarins e palcos destinados a shows eróticos encomendados e pagos por eles. Na classificação que fazem dos estabelecimentos, ter estrutura que permita à prostituta ganhar dinheiro por formas diversas, e com segurança e discrição é um requisito básico.

Eu gosto de casas que tenha pousada conjugada. É muito melhor, a garota não precisa sair pra longe, o cliente não precisa pagar caro com motel. Eu vejo as garotas lá do “3” indo caminhando na avenida para aquela pousada do lado. Aí todo mundo que tá passando de carro, de ônibus vê a garota fazendo programa. É muita vergonha sair com o cliente andando até o motel. No “2” se entrar alguém conhecido pelo menos é fácil me esconder se for o caso, e ele mesmo não vai poder me queimar se não eu queimo ele também [*risos*]. Claro, do mesmo jeito que eu não quero que ninguém saiba que trabalho num lugar desses, os clientes também não querem que as pessoas saibam que ele frequenta um cabaré. (Fonte: diário de campo).

Shows eróticos de strip-tease costumam ser valorizados pelas prostitutas da classe *stripper*, pois, além de render ganhos extras, são encarados como oportunidade de promover sua imagem ou para estimular clientes indecisos a negociarem. Também costumam ser palco de conflitos entre elas próprias, quando disputam algum cliente.

No início eu tinha vergonha de fazer strip-tease. Eu não sabia dançar, então não me atirava. Tomei coragem quando passei mais de uma semana sem ganhar nenhum trocado. Tem dias que a casa enche, mas ninguém sai. Os clientes gostam de assistir aos shows, têm deles que só vão pra isso. E eu via a Dan, a Bella, tudo ganhando dinheiro com shows na mesa. As vezes elas tiravam o mesmo que um programa no dia. Aí eu tomei coragem. É como dizem né, o palco é uma vitrine. Hoje, não rejeito nenhum show, mesmo o de palco que paga menos. Dez reais do show já soma com o táxi de volta pra casa, né não? É bom dançar, os clientes ficam tudo doido, e aquele que não sai hoje, pode voltar amanhã atrás. Agora rola umas picuinhas de vez emquando. Têm garota, como a Gérbera, que rouba cliente das outras

enquanto elas dançam no palco. Já rolou porrada por causa disso. (Fonte: diário de campo).

O perfil do público de casas noturnas e boates costuma ser apontado como aquele que classifica as prostitutas a partir da sua exteriorização na forma do vestuário e do comportamento, denotando capricho e sensualidade, sem transparecer vulgaridade. Assim, uma diferença básica entre as prostitutas de casas noturnas e as de rua pode ser identificada pelos meios que permitam a assimilação dos códigos sociais mais valorizados por esses públicos. Assimilar esses códigos permite às prostitutas tanto reduzir os riscos conferidos pelo baixo reconhecimento social da profissão, como atrair os clientes que costumam pagar altos valores, e é expressado no seguinte comentário de uma prostituta de casa noturna.

Eu não sou como aquelas que gostam de ostentar não. Eu me visto bem, me produzo porque os clientes são exigentes e detalhistas. Até a unha da garota se tiver mal pintada é motivo pra se escolher outra. Eles querem garotas estilo patys. Não é a toa que o dono da “3” tinha seu próprio ateliê de lingerie, sapatos finos e maquiagem, e que empurrava pra gente comprar, a um preço que custava o olhos da cara. Quando os clientes nos viam bem arrumadas faziam questão de nos exhibir nos melhores restaurantes do Holanda antes de ir pra pousada, e ainda pagava mais caro. Quando a garota é desleixada e desbocada cliente pagava uma bebida e a deixava sozinha na mesa. (Fonte: diário de campo).

Pedir gorjetas aos clientes constitui-se uma técnica de evitamento de comportamento de risco encarado como vantajoso pelas prostitutas, pois para elas é necessário ter proveito das formas que podem ser realizadas. Assim, elas constantemente dão conselhos nesse sentido quando surpreendem a oportunidade perdida por outra.

Muitas vezes dá um bom movimento. A casa fica cheia, mas nem sempre a gente consegue fazer uma saída. Aí só resta esperar, quando vemos que o cliente vai sair depois de algum tempo na mesa só bebendo o que nos resta é pedir uma ajuda. Muitas vezes a ajuda é melhor que um programa. Uma vez eu fiquei dias sem fazer nada, aí Estela disse a mim: “mulher, deixe de ser besta. Você fica a noite inteira fazendo companhia e deixa o cliente ir embora sem lhe dar nada? Peça ajuda pelo menos pra pagar o táxi. Como eu tenho carro

peço pra gasolina e nunca vou embora sem dinheiro. Aí você pede pro táxi mulher”. (Fonte: Diário de campo)

Algumas prostitutas tomam o cuidado de avaliar o comportamento dos clientes, como quando revelam usar drogas, ou agir com violência de algum tipo. Tal comportamento pode ser percebido como de risco para algumas. Essas avaliações são determinantes para se aceitar sair ou não. E muitas vezes, casos em que ocorre violência ou situações perigosas podem servir de exemplo de programas ruins, sendo relatadas umas para as outras como mecanismo de evitamento, como podemos observar no relato a seguir:

Uma noite chegou um grupo de jovens querendo cinco garotas para ir a uma festa no motel pagando mil e quinhentos reais para cada, fora o da casa. Eu fiquei com medo pois o grupo estava usando certo tipo de drogas, e eu alertei à Denise, uma das que foram, que repensasse, e ela me disse que não ia perder esse dinheiro e iria sair. Me amedrontei e não fui. Precisava muito do dinheiro, mas visto que as garotas não se importavam com o que estava acontecendo, me exclui do grupo. Na noite seguinte, teve a notícia que por volta das quatro horas da manhã a polícia cercou o motel e prendeu o grupo e as acompanhantes. Eles haviam assaltado um banco no interior, e graças a Deus as garotas foram liberadas logo pela polícia. Eu lembro desse caso sempre, to sempre falando dele como exemplo de um programa ruim, principalmente para as menos experientes, que não aguentam ver dinheiro. (Fonte: diário de campo)

O comportamento desviante pode se apresentar dentro do grupo de prostitutas, e constitui-se, portanto, um problema adicional para o equilíbrio na relação de poder, e no espaço de uma casa noturna tal comportamento apresenta-se diversificado. Um deles envolve a relação de confiança que uma prostituta pode ter com clientes, cujo elo é a capacidade destes de honrar integralmente o compromisso firmado na negociação com elas. Os que honram são muito populares pois são os que as prostitutas indicam umas às outras. As redes de clientes que cada prostituta costuma ter são formadas a partir da experiência anterior com eles, e caso tenha sido favorável, eles passam a ser reconhecidos como “clientes seguros”. Aos “descredenciados” e outros indesejáveis costuma-se exigir o programa antes da saída até o motel ou pousada. Um caso exemplar ocorreu em um clube noturno, onde uma prostituta qualificou um cliente como “bom

pagador” para uma novata:

O cliente chegou na boate e encontrou Evora e perguntou se vinha alguma novata na casa. Ela apresentou Jenn. O cliente gostou e disse que queria sair com ela. A Jenn cobrou o programa adiantado, e o cliente disse: “Não, vamos, todo mundo me conhece aqui, lá eu te pago”. A Jenn disse que não sairia sem receber antes, e foi quando a Evora disse: “Vá menina, ele paga direitinho, e as vezes quando ele tá rico ele leva mais. As vezes empurro duas ou três pra sair com ele. Nunca deixou de pagar ninguém. Pode ir tranquila.” Com mais segurança, a Jenn aceitou sair com ele e receber no final do programa. (Fonte: diário de campo).

Compartilhar essas redes é um recurso para as prostitutas que buscam evitar o tipo indesejável de cliente. Contudo, existem prostitutas que cedem aos anseios da clientela, abrindo mão do respeito aos interesses do grupo. A prostituta “atrasa lado”, como é chamada a que ignora as regras do grupo e não domina o comportamento “contra risco”, costuma não se beneficiar com o compartilhamento das redes, e assim fica entregue à própria sorte. Assim, se buscar atender ao seu anseio de conduzir os negócios por conta própria, em detrimento dos interesses do grupo, a prostituta se confronta com a grande possibilidade de ter sua reputação prejudicada, pois seu comportamento passa a ser concebido como de risco. As prostitutas de casa noturna costumam se classificar de acordo com o grau a que cedem a pressões externas, cujo caso emblemático é a que sai de “graça”, como já explicitado em relatos anteriores.

4.1.3. Um mundo a parte: isolamento e auto-exclusão

O que procuramos descrever nesta primeira parte deste capítulo é como está organizado este mundo profissional, esse universo cheio de segredos e mistérios que é a prostituição. Em função disso, desenvolve-se toda uma cultura própria do grupo que está associada ao isolamento e a segregação social. O mundo prostitucional é um mundo de isolamento e auto-exclusão, uma vez que toda a atividade desempenhada neste universo envolve elementos informais ou ilícitos que conduzem a exclusão.

Assim, é comum que prostitutas sempre busquem morar isoladas, ou distantes de outras pessoas, especialmente de conhecidos. O consumo de drogas surge como

prática comum, utilizado muitas vezes como dispositivo que reduz o medo, ou que aumenta a coragem. Contudo não se trata apenas do consumo, mas da compra e venda de drogas. Experiências como essas normalmente são conduzidas às escondidas devido ao baixo reconhecimento social que têm ou por serem ilícitas. Outras vezes, fornecem elementos suficientes para identificar na pessoa que pratica ou usa um defeito, ou negatividade.

Assim, dentro de um clube noturno, é comum que usuárias de drogas conduzam o consumo às escondidas, devido à associação com o mundo do crime, o que “mancha” não só a própria usuária, como o estabelecimento em si. Assim, quem pratica evita ser flagrado. Durante boa parte das entrevistas que conduzi, foi necessário manter certo isolamento das demais prostitutas, pois o uso de drogas- como a maconha- estava quase sempre nas rodas de conversas.

4.2. A carreira Profissional

Irei tomar como base, neste tópico, os estudos de Becker, sobre a carreira dos músicos de casa noturna, para analisar as conseqüências que existem para as carreiras ocupacionais²⁹- de uma prostituta de clube noturno- o fato de ela pertencer a um grupo ocupacional desviante. Para Becker, os variados perfis característicos de carreiras ocupacionais desenvolvem-se em torno de problemas comuns a ela, e estes por sua vez, estabelecem-se em torno das contingências geradas pelos arranjos interacionais da ocupação com outros grupos sociais. Observamos no subtópico anterior que os principais problemas das prostitutas de clubes noturnos orbitam em torno do enfrentamento do desequilíbrio de poder inerentes ao exercício da profissão. Um processo onde a clientela, para quem a prostituta presta serviços, é normalmente a outra parte dessa relação social antagônica, que molda a cultura da prostituta. Esta está constantemente sendo confrontada com julgamentos e reações da clientela baseadas em

29 A noção de carreira utilizada aqui é aquela usada por Hughes, já mencionada no subtópico 1.3 do primeiro capítulo desta dissertação.

padrões distantes dos que elas normalmente usam para fazer seus próprios julgamentos de si. Além de ter que lidar, constantemente, com a violência como um dos principais dramas do ofício.

Os estudos de Becker sobre a carreira dos músicos mostram que o sucesso ocupacional, como os membros do grupo costumam definir entre si, está relacionado ao estabelecimento de uma posição dentro de “panelinhas”, isto é, dos grupos manipuladores das recompensas ocupacionais. Mostram também que o comportamento de colegas pode desempenhar papel determinante na carreira de qualquer um dos membros³⁰. No mundo prostitucional, a situação não é diferente, e irei analisar primeiramente as definições de sucesso ocupacional feitas por prostitutas e da relação de correspondência entre o desenvolvimento de carreiras com uma integração bem sucedida na organização da profissão de prostituta.

Não se encerrando somente nisso, a carreira de prostituta enfrenta o desequilíbrio de poder manifestado na interação com o público, que adiciona certas complicações à estrutura ocupacional a partir dos conflitos internos gerados pelo confronto social. Debruçarei-me sobre esses aspectos em seguida.

Assim como na carreira do músico, a família da prostituta (aquela onde nasceu ou aquela que ela forma ao se casar) desempenha um relevante papel para sua carreira. É comum para as prostitutas enfrentarem conflitos com sua família, haja vista que são tipicamente indivíduos externos ao mundo prostitucional e, portanto, parte do público do qual tenta exercer controle sobre elas, fomentando conflitos. São com frequência responsáveis por “guinadas” importantes na carreira de uma prostituta, ou até pelo encerramento da carreira. Enfim, será essa relação que a prostituta tem com a família o último aspecto a ser analisado.

4.2.1. As “Turmas” e o sucesso ocupacional

É comum para a prostituta compreender o sucesso como um movimento em torno de um ranqueamento dos espaços disponíveis para fixar seu ponto de encontro³¹. Tal como ocorre com a empregada doméstica, o professor, o médico, a diarista e o pedreiro, que estão sempre esperando mudar de emprego, assim também ocorre com a prostituta. Ela está sempre esperando migrar seu ponto de encontro de um espaço a outro. Esses espaços estão inseridos, como visto no terceiro capítulo, em um ranqueamento informal dos territórios da prostituição, um tipo de escala onde a prostituta avalia seu sucesso segundo o lugar onde fixa seu ponto de encontro. Considera-se também como elementos desse ranqueamento a renda média, o tempo de trabalho e o grau percebido de reconhecimento pela comunidade prostitucional.

Quando se observa através dessa escala vê-se a mulher que tem como ponto de encontro a rua no nível mais baixo. O tempo dedicado ao trabalho costuma ser alto e a remuneração é tão baixa que elas têm sorte quando conseguem compensar o valor do transporte de ida e volta. Em um nível imediatamente mais elevado, tem a mulher cujo ponto de encontro situa-se nos estabelecimentos percebidos como “espeluncas”, isto é, em bares e pequenos espaços periféricos, onde a remuneração é baixa e o reconhecimento social é quase inexistente. No nível seguinte observa-se a existência daquelas mulheres que adquirem certa estabilidade, uma vez que seus pontos de encontro situam-se em estabelecimentos consagrados, popularmente mais prestigiados em regiões onde o fluxo de clientes é notadamente maior, e a remuneração costuma ser maior que a das espeluncas, e a prostituta que ali trabalha pode esperar um maior reconhecimento social de seu trabalho, elevando o nível de sucesso. Esses espaços são equivalentes aos famosos estabelecimentos de segunda classe. No nível mais acima, encontra-se aquelas mulheres que estabelecem seu ponto de encontro nos famosos clubes noturnos, formados por boates e casas de shows eróticos de primeira classe. A

31 Considero o ponto de encontro de uma prostituta uma estrutura móvel que segue a prostituta em seus deslocamentos em busca de um espaço favorável.

remuneração é muito boa e os horários são flexíveis e as mulheres que ali trabalham esperam serem reconhecidas como bem sucedidas dentro e fora da profissão. No ponto mais alto dessa escala encontram-se as mulheres *free lancer*, acompanhantes de luxo, do *staff*³² da televisão, e outras “famosidades”. A remuneração é altíssima, os horários são agendados, e os modos de vida que levam são considerados no meio prostitucional como “vida de artista”, e possuem alta respeitabilidade até mesmo por não membros - *outsiders*.

Uma rede de fraternidades informais e interligadas, reconhecidas no meio como “turmas”, auxiliam seus membros tanto na locomoção de seu ponto de encontro para outros territórios, como na apresentação a novos contatos. Para que isso ocorra, dentro de um mesmo nível, ou para que se ascenda a outro nível, é necessário galgar uma posição dentro das turmas. Estas são estabelecidas por uma firme relação de troca, onde os membros, apadrinhados por outros em posições mais altas na hierarquia, estão constantemente acessando suas redes para fornecer trabalho para os outros, seja na indicação a um novo território, ou seja para um cliente. A indicação serve como forte credencial para a imagem que projeta uma prostituta, que passa a ser conhecida na comunidade à medida que é feita indicações a seu respeito. Assim, aquela que não é conhecida perde trabalho, enquanto que aquela que consegue inserir-se em uma “turminha” assegura fontes inesgotáveis de trabalho. A estabilidade para quem é membro de uma turma é uma realidade para muitas prostitutas, como uma explicou:

Teve uma época que eu fiquei mais de quinze dias sem fazer programa nenhum. Tava sozinha e todos os clientes da casa já chegavam procurando a garota certa, e eu não entendia nada, o tempo passava e muitos poucos se interessavam em mim, geralmente cafuços. Depois que fiz umas amizades lá dentro tudo mudou. Minhas amigas de turma não me deixavam mais ficar sem trabalhar por muito tempo, e sempre que eu estava no sufoco, elas me indicavam para os clientes amigos delas. Todos confiáveis. As vezes eram dois clientes e uma garota na mesa. É contra as regras se atirar em clientes já acompanhados, mesmo que sejam muitos clientes para uma garota só. Assim, a que já está lá negocia os programas com eles e convida uma amiga pra se

juntar. O valor é sempre padrão, e você quando vai já sabe que é certo receber.

A prostituta então, solidifica essa relação de troca, retribuindo a ajuda sempre que for necessário, para manter o círculo:

Naquela noite da festa, eu consegui arrumar um cliente para a Monique. Ela me indica tanto. ... Era o mínimo que eu poderia fazer por ela, e olha que ela já tinha recebido três nãos naquela noite. É como costumamos dizer aqui dentro, uma mão lava a outra. Podendo ajudar ajudo mesmo. Fiquei feliz porque é a segunda vez que consigo ajudar uma amiga aqui.

A qualidade e a grande quantidade de relações desse tipo assegura certa estabilidade para a prostituta. Assim sua carreira é aperfeiçoada à medida que sua rede de contatos cresce a ponto de não lhe faltar trabalho.

Quando a Silvana foi embora da boate, fiquei com a metade dos clientes que ela me apresentou. Toda vez que eles iam lá atrás dela e não a encontravam, acabavam ficando comigo, pois eles já me conheciam através dela, então me tornei uma garota de confiança deles. A mesma coisa aconteceu com a Vera. Tinha muitos clientes que só saíam com ela, eram firmes, a ponto de ir embora sem sair com ninguém quando não a encontrava. Eram capazes de segui-la para onde quer que ela fosse, como um que vinha de Niterói de carro só pra passar o fim de semana com ela. Outro dia um deles apareceu atrás dela, e não conhecia mais ninguém, só a mim, porque uma vez ela me apresentou a ele como sua amiga. Quando soube que ela estava no Ceará em turnê, e que iria levar uns seis meses para retornar no mínimo, se conformou, e então me queixou e saímos. Sou a substituta da Vera (em meio a risos).

Observa-se que as “turmas” de prostitutas conserva semelhanças com as “panelinhas” da prática de músicos. As prostitutas estabelecem elos de reciprocidade na indicação de trabalho e clientes da mesma forma que músicos cooperam entre si na distribuição de empregos e contatos³³. A diferença básica entre os dois complexos

institucionais orbita em torno do fato de que na prática de músicos, as “panelinhas” são mais sólidas, temporalmente falando, que a averiguada na prática prostitucional. Nesta, observa-se que para algumas mulheres “queimadas”, geralmente por não ter agradado algum cliente, gera-se necessidade de afastamento temporário e de constante troca de nomes quando se deseja reativar novo ciclo de sua carreira³⁴. Como migrar de um espaço para outro com frequência é uma realidade presente na carreira de toda prostituta, pode ocorrer de a mulher ter sua imagem esquecida na comunidade frequentadora de determinados territórios devido aos constantes afastamentos, mesmo quando são temporários. Contudo, a prática prostitucional conserva, em consonância com a prática dos músicos, as condições necessárias para que a mulher possa sobreviver e abastecer sua própria rede sem a necessidade de se apelar para as redes de outras. Assim se percebe que as “fraternidades” são ferramentas importantes, mas não são a única forma de se conseguir trabalho.

Tive que passar um tempo com a família lá na minha terra, pouco tempo sabe? Quando voltei pra boate vi que algumas garotas não estavam mais trabalhando ali. Então passei um barrio doido negão. Com o meu afastamento nunca mais vi a cara dos meus clientes, e como não conhecia ninguém tive que levantar a onda toda de novo e sozinha. Suei, mas precisei apenas de um pouco de paciência. Com o tempo passei a contar com muitos novos clientes e até melhores do que os antigos. Foi uma oportunidade boa pra dar uma repaginada.

A participação em turmas não é importante apenas para aumentar o grau de estabilidade para a prostituta, serve também como mecanismo através do qual as prostitutas ascendem de um nível a outro. Dessa forma, há em algumas turmas mulheres

34 Existem sites e fóruns na internet organizados por outsiders interessados em ranquear estabelecimentos e prostitutas segundo o grau a que satisfazem seus desejos. Eles chegam a dar nota para a prostituta exibindo os critérios que elegem como os que devem ser atendidos no programa. Em muitas ocasiões, prostitutas perdem sua reputação por conta de algo que possa não ter feito, e isso com frequência atinge também a reputação do estabelecimento de onde foi contratada. Em casos extremos pode resultar na expulsão da garota. O mais conhecido fórum como esse reúne “clientes profissionais” concentrados em dar opiniões, avaliações e contar suas experiências com prostitutas de todo o país, sendo possível visualizá-los em tópicos destinados a cidades específicas, dentre eles o Condado e seus territórios mais prestigiados.

“associadas” cujo ponto de encontro está estabelecido em territórios de nível inferior, mas que obtiveram em algum momento contato com outras de nível mais elevado, facilitando a entrada nos níveis mais acima. Quando um trabalho está disponível, pode ocorrer de uma mulher indicar outra que trabalha em outro território, servindo como “ponte” de acesso, conduzindo o cliente até lá.

Certa vez um cliente meu queria sair com duas, eu e outra que eu quisesse levar. Então falei de uma amiga que trabalhava num lugar do Central. Poxa, ele paga muito bem, e a Adri não tava conseguindo muita coisa lá onde ela estava. Já trabalhei um tempo lá e sei como é difícil. Você não fica sem trabalho, mas os programas são baixos e você acaba tendo que fazer três a quatro programas pra conseguir o que consigo aqui com um. Então levei ele lá pra conhecê-la. Ele gostou e topou sair com ela também. Pra mim foi mais um, mas pra Adri valeu por uma semana. Ela me conta que de vez em quando ele aparece por lá pra sair com ela.

Há com frequência uso das turmas para auxiliar alguma mulher a migrar seu ponto de encontro de um nível mais baixo para outro mais elevado, através de apresentação e indicação, por determinada garota que ocupa posição estratégica, a alguns proprietários de estabelecimentos, e que se responsabiliza por sua conduta lá dentro.

É muito difícil entrar aqui. É um lugar bastante seletivo. Nunca tem vaga pra novata. As garotas dizem que em time que tá ganhando não se mexe. E eu tenho uma amiga que tinha todas as qualidades para estar dentro, sabe? É muito bonita, se veste muito bem, é educada e gosta de trabalhar, tudo o que é exigido. Mas me contou que tentou uma vez vir por conta própria e disseram que já tava cheio, que tentasse no mês seguinte. Então eu usei minha influência junto com outras amigas pra convencer as outras garotas de lá a aceitá-la e elas confiaram em mim e aceitaram. Hoje é uma das meninas mais procuradas da casa. Não faço essas coisas pra ganhar nada em troca, mas acabei fortalecendo a confiança que elas tem comigo e consegui colocar mais uma amiga pra dentro. Ter uma amiga, alguém em quem confiar num ambiente desses é muito importante. Claro, se ela cometer algum deslize, é o meu que tá na reta né?

O bom desempenho de uma “novata” indicada será sempre requisito básico para que ela consolide-se no novo nível que ascendeu, e não cause desconforto para quem a indicou. Mantendo o bom desempenho, ela poderá estabelecer-se em novas

turmas, bem como ampliar sua rede de contatos. As mulheres que indicam mantêm certa apreensão com relação ao desempenho das suas amigas, e isso está assentado na forte relação de reciprocidade dentro das turmas.

Na mesa em que eu estava havia cinco clientes. Um deles que já era cliente antigo perguntou em off: “onde estão suas amigas?” Respondi: “Hoje só tem eu e aquelas duas ali. Não vai dar pra cada um ficar com uma” Ele disse: “ Vai ter que dá, porque eu prometi a eles que não viriam aqui a toa. É uma despedida de solteiro, e tem que dar certo, pois só temos essa chance. Eles estão com o bolso cheio e vieram pra gastar mesmo. Um deles é o meu patrão. Apresenta elas, e o resto eu me viro” Eu não tava com vontade de chamar aquelas garotas porque eu mal as conhecia e eu não podia correr o risco de me queimar. A única referência que eu tinha pra poder confiar é que elas eram da turma da Natália, e ela nunca me deixou na mão, então as chamei e disse: “Olha, tem uns clientes afim de sair com a gente. Eles não podem ficar desapontados, de forma nenhuma, estão ouvindo? Vai ser só nós três, mas vamos receber por cinco. Se der tudo certo eles vão voltar sempre atrás da gente” No final foi bom porque elas trabalharam direitinho, e agora sei que posso contar com elas pra outras saídas.

O que se conclui até aqui é que subir de nível, no mundo prostitucional, e estabelecer-se no novo nível requer forte desempenho, bem como condições de se fazer crescer sua rede com contatos capazes de ligar uma mulher a outras redes. Apesar das “pontes” existentes capazes de se fazer uma mulher conseguir trabalho em outro nível, a sua habilidade e competência é o que selará sua permanência ou não no outro nível. Ressalta-se que a qualidade do trabalho encontrado está atrelado à qualidade dos contatos estabelecidos. Como já foi explicitado em citações anteriores, mulheres membros de turmas esperam sempre receber favores em troca pelos que já prestou. Ao passo que as retribuições aumentam, os laços que unem os membros se solidificam, estendendo também a longevidade da turma. Outro fator relacionado à longevidade é o constante recrutamento de novos membros à turma, pois garante que as redes permaneçam sempre abastecidas de contatos, e como consequência turmas podem influenciar territórios variados e a abrangência das redes de uma única turma pode se tornar tão forte a ponto de ter influência em outros territórios.

Através da busca por laços com turmas, e de toda a relação de reciprocidade que seus membros possuem uns com os outros na manutenção e ampliação das redes de contato, além de um desempenho satisfatório na atividade, tudo isso junto representa as etapas, ou sequências, necessárias para se ter uma carreira bem sucedida dentro do mundo prostitucional. Etapas estas que possuem muita semelhança, como já exposto, com as etapas presentes na estrutura ocupacional de músicos, uma vez que para estes, a carreira bem sucedida está relacionada à adesão às “panelinhas”- homólogo organizacional das “turmas” no mundo prostitucional.

4.2.2. Um padrão de carreira: a profissional intérprete social

Para demonstrar as principais modalidades de entrada e ascensão no universo prostitucional, assim como dos tipos de carreiras e suas etapas, tomou-se como ponto de partida a socialização profissional. A socialização profissional diz respeito às etapas e sequências típicas a que um indivíduo terá que cumprir para se construir uma carreira bem sucedida em determinado ofício. Mas não se trata somente da absorção de competências e saberes teóricos e abstratos (títulos e diplomas) adquiridos. Trata-se fundamentalmente do êxito na iniciação de um trabalho real, organizado principalmente em sequências (ou etapas) distintas, seguidas por uma conversão onde o indivíduo parte de um mundo “leigo” onde vê ofício através de seus estereótipos, e segue rumo ao mundo “profissional” da prática do ofício, onde se exerce tarefas de vários tipos, desde as mais prestigiadas até àquelas com menor reconhecimento (serviços sujos), ou seja, de um conjunto de elementos que formam uma cultura específica, tais como uma linguagem, visão de mundo, práticas e modo de vida específicos, além de uma projeção de carreira (DUBAR, 2012).

Esta forma de compreender as etapas e sequências a que uma pessoa deve enfrentar para estabelecer uma carreira, e de toda a transformação de si operada concomitantemente, pode ser observada no caso da mulher que ingressa no mundo prostitucional. Tomamos aqui o caso da prostituta que consegue captar o perfil do seu cliente como aquele caso padrão de carreira, que se destaca neste universo. Chamamos

esse caso da “a prostituta intérprete social”, uma vez que ela desenvolve um conjunto de técnicas e capacidades para conhecer seu cliente.

Dito de outro modo, é aquela capaz de decodificar os códigos sociais e as utiliza em benefício próprio. Com esse perfil, a prostituta consegue manter estabilidade financeira, pois, se por um lado, existem aquelas prostitutas que evitam sair com os tipos perigosos, a intérprete, por outro, é capaz de manter equilíbrio emocional em casos extremos e exercer a teatralidade com base nos códigos sociais que se assemelha a cada situação, já absorvidos de experiências anteriores, inclusive para alguns casos, à sua entrada no mundo prostitucional, assim é o tipo de prostituta que menos recusa programa, e a que consegue trabalhar nos espaços menos prestigiados com mais resignação, tanto na rua quanto nos de *staff* mais elevado. Esse tipo é o que não tem problemas de sair com nenhum tipo de cliente, e são as que se dão melhor na função de psicóloga, quando necessitam desempenhar em alguns casos. Os indivíduos desse tipo apresentam geralmente uma disposição aventureira.

Investi o dinheiro que consegui em dois anos num restaurante, justamente pra ser meu ganha pão principal. É uma vida que tento ficar longe. Me ajudou e ainda me ajuda muito, mas é muito problema, tenho que ficar longe da minha família, que mora em Belém, pois eles não sabem o que faço aqui. Às vezes acontece alguma crise e recorro à vida. Não é minha primeira opção, mas muitas vezes é só o que me resta, e sei me virar nisso.

4.3.3. Etapas e Contingências

A primeira etapa que podemos identificar para entrada no mundo prostitucional da casa noturna são as condições objetivas que afetam a decisão de entrar neste universo. Podemos destacar, dentre estas as seguintes: a): condição financeira, como, desemprego, dívidas, pobreza, ou a necessidade de obter recursos para pagar o sustento da família, dos filhos; b) violência dentro da família, como estupro, agressões físicas de familiares; c) incompatibilidade de valores dentro da família de origem associada as experiências sexuais tidas como “promíscuas” ou “liberais”, ou ainda, como não se comportar da forma que a família deseja, por exemplo, jovens mulheres que são

tachadas como “preguiçosas”, “namoradeiras”, “maconheiras”, dentre outras denominações. Essas classificações acabam levando a expulsão do ambiente familiar ou o seu distanciamento. Esses eventos se tornam desencadeadores importantes para entrada no mundo prostitucional, uma vez que a aspirante a prostituta necessitará de meios para subsistir longe do espaço familiar. Como exemplo deste último evento citado, o relato abaixo é bastante ilustrativo.

No caso de Mônica, ela foi expulsa de casa pelo pai e não tinha pra onde ir. Pelo que eu sei, muitas garotas que são expulsas de casa não têm para onde ir, acabam indo procurar moradia em cabarés mesmo. (Fonte: diário de campo).

Contudo, esta etapa tratada isoladamente não é suficiente, é preciso ainda que outras ocorram. Dentre estas a necessidade de ter conhecidos, como amigos, vizinhos, parentes que já trabalharam no mundo prostitucional e que façam a apresentação e o convite e que coloquem a possibilidade de atuação neste espaço.

Eu morava sozinha, e sempre me virei do jeito que podia. Mas teve uma época em que eu passei por dificuldades financeiras muito fortes, que até o dinheiro pra comprar um bujão de gás me faltava. Então pedi ajuda à minha irmã. Ela me indicou um lugar onde eu poderia trabalhar e ganhar um bom dinheiro. Ela me indicou um bar no interior onde ela já trabalhou. (Fonte: diário de campo).

E, por fim, tornaram-se determinantes as experiências num mundo “outsiders”, como com usuários de drogas, traficantes, ou até mesmo dívidas que conduzam a entrada nesse universo. Assim, contingências, como as que Becker fala, são importantes para a união de uma etapa a outra, ou seja, não são as experiências isoladas que determinam que alguém se torne prostituta, como ser usuária de drogas por exemplo, é preciso que haja uma espécie de agente mediador que estabeleça a relação. Uma contingência interessante é a proximidade com o mundo prostitucional de mulheres que, sem pretensão alguma de se tornar prostituta, acabaram “estudando” o ofício, devido à natureza de seu trabalho (garçonete de clubes noturnos) proporcionar a aproximação adequada, até que o convite lhe é feito. Assim, o trabalho lhe serve como mediador, como ilustra o seguinte relato:

Certa vez uma garota foi trabalhar como garçomete em um clube noturno da cidade e lá passou cerca de seis meses trabalhando dessa forma. Ela recebia muitos convites para aceitar fazer programas. Eram diversas ofertas. Certo dia ela aceitou o convite de um cliente que sempre a assediava. É muito comum mulheres que trabalham como garçomete aceitarem esse tipo de oferta dos clientes. Ele deu a ela um celular e depois a cobrou com sexo, e ela topou.

CONCLUSÃO

Esta dissertação pode fornecer elementos importantes para a apresentação e compreensão de como se dá a dinâmica dentro do mundo prostitucional. Temos uma atividade essencialmente estigmatizada que produz para a vida das pessoas que a executam situação de exclusão e isolamento social significativos. Foi um grande exercício com dificuldades para a pesquisa acentuadas, haja vista o esforço para se conseguir captar informações de um grupo social que tenta a todo o momento esconder suas reais motivações e objetivos.

A relevância da compreensão da socialização profissional de um grupo social desviante é para os estudiosos da Sociologia dos grupos profissionais e do desvio seu ponto de maior interesse, haja vista que é um aspecto inerente à toda atividade profissional, desviante ou não, e como apreender como uma pessoa entra em um universo como o da prostituição pode abrir caminho para outros estudos de grupos profissionais. Através da cultura que se desenvolve em torno de problemas comuns é que se formam os perfis profissionais, que podem ou não entrar em conflito, e é a partir daí que emergem suas escolhas e direcionamentos para uma carreira de sucesso, onde os membros devem lidar com alianças e situações desfavoráveis.

Nesse sentido, os capítulos buscaram demonstrar tais questões. No primeiro, busquei apresentar o objeto e problema de pesquisa, e o referencial metodológico a que investi na pesquisa. A linha interacionista fornece uma dimensão metodológica interessante e necessária para o estudo de carreiras profissionais, haja vista que não tenciona dimensionar o produto da atividade profissional no corpo de um conceito abstrato, como fazia os teóricos do funcionalismo com qualquer atividade, abrindo espaço para novas interrogações que surgem com a dinâmica interna, como por exemplo as relações de poder que se desenvolvem na prática, por um grupo definido de pessoas e baseada em um conhecimento que só pode ser atingido através do mergulho no universo do ofício e vivido através de uma cultura própria.

No segundo capítulo, pretendeu-se observar uma visão histórica do desenvolvimento da atividade, sobretudo da estigmatização e suas consequências para a vida das mulheres que exercem o ofício, desde o período colonial. Assim pode-se perceber que a violência, preconceito e todo tipo de reação social contra a atividade é conduzida de forma a manter a profissão na condição de atividade do submundo, onde é associada ao mundo do crime, a atividade disseminadora de doenças, e a outras denominações depreciativas. A prostituição desenvolveu-se historicamente em meio à segregação e exclusão social, ao passo que conseguiu subsistir em meio à violência sofrida por perseguições e alvo de injúrias pela comunidade mais convencional.

No terceiro capítulo, pretendeu-se evidenciar que uma atividade estigmatizada, e com baixo reconhecimento social, como a prostituição, necessita criar e manter territórios onde o ofício possa ser exercido de maneira livre e sem obstáculos pela comunidade prostitucional. São os casos da prostituição exercida nos diferentes bairros que conduzem normalmente atividades diferentes e que comportam públicos igualmente distintos, mas que com sucesso incorporaram como componente indissociável a prostituição em sua paisagem urbana, atraindo público de várias regiões. Assim, a prostituição vive problemas e situações próprias para cada território, mas que consegue driblá-las com eficiência. A contribuição desse capítulo centra-se no desenvolvimento e manutenção de territórios, e na condução de atividades desviantes, que necessitam de espaço tanto para seus membros, quanto para outros grupos que compõe esse universo.

No quarto capítulo, é a cultura e a socialização profissional no mundo prostitucional que se destaca. Temos que a cultura de um grupo profissional deve ser entendida em torno dos problemas comuns à atividade. No caso em questão, vimos que o ofício de prostituta se desenvolve em torno de mecanismos que minimizem o sentimento de vulnerabilidade a que estão sujeitas as prostitutas quando colocadas no contexto de ambiente fechado e supostamente controlado, diferentemente do que vivencia uma prostituta que atua na rua, por exemplo. Assim, compreender como se dá

a entrada nesse mundo, considerando as etapas necessárias, e muitas vezes fora de ordem, nos leva a pensar quais as contingências, sobretudo no que se refere ao papel das redes de contatos, e suas conseqüências para a carreira profissional, que conduz uma mulher no universo prostitucional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Rossana Maria Marinho. **Para além da tensão entre moral e economia: reflexões sobre a regulamentação da prostituição no Brasil.** Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2008.

ALVAREZ, G.; Maria Teixeira Rodrigues. Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área de saúde (HIV/Aids). **Revista de Ciências Sociais**, v. 32, n.1/2, pp. 53-68, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: **História das mulheres no Brasil.** Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) 9ª ed., 1ª reimpressão – p. 45-77. São Paulo : Contexto, 2008.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Tradução de Maria Luíza X. de Borges; revisão técnica Karina Kuschmir. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

BECKER, Howard S., Blanche Geer, Everett C. Hughes e Anselm L. Strauss. **Boys in White: Student Culture in Medical School.** Chicago, University of Chicago Press, 1961.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para pesquisa de campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Cap. 4.

BERREMAN, G. D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: Guimarães, Alba Zaluar (org.) **Desvendando máscaras sociais.** RJ: Francisco Alves, 1980.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho.** 3ª Ed Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHAPOULIE, Jean-Michel. Sur l'analyse sociologique des groupes professionnels. In: **Revue française de sociologie.** 14-1. p. 86-114, 1973.

CICOUREL A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (org) **Desvendando máscaras sociais.** RJ: Francisco Alves, 1980.

COLLINS, R. A Tradição Microinteracionista. In: **Quatro Tradições Sociológicas.** Petrópolis, Vozes, p. 13-48, 2009.

CUNHA, N. V.; MELLO, M. A. S. Carreiras, Projetos e Construção Social de Identidades Profissionais em um Grupo de Sanitaristas Brasileiros. In: **Congresso**

Brasileiro de Sociologia, 2003, Campinas. Programa do XI Congresso Brasileiro de Sociologia. Campinas, 2003.

CUNHA, N. V. Como se fabrica um policial: considerações em torno dos processos de socialização e formação profissional. **Comum** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 9, n.22, p. 198-207, 2004.

DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: A socialização profissional. In **Cadernos de pesquisa**. Trad. Fernanda Machado. Vol. 42, nº 146, p. 351-367 maio/agosto 2012.

_____. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educ. Soc.**, vol. 19, nº 62, p. 13-30. ISSN 0101-7330. Abr. 1998.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) 9ª ed., 1ª reimpressão – p. 141-188. São Paulo : Contexto, 2008.

FREIDSON, Eliot. La teoria de las profesiones. In: Estado del arte. **Perfiles Educativos**, año/vol. 23, número 093, Universidade Nacional Autónoma de México. México, D.F., México, p. 28-43, 2001.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) 9ª ed., 1ª reimpressão – p. 511-553. São Paulo : Contexto, 2008.

GASPAR, Maria Dulce. Notas Sobre o Trabalho de Campo In: **Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade**

Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert. Data Publicação Original: 1891; Data da Digitalização: 2004.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução Dante Moreira Leite. Debates; 91 / dirigida por J. Guinsburg. 8ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GOODE, William J. HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. SP: Companhia Editora Nacional, 1970. Cap. 10.

GONÇALVES, Carlos Manuel. Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento. Sociologia - **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, 17/18, p. 177-223, 2007.

GREMY, J. P.; LE NOAM, M. J. Analyse de la demande de cconstruction de typologies dans les sciences sociales. **Informatique et sciences humaines**, 35, 1977.

HUGHES, Everett C. Institutional Office and the Person, **American Journal of Sociology**, v.43, n.3, p.404-412, nov 1937.

_____. **Men and their work**. Connecticut, Greenwood, 1958.

JOAS, H. Interacionismo Simbólico. In: GIDDENS, A. et all. **Teoria Social Hoje**. SP, UNESP, pp. 471-502, 1999.

LEITE, Gabriela S. Prostituição: máscaras antigas, nova cidadania. In: **Comitê Latino Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM)**. Mulheres: vigiadas e castigadas. São Paulo: Cladem-Brasil, p.463-470, 1995.

LIMA, Rita C. P. Sociologia do desvio e interacionismo. In: **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 13(1), p.185-201, maio de 2001.

MARSHALL, C. E.; MARSHALL, I. H. Prostitution in the Netherlands: It's Just Another Job! In: CULLIVER, C. (Ed.). **Female Criminality – The State of Art**. New York/London: Garland Publishing Inc., p. 225-247, 1993

MATHIEU, Lilian. **La condition prostituée**. Collection la discord, Paris, Textuel, 2007.

_____. : Quand « la peur devient une existence » : sur la place de la violence dans le monde de la prostitution. **L'Homme et la Société**, no. 143-144, janeiro-junho de 2002.

_____. “L’espace de la prostitution: éléments empiriques et perspectives en sociologie de la déviance”, **Sociétés contemporaines**, n.º 38, p. 99-116, 2000.

MILLS, W. A Grande Teoria. **A Imaginação Sociológica**. RJ, Zahar, p. 33-58, 1982.

_____. Do artesanato Intelectual. **A Imaginação Sociológica**. RJ, Zahar, p. 133-58, 1982.

PRYEN, S.; BARBOTIN, D.; MARY, C. Étude sur les condition de vie des personnes prostituées à Lille. Rapport IFRÉsi présenté à AIDES Nord-Pas de Calais et au Conseil communal de prévention de la délinquance de Lille. 1997.

PRYEN, S. **Stigmate et métier**: Une approche sociologique de la prostitution de rue. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 1999.

RIBEIRO, M. A; MATTOS, R. B. **Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro**. In: Revista TERRITÓRIO, 1(1), 1996.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

RODRIGUES, Maria de Lurdes. **Sociologia das Profissões**, Celta, Portugal (Oeiras), 2ª Edição, 2002.

RODRIGUES, Renato Mori. Prostituição e construção de carreira: um estudo sobre o trabalho de prostitutas do centro de Salvador. 2010. **Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)** - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) 9ª ed., 1ª reimpressão – p. 362-400. São Paulo: Contexto, 2008.

SUTHERLAND, Edwin H. **The Professional Thief**. University of Chicago Press, 1937.

SWAIN, Tânia Navarro. **Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica**. Montes Claros, v.6, n.2 - jul./dez. 2004.

TEIXEIRA RODRIGUES, M. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? In: **Rev. Katál**. Florianópolis v. 12 n. 1 p. 68-76 jan./jun. 2009.

TELES, M. A. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TRAPIER, Pierre. Du travail à l'emploi. **Paradigmes, idéologies et interactions**, Bruxelles, Éditions de l'Université de Bruxelles, 1991.

PARSONS, T. & SMELSER, N. Uma mudança estrutural na economia americana: a separação da propriedade relativamente à direção. In: BIRNBAUM, P. & CHAZEL, F. **Teoria Sociológica**. SP, Edusp, pp. 195-203, 1977.

PERLONGHER, Nestor O. **O Negócio do Michê: Prostituição viril em São Paulo**. 2ª Edição. São paulo, Editora Brasiliense, 1987.

SIMÕES, Soraya Silveira. Identidade e política: a prostituição e o reconhecimento de um métier no Brasil. In **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v.2, n.1, jan.-jun., p.24-46, 2010.

VELHO, Gilberto. Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil. In: **Ilha. Revista de Antropologia**, v. 4, n. 1. Florianópolis: UFSC, Jul., p. 5-16. 2002.

_____. O Estudo do Comportamento Desviante: A Contribuição da Antropologia Social (cap. 1). In: **Desvio e Divergência: Uma Crítica da Patologia Social**, Gilberto Velho (Org.), 8ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: porque censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.